

ISPA - Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

5
DM
CATA.1

CAST

"A JANELA DA FANTASIA - REALIDADE E FICÇÃO"



INÊS CATÃO

Lisboa
1999

ISPA C.
Centro de Documentação
Tel: 21 861 11 50
Registo: 12493
Data: 22/01/01
ISSBT

ISPA - Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

"A JANELA DA FANTASIA-REALIDADE E FICÇÃO"

Orientanda: INÊS CATÃO

Orientador: PROFESSOR DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS

Coorientadora: PROFESSORA DOUTORA ANA BEATRIZ FREIRE

Reg. 12493
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

Lisboa

1999

Para Armando, Elisa e Francisco
Testemunhos da minha realidade

A todos os que, adultos e crianças,
confiaram a mim a escuta de suas
realidades

Agradecimentos

À José Gil, professor catedrático de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, quero dedicar os meus primeiros agradecimentos por ter acreditado, desde a primeira hora, que este mestrado era possível. Sua confiança sustentou a minha insistência.

À Carlos Amaral Dias, professor catedrático do ISPA-Instituto Superior de Psicologia Aplicada, orientador desta dissertação, pela confiança em minha capacidade de desenvolver o tema da fantasia, por ele proposto; pela tolerância extrema no embate das diferenças, o que possibilitou uma atitude criadora; por compartilhar sua intuição e experiência clínicas e sobretudo, pela postura instigante, viva e inteligente com que marca tudo o que faz, e que também marcou esta orientação.

À Ana Beatriz Freire, professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia – UFRJ, Brasil, por ter aceite coorientar esta dissertação. Pelas suas preciosas sugestões e comentários, sem os quais esta dissertação não teria sido possível.

À Tânia Coelho dos Santos, por ter indicado a leitura da tese de mestrado de sua orientada Isabela Fernandes Xavier Ferreira, muito útil ao meu próprio trabalho.

À Neusa Santos Souza, amiga de longa data, pela forma gentil e carinhosa que sempre encontrou de dizer o que tem que ser dito. Pelo envio de seus livros e textos, resultado de suas rigorosas pesquisas teóricas e clínicas, que também instruíram o meu trabalho.

À João Ferreira da Silva Filho, ex-professor e amigo, por "cobrar" de mim, há muito tempo, que este mestrado se fizesse.

À Maria João Pina de Moraes de Sousa e Brito, amiga portuguesa, pelas pistas que sugeriu na parte referente a Bion e pelo apoio e incentivo oferecidos ao longo desta caminhada. À ela e a todos os amigos do "Centro".

À amiga Clara Alonzo Barros, que gentilmente se disponibilizou a redigir o *Abstract*

.À amiga Selma Calazans Rodrigues, que disponibilizou o seu tempo e a sua experiência acadêmica para ler e comentar esta dissertação.

Às amigas Angeline Zannoni e Maria de Lourdes dos Santos Rodrigues Cruz, da Aliança Francesa de São João do Estoril, sempre carinhosamente disponíveis e interessadas em aprimorar o meu francês.

Ao professor Correia Filipe que me iniciou, de modo sistemático, nos procedimentos informáticos.

Aos meus pais, Cecília e Guilherme, pelo apoio incondicional ao longo de todos esses anos.

À família Caldeira-Pires e Caldeira-Pires Serras, em especial à Maria Helena Caldeira-Pires Serras, os quais são hoje, em Portugal, a minha família.

Aos amigos que, de diversas maneiras, cada um a seu modo, incentivaram e incentivam meu caminho e que, ao longo dos últimos anos, ajudaram a manter vivo o elo que me liga a minha terra natal: Antônio Dantas, Dulce Duque Estrada, Helena Martinho da Rocha, Lisangela Gnocchi da Costa Reis, Lúcio de Lima, Maria Clara Lins Portugal de Assis Brasil, Sônia Motta, Roberto Jorge Cheib, Vera Moll e tantos outros que, por escassez de espaço, e não de memória, não são aqui nomeados.

À Fátima Sequeira, por ter-me ajudado a perceber que o caminho se faz ao caminhar.

À José Nazar, só-depois.

À JNICT- Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica- PROGRAMA PRAXIS XXI, que forneceu uma bolsa de estudos para a realização deste mestrado.

Resumo

O objeto desta dissertação é a noção de fantasia e sua conexão com a noção de realidade. As duas noções, determinantes para a psicanálise, são investigadas a partir da obra de três autores, a saber, Freud, Lacan e Bion.

A descoberta da fantasia por **Freud**, a partir do relato de suas pacientes histéricas, funda a noção de *realidade psíquica*. A fantasia freudiana, consciente e inconsciente, confunde-se com a própria realidade que interessa ao trabalho de análise.

Lacan, em sua releitura de Freud, retoma a noção de realidade (e da prova de realidade) para enfatizar o seu estatuto de real. Quanto à fantasia, outorga-lhe um lugar especial em sua obra, matematizando-a como a *fantasia fundamental* ($\$ \diamond \alpha$). Para Lacan, “a fantasia é a própria realidade psíquica”.

Contemporâneo de Lacan, **Bion** atribui à realidade um estatuto particular. Para além da realidade psíquica (interna) e da realidade sensível (externa), Bion funda um terceiro nível de realidade a que chamou *realidade última*. Quanto à noção de fantasia- tão cara a Melanie Klein de quem foi discípulo-, não surge, ao menos sob esta denominação, em sua obra. Procuramos neste trabalho, explicitar a relação que este autor estabelece entre a sua noção de realidade e a noção de fantasia freudiana.

Abstract

The object of this dissertation is the phantasy notion and its connection with the reality notion. The two determinant notions for psychoanalysis are investigated based on three authors' works, namely, Freud, Lacan and Bion.

Freud's discovery of phantasy, through the accounts of his hysterical patients, founded the notion of *psychic reality*. Freudian phantasy, conscious and unconscious, merges with the reality that interests to the psychoanalytic practice

Lacan, in his reading of Freud, retakes the reality notion (and *the reality-testing notion*) to emphasize its status of real. As for phantasy, he attributes a special place to it in his works, "mathematizing" it as the *fundamental phantasy* ($\$ \diamond \alpha$). For Lacan, "the phantasy is the own psychic reality".

Contemporary of Lacan, **Bion** attributes to the reality a private status. Bion founds, apart from psychic reality (internal) and reality sensuous(external), a third reality level , which he named *ultimate reality*. As for the phantasy notion - so dear to Melanie Klein of whom he was a disciple -, it doesn't appear, at least under this denomination, in his works. In our work, we try to explicit the relationship that this author establishes between its reality notion and the notion of freudian phantasy

Índice

PREFÁCIO	10
I. INTRODUÇÃO	12
FANTASIA OU FANTASMA	12
A REALIDADE DA PSICANÁLISE	16
II. FANTASIA E REALIDADE EM FREUD	32
II.1. A TEORIA DA SEDUÇÃO E A DESCOBERTA DA FANTASIA	32
II.2. OS DOIS NÍVEIS DA REALIDADE FREUDIANA - A REALIDADE PSÍQUICA	37
II.3. A FANTASIA MAIS ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER	41
II.4. A REALIDADE TRAUMÁTICA E A FANTASIA - A CONSTRUÇÃO MÍTICA DA REALIDADE	46
III. FANTASIA E REALIDADE EM LACAN	54
III.1. MAIS ALÉM DO PRINCÍPIO DE REALIDADE - A PROVA DE REALIDADE E O IMATERIAL IRREDUTÍVEL	54
III.2. A ESTRUTURA DA FANTASIA - O VÉL DA REALIDADE	62
III.2.1 <i>Poesia e verdade ou o mito individual do neurótico: mito e fantasia</i>	65
III.2.2 <i>A fantasia é a própria realidade psíquica</i>	76
III.3 O REAL, A REALIDADE E A FANTASIA - A OPOSIÇÃO INTERNO / EXTERNO E A BANDA DE MOEBIUS	80
IV. FANTASIA E REALIDADE EM BION	88
IV.1. BION OU OS LIMITES DO KLEINISMO	88
IV.1.1 <i>O legado kleiniano e a constituição da realidade</i>	91
IV.1.2 <i>A realidade em Bion - a morte da coisa e o pensar</i>	101
IV.2. A NOÇÃO DE "BARREIRA DE CONTACTO", A REALIDADE E A FANTASIA	106
IV.3. OS TRÊS NÍVEIS DE REALIDADE EM BION - REALIDADE SENSÍVEL, REALIDADE PSÍQUICA E REALIDADE ÚLTIMA	114
IV.4. VERDADE, FALSIDADE E MENTIRA - O LUGAR DOS PENSAMENTOS MÍTICOS	120
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
POSFÁCIO (PÓS-FÁCIL)	139
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142

Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais... As penas que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade... O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava... Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim... e o rio-rio-rio, o rio - pondo perpétuo... e, eu, rio abaixo, rio afora, rio adentro - o rio.."

João Guimarães Rosa
"A terceira margem do rio"
in *Primeiras Estórias*

PREFÁCIO

Quando finalmente me defrontei com a difícil tarefa de escrever esta dissertação, meu percurso na psicanálise já não era recente. Ele adolecia nos dezenove anos que hoje me separam daquele início e que para mim coincidiu com o término da licenciatura em medicina, quando iniciei minha primeira análise pessoal.

A conclusão do curso médico em 1981 e a prática psiquiátrica que a ele se seguiu até 1988, não sendo longa, revelou-se suficiente. A prática psiquiátrica veio confirmar a minha crença numa causa outra dos distúrbios psíquicos, que me não permitia pretender administrá-los por meio de medicamentos. Essa certeza, talvez anterior à constatação feita no seio dos hospitais psiquiátricos, empurrou-me cada vez mais para o encontro desejado com a psicanálise.

O encontro com a teoria psicanalítica surgiu concomitante ao início de minha prática clínica, prática do lidar com a "loucura", cuja dificuldade tenho testemunhado, incessantemente, desde então.

A partir de 1985, o encontro com a teoria psicanalítica tem sido também um encontro com a obra de Jacques Lacan, cujo valor inestimável reside para mim na oferta de instrumentos possíveis para lidar com o impossível radical.

Navegava eu por tais mares revoltos quando, rota às avessas de Cabral, aportei em Portugal.

Meu percurso profissional em Portugal conduziu-me ao encontro da obra de W. R. Bion, em função do orientador que escolhi, no mestrado que ora concluo. É, entretanto, por desejo meu que incluo este autor nesta dissertação.

Começo pelo relato da minha realidade para introduzir o tema da presente dissertação: "**A janela da fantasia- realidade e ficção**".

I. INTRODUÇÃO

Em psicanálise, o trabalho a ser realizado incide, inelutavelmente, sobre essas duas noções: a de fantasia e a de realidade. O modo como as mesmas são compreendidas pelos diversos autores, Freud e os pós-freudianos, de ontem e de hoje, determina a abordagem clínica e a concepção de cura dos mesmos.

Essa dissertação toma para si a incumbência de abordar a categoria da fantasia em Freud, Lacan e Bion e sua conexão com a categoria de realidade. De que realidade se trata em cada um deles? Que valor concedem à noção de fantasia e qual a relação que estabelecem entre estas duas noções?

Necessário se faz esclarecer a escolha do termo fantasia que utilizamos, para não confundir o leitor, mesmo quando transcrevemos citação de um autor que utiliza o termo fantasma.

A seguir, com a ajuda do texto de Jairo Gerbase "Fantasia ou Fantasma"¹ esclarecemos, do ponto de vista etimológico e do ponto de vista conceitual, a razão da escolha do termo fantasia.

Fantasia ou fantasma

Não é nova a discussão acerca de que termo utilizar na tradução dos termos alemães utilizados por Freud. Abordando esta questão no que tange a fantasia, Jairo Gerbase diz:

¹ Gerbase, Jairo. "Fantasia ou Fantasma", in *Falo n° 1*, Salvador, 1987

"O termo alemão *Phantasie* (fantasia) designa a imaginação, não tanto a faculdade de imaginar no sentido filosófico do termo mas o mundo imaginário, os seus conteúdos, a atividade criadora que o anima. Em francês, o termo *fantasme* (fantasia) voltou a ser posto em uso pela psicanálise, estando assim mais carregado de ressonâncias psicanalíticas do que o homólogo alemão *Phantasie*.

Do alemão para o francês a questão se coloca então, nos termos seguintes: qual o melhor termo para traduzir o termo alemão *Phantasie* - *fantasme* ou *fantaisie*? Há um acordo tácito entre os psicanalistas de língua francesa quanto a consagração do termo *fantasme* para traduzir a *Phantasie* freudiana.

Porém, quando se trata de traduzir para a língua portuguesa o termo francês *fantasme*, se propõe, entre os lacanianos, o termo *fantasma* e, nesse caso, acreditamos, diz Jairo Gerbase, que se incorre numa certa violência linguística. Porque, se é verdade que o termo francês *fantaisie* indica algo de invencionice, capricho, excentricidade, falta de seriedade, em português, o termo *fantasia* não padece dos mesmos males. *Fantasia* em português e *Phantasie* em alemão são equivalentes quase perfeitos e significam todo o mundo da imaginação, a fantasia poética, a fantasia artística em geral. Por outro lado, *fantasma* em português significa imagem ilusória, visão quimérica, aparição sobrenatural, espectro, simulacro, sentidos exatamente equivalentes ao termo francês *fantôme*, e ao termo alemão *geist*.

Comparando-se os termos:

Phantasie, fantasme, fantasia;

Geist, fantôme, fantasma;

encontramos a justa equivalência que se deve adotar do ponto de vista etimológico.”

Jairo Gerbase qualifica de violência linguística a tradução indiscriminada, em português e espanhol, ora o *fantasme* ora o *fantôme* franceses pelo mesmo termo fantasma: "Acreditamos que essa adoção tem a finalidade de perpetuar a já ultrapassada discussão, proposta inicialmente pelos kleinianos, sobre a necessidade de se diferenciar as fantasias conscientes (fantasias com f) das fantasias inconscientes (phantasias, com ph), diferenciação que não se justifica nem do ponto de vista etimológico nem do ponto de vista conceitual." Gerbase esclarece a razão para utilizarmos um só termo- a *fantasia*. Vale-se para tal de dois textos clássicos sobre o tema, a saber, o ensaio de Laplanche e Pontalis² e o texto de Susan Isaacs³.

A fantasia tem, para Freud, função de causa não apenas dos sintomas, como também da idealização e da depreciação do objeto sexual. Embora implique um gozo, tem uma dimensão imaginária, ou seja, enrêdo de prostituição, de defloração e de parto. Freud passa do trauma de sedução à fantasia imaginária de sedução, ou seja, "um corpo estranho" não assimilável pelo pensamento ao sujeito. A fantasia é, então, elevada à condição de defesa do eu, eficácia do sujeito.

Além da fantasia particular, há a noção de fantasia universal- sedução, cena primária, castração, independente da experiência individual e do tipo clínico em questão. A fantasia está agora articulada ao complexo de Édipo, que emprestará seu cenário a relação da fantasia com o real.

² Laplanche, J., Pontalis, J.-B. *Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

Os pós-freudianos, salvo raras exceções, menosprezaram o impacto da sexualidade como real traumático na determinação da neurose ou, em outros termos, menosprezaram a articulação do sintoma com a fantasia. Os kleinianos, na realidade, superestimaram a fantasia em detrimento do sintoma. Susan Isaacs diz-se preocupada com a descrição de uma série de fatos que o uso do termo fantasia nos ajuda a identificar. Assim, propõe classificar as fantasias em conscientes (fantasia com f) – as divagações, as ficções, os devaneios- e inconscientes (phantasia com ph). O termo fantasia estabelece, essencialmente, "uma conotação com o conteúdo mental inconsciente, que poderá ou não tornar-se consciente". Afirmando basear-se nas "Novas Leituras" de Freud (1932), Susan Isaacs define a fantasia com o "conteúdo primário do inconsciente", uma espécie de fórmula segundo a qual "o inconsciente é estruturado como uma fantasia" (fórmula proposta por Éric Laurent), fórmula problemática, na medida em que dela se retém apenas seu status imaginário, seu aspecto cênico. Os primórdios das fantasias são os primeiros processos mentais, os representantes psíquicos dos instintos libidinais e destrutivos. Em seguida, a fantasia se converte em defesa contra a ansiedade, a culpa e a tensão pulsional. Depois, ela serve ao desejo, à realização do desejo. Enfim, para os kleinianos, "a vida de fantasia é a forma como suas sensações e percepções reais, internas e externas, são representadas para si próprio em sua mente, sob a influência do Princípio do Prazer-Dor" (Joan Rivière).

Por outro lado, os chamados psicólogos do ego, ao superestimar a função da síntese do ego, negligenciaram a da fantasia. Neles, a função causal da fantasia e sua referência ao

³ Isaacs, Susan. "Nature et fonction du phantasme", in *Développements de la psychanalyse*, Paris, PUF, 1976.

real, que Freud sempre conservou como centro da questão da fantasia, cedeu lugar à função causal da realidade.

O conceito de fantasia não é uma especialidade lacaniana, porque Freud foi quem primeiro a definiu a partir do trauma, como o que substitui o trauma. De sorte que ele a definiu como "aquilo que ocupava o lugar do real, ou seja, do que é impossível de ser representado".

Se existe uma definição propriamente lacaniana da fantasia, diz Gerbase, ela estaria ligada à importância que Lacan dá ao real no curso de seu ensino.

Há a função imaginária da fantasia que foi a única dimensão da fantasia investigada pelos kleinianos. Há uma dimensão simbólica da fantasia, dimensão que Freud demarca em "Bate-se numa criança". Há ainda uma dimensão mais enigmática, que está em jogo no fim da análise: é o real da fantasia.

Gerbase propõe: "Há equivalência perfeita entre a *Phantasie* de Freud e o *fantasme* de Lacan, não havendo portanto, qualquer razão conceitual nem etimológica, como vimos, para se propor uma nova nomenclatura para a *fantasia*."⁴

A realidade da psicanálise

Em *Por que os planetas não falam*⁵, Ana Beatriz Freire incumbe-se de delimitar a realidade da ciência daquela da psicanálise: "A noção de real em psicanálise tem como

⁴ Gerbase, Jairo. "Fantasia ou Fantasma", in *Falo n° 1*, Salvador, 1987

"origem" o real a que se refere a ciência. Foi esta última que constatou que o real puro, em si, é impossível, e que só existe realidade- no sentido daquilo que sob o real construímos pelas fórmulas- através da encarnação da estrutura. Esse real não-sentido - se a ciência teve como finalidade desde sua origem cercá-lo, esvaziá-lo através do discurso, reduzi-lo a uma fórmula mínima, a um número -, na psicanálise ele não se cala e, malgrado as fórmulas e cadeias significantes que o circunscrevem, ele retorna, causando o sujeito. O real para a psicanálise é, portanto, algo que ao mesmo tempo suscita o sentido e lhe escapa. Enquanto a ciência opera sobre um suposto real puro, transformando-o em pura fórmula, forcluindo seu sentido para o sujeito e fazendo "calar os astros", o real da psicanálise, ao contrário, por escapar ao sentido, fala e constitui-se em "realidade", realidade psíquica.

A principal divergência entre psicanálise e ciência está relacionada com a posição que cada uma ocupa frente a este não-sentido (o real) .

Do real impossível à realidade aprisionada, há um saber (inconsciente) que se apresenta também como impossível ou como discurso real, ou ainda, como discurso apresentado em sua origem pelo mito."

Para Godino Cabas⁶: "Enquanto o real funda hipóteses, proposições e axiomas, a verdade funda ficções. E se as hipóteses da ciência nada fingem, a verdade do sujeito - é o que a psicanálise demonstra - se apresenta sob as formas do mais corriqueiro fingimento."

⁵ Freire, Ana Beatriz. *Por que os planetas não falam?*. Rio de Janeiro, Revinter, 1997

⁶ Cabas, Antônio Godino. "Prólogo", in *Por que os planetas não falam?*. Rio de Janeiro, Revinter, 1997

Em "Realidade em Freud"⁷, Ana Beatriz Freire coloca a questão da noção de realidade para a psicanálise nos seguintes termos: "A relação entre verdade e realidade é mais complexa do que a obra de Freud pode, em uma abordagem rápida, sugerir... Tudo se passaria como se a verdadeira realidade fosse aquela atingida pelos órgãos sensoriais, situados supostamente no sistema percepção-consciência - sistema que, por sua vez, teria a função de verificar o grau de veracidade da realidade psíquica. Entretanto, como o constata a própria obra freudiana, o limite entre a realidade dita material ou empírica e a realidade psíquica é bem tênue. No momento em que a realidade empírica traumática torna-se relativa, Freud postula que a realidade psíquica é a própria realidade da fantasia. Sobre este ponto incide a releitura de Lacan, quando afirma que a realidade psíquica e o Princípio de Realidade coincidem e não são opostos. A própria realidade psíquica nada mais é que o véu, a fantasia.

Pela imposição da teoria da fantasia, Freud introduz a dimensão da verdade e do mito enquanto operador que irá permitir ao sujeito articular aquilo que escapa ao simbólico. Ele renuncia então à busca de um trauma como puro excesso de excitação e passa para a fantasia, através da reconstrução. Nessa passagem do trauma para a fantasia, percebe-se, entretanto, que Freud persiste na pesquisa de uma realidade perdida- mesmo se essa realidade não se apresenta mais sob a suposição de um acontecimento vivido mas sim sob a forma de um sentimento de realidade (*wirklichkeit*), de uma fragmentação de realidade própria à reconstrução ou à fantasia.

⁷ Freire, Ana Beatriz. "Realidade em Freud", in *A Ciência e a verdade- um comentário*. Rio de Janeiro, Revinter, 1996

O estudo freudiano vai do trauma à fantasia ou do real (mítico) à sua reconstrução, ou, ainda, da exatidão à verdade, ou melhor, da realidade fixa ao fictício.

Ao diferenciar a realidade (enquanto "passado perdido") da verdade, Lacan recua diante da exigência de Freud para encontrar uma passagem da cena real e "uma objetivação total da prova, quando se trata de datar a cena primitiva". Para Lacan o mais importante é o sentido "après-coup" ou o que ele chamava as ressubjetivações do acontecimento que lhe parecem necessárias para explicar seus efeitos a cada momento em que o sujeito se reestrutura.

É verdade que a obra de Freud revela uma preocupação quanto a diferença entre realidade material e realidade propriamente psíquica. No entanto, podemos supor que tal distinção se torna até irrisória ao longo de sua obra, especialmente, quando em sua tentativa de evitar que a psicanálise fosse considerada idealista, Freud considerou o que ele chamava de realidade material como fazendo parte da realidade psíquica. Em outras palavras, sob um ponto de vista restrito, a distinção feita a partir de uma certa autonomia da realidade psíquica (por exemplo, do processo onírico) em relação a realidade chamada material, desaparece e a realidade, que comumente era considerada "fora psíquica", será, a partir da psicanálise, considerada como imanente ao psíquico."

A presente dissertação retoma a pesquisa da questão da realidade, tão cara à psicanálise, que tanto interrogou Freud, Lacan e Bion, e que difere da abordagem que lhe dá a ciência moderna. Em que medida a realidade da psicanálise se modifica através da re-leitura que de Freud fazem os autores pós-freudianos?

Pela vertente da noção de fantasia, cara a Freud, pretendemos examinar esta atitude frente a realidade em dois autores contemporâneos - Lacan e Bion. Embora não seja nosso

objetivo neste contexto discutir as diferenças clínicas, acreditamos que o estudo das diferentes apropriações das noções freudianas de realidade e de fantasia são determinantes não só quanto a forma de pensar o psiquismo mas também, em decorrência disto, determinam o que se entende por cura.

A seguir fazemos um breve resumo dos capítulos desta dissertação.

A noção de fantasia surge em Freud a partir de sua prática clínica, com o relato de suas "doentes" histéricas. Confrontado com a "realidade" dos relatos de sedução, Freud descobre a *realidade psíquica*: "Quando Freud fala de *realidade psíquica*, não o faz simplesmente para designar o campo da psicologia concebida como possuidora da sua ordem de realidade própria e suscetível de uma investigação científica, mas o que para o indivíduo assume, no seu psiquismo, valor de realidade." ⁸

Podemos dizer que é o próprio Freud que, ao inaugurar a psicanálise como campo de um "novo" saber, subverte a relação entre fantasia e realidade, ou entre interno e externo, irreal e real, com a afirmação de que "as fantasias possuem realidade psíquica.

Freud utiliza, ao longo de toda a sua obra a fantasia consciente e a fantasia inconsciente, querendo significar aspectos distintos de uma *mesma* noção.

No primeiro capítulo desta dissertação fazemos um breve histórico da descoberta da fantasia por Freud e da modificação da noção a partir de sua postulação da pulsão de morte. Abordamos também, a partir do "Homem dos Lobos", as noções de trauma e de construção (mítica) da realidade.

⁸ Laplanche, J., Pontalis, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

No capítulo referente a Lacan, é explorada a sua releitura da prova de realidade freudiana. Ao contrário da escola inglesa, para Lacan, a prova de realidade não consistiria numa adequação da "realidade interna" frente a "realidade externa" mas antes resultaria da confrontação obrigatória do sujeito com o real da castração. A partir deste confronto permanente, o sujeito se estrutura em sua divisão, marca de um conflito constitutivo, em que a pulsão de morte tem função de agente.

Paula Mancini Ribeiro, em sua tese intitulada *A fantasia como resíduo- um estudo sobre a realidade psíquica*⁹, recapitula a posição kleiniana quanto ao tema. Melanie Klein não cede à realidade externa e aos desvios da Psicologia do Ego; ela considera a realidade interna fundamental e funda a Psicanálise estritamente na fantasia. Partindo da angústia, da força da pulsão de morte, do trauma da queda no desamparo, Melanie Klein observa a constituição da realidade psíquica (ego, id e superego) enquanto tentativa de resposta a pressão da pulsão. No desenvolvimento kleiniano a ênfase está posta na impotência do sujeito frente a pulsão de morte, o que, de certo modo, antecipa e destaca a realidade da castração e a angústia que daí advém.

Porém, Klein parece privilegiar algo que seria interno ou da ontogênese, mais do que algo ligado a uma herança filogenética que se poderia referir ao desejo dos pais. O externo entra enquanto fonte de experiências que vão influenciar a percepção do bebê, mas tal percepção é principalmente marcada pelo seu mundo interno, ou por uma oposição interna, desde o início da vida, entre pulsão de vida e pulsão de morte. O medo de um aniquilamento mais radical vincula-se em Klein a algo que é interno ao sujeito, isto é, M.

⁹ Ribeiro, Paula Mancini. *A fantasia como resíduo- um estudo sobre a realidade psíquica*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 1997 (inédita)

Klein fala de uma fantasia de ameaça, ou de uma representação, mais do que da ameaça no real do desamparo. Ela parece falar de figuras internas representantes do instinto de morte mais do que daquilo que há aí de irrepresentável, ou de algo que escapa a possibilidade de representação.

Baseia suas construções numa possível simetria, numa intersubjetividade, e propõe enquanto possível um amansamento das pulsões de morte pelas pulsões de vida, via reparação.

Se com as duas posições básicas (posição esquizoparanóide e posição depressiva) M. Klein se afasta de um desenvolvimento genético, aproximando-se de uma concepção estrutural, uma vez que cada elemento depende de sua posição em relação aos outros, falta-lhe o que para Lacan é central na noção de estrutura, isto é, "um furo no simbólico". Não há, nesta autora, a distinção entre um mau pessoal imaginário que a criança toma como sendo de sua responsabilidade, e um mal estrutural que se relaciona com uma falta central constituinte. Em relação à perda, Melanie Klein nos fala do luto, da perda de um objeto que existe na realidade externa, e nesse sentido, não toca na questão do um objeto perdido na estrutura.

Lacan vai chamar a atenção, no *Seminário IV*, para a importância de não nos descuidarmos do modo de incidência da castração na estrutura, e essa preocupação é o pano de fundo do seu diálogo com Melanie Klein. Evoluindo para uma coincidência exata entre todas as posições (pulsão de vida versus pulsão de morte, introjeção versus projeção, amor versus ódio), não haveria em sua teorização lugar para um excesso, nem para uma ordem simbólica anterior ao próprio nascimento da criança. A não-equivalência, a pulsão de morte que não se liga, ficaria fora do seu desenvolvimento.

Melanie Klein, na construção da sua teoria das posições, dá destaque à angústia, mas não o suficiente para fazer dela o índice da impossibilidade de qualquer simetria.¹⁰

A posição de M. Klein no que tange a fantasia é aqui trazida por dois motivos. Em primeiro lugar porque ela informa Lacan em sua teorização sobre o mesmo tema. Em segundo lugar, porque Melanie Klein é a principal representante da escola inglesa de psicanálise, no seio da qual, enquanto seu discípulo e analisando, surge Bion.

No retorno à obra freudiana empreendido por Lacan, as categorias de realidade e de fantasia ocupam cada vez mais o centro de sua teorização, adquirindo, ao longo da obra, novos contornos e um valor acrescido. Partindo da crítica ao uso feito por Melanie Klein da fantasia, que em seu entender privilegia a faceta imaginária desta, Lacan põe a ênfase no registro simbólico e no registro real da fantasia freudiana, o que o levará a formular a sua *fantasia fundamental* $\$ \diamond \alpha$: "Aí está figurado o universo simbólico sob a forma da barra que figura o nascimento e a divisão do sujeito consecutivos à sua entrada na linguagem. Aí reencontramos também o objeto enquanto objeto perdido, lugar vazio, lacuna que o sujeito tentará obturar, durante a sua vida, por meio dos diversos objetos imaginários que a particularidade de sua história terá levado a privilegiar (notadamente seu reencontro com os significantes marcantes e os objetos da fantasia dos Outros parentais)."¹¹

¹⁰ idem

¹¹ Chemama, Roland.(org.). *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris, Larousse, 1993. Todos os excertos de textos em língua estrangeira utilizados nesta dissertação foram "livremente" traduzidos do original, em francês, inglês e espanhol, pela autora deste trabalho.

Em seu texto de 1953, "O mito individual do neurótico", a que também denomina "Poesia e Verdade na neurose", Lacan articula o texto de Freud à *Poesia e Verdade*, de Goethe, abordando a questão da ficção e da verdade. O estudo, ao se ligar ao mais particular das histórias freudianas de Dora e do Homem dos Ratos, consegue "formalizar, isto é, universalizar" "o mito individual do neurótico".¹²

Para Lacan, a experiência analítica não é decisivamente objetivável. Ela implica sempre no âmbito de si mesma a emergência de uma verdade que não pode ser dita, já que o que a constituiu é a palavra, e seria preciso de alguma maneira dizer a própria palavra, o que é, propriamente falando, o que não pode ser dito enquanto palavra... é justamente por isso que existe no seio da experiência analítica algo que é, propriamente falando, um mito.

O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade.¹³

A importância do texto "O mito individual do neurótico" na obra de Lacan e no aparecimento do estruturalismo psicanalítico (seja, no esboço de sua formulação da fantasia) está desde já patente nos *Escritos* onde Lacan explicitamente reenvia para o "primeiro texto de Lévi-Strauss sobre o mito" (1949, "A eficácia simbólica").

A construção necessária e estruturante da fantasia é da ordem de uma apropriação mítica da realidade e, se esta é, com efeito, o vértice a partir do qual o sujeito pode abordar a sua vida, Lacan postula, no *Seminário XI*, que a fantasia é a própria realidade psíquica.

¹² Marini, Marcelle. *Lacan - a trajetória do seu ensino*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

¹³ Lacan, Jacques. *O mito individual do neurótico*- prefácio da edição portuguesa. Lisboa, Assírio e Alvim, 1987

Na sequência da segunda parte, procuramos articular o real, a realidade e a fantasia, delimitando tais conceitos. A fantasia tem dois aspectos, o do real e o da realidade. Como já foi dito, a realidade para a psicanálise, é a realidade psíquica. Esta realidade é constituída pela fantasia. Mas a fantasia constitui essa realidade sobre o real. O real é o que apresenta a não existência da relação sexual e a pulsão como determinante do indizível. O objeto da pulsão, para Lacan, é também real, o objecto *a*. O real é o que há de não simbolizável, é o que opera apenas como causa. O real é o que poderíamos nomear, em Freud, como a realidade "traumática". Ou seja, a fantasia está no lugar do trauma.

A realidade traumática é aquela que desperta o sujeito para além dos limites do Princípio do Prazer.¹⁴

Ainda nesta parte, procuramos discutir a oposição realidade interna versus realidade externa utilizando a banda de Moebius como ilustração. Segundo Jeanne Granon-Lafont¹⁵, o uso de algumas figuras da topologia pode ser útil para explicitar a constituição da fantasia. Ela nos diz que a fantasia é constituída por uma "operação de corte", que resume a definição do sujeito em relação ao objeto, delimitando o "campo da realidade".

A banda de Moebius subverte a relação existente entre o direito e o avesso, cuja dicotomia só comparece "ao preço da intervenção de uma nova dimensão como a do tempo. Se não há mais duas medidas para a superfície, mas somente uma margem (borda), o tempo então se impõe para dar conta da banda." A existência de uma margem

¹⁴ Ferreira, Isabela Fernandes Xavier. *Do que se trata na análise – um estudo sobre a finalidade da análise*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica- UFRJ, 1998. (inédita)

única é essencial pois que uma das definições topológicas da banda de Moebius se apoia justamente sobre este paradoxo. Ela tem somente uma margem. A noção de dimensão que fica posta em questão pela banda de Moebius é um paradoxo insolúvel.

Na terceira parte desta dissertação, em que nos ocupamos da obra de Bion, começamos pela localização deste autor no seio do movimento psicanalítico, seguido de um breve panorama de sua obra.

Em nosso entender, a obra de Bion está para a de Melanie Klein assim como a obra de Lacan está para a de Freud. Queremos com isso dizer que, partindo de uma conceitualização herdeira da leitura kleiniana de Freud, a obra de Bion, sobretudo em sua fase final (mística), toma um rumo próprio, que confere a este autor um lugar ímpar na psicanálise, como o de outros chefes de escola.

No sub-ítem *O legado kleiniano e a constituição da realidade* tentamos esclarecer a leitura que M.Klein faz da noção de realidade que, a nosso ver, tem reflexos na obra de Bion. Em *A realidade em Bion – a morte da coisa e o pensar* introduzimos a questão como ela se apresenta em sua obra.

Em *A noção de “barreira de contacto”, a realidade e a fantasia* tornamos a percorrer os caminhos de Freud em sua pesquisa da realidade tentando delimitar este caminho em Bion. É abordada a noção de “barreira de contacto”, onde no início de nossa pesquisa pensamos poder localizar a fantasia neste autor, hipótese que foi descartada.

¹⁵ Granon-Lafont, Jeanne. *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990

É no ítem *Os três níveis de realidade em Bion- realidade sensível, realidade psíquica e realidade última* que abordamos com um pouco mais de detalhe a sua noção de realidade última.

Antônio Muniz de Rezende, em seu livro *Uma psicanálise do pensamento*¹⁶ ajuda-nos a perceber os três níveis de realidade referidos por Bion, nomeadamente, em *A Atenção e Interpretação* : "De início, retomaria a distinção entre *realidade física, realidade psíquica e realidade última*". Acreditamos que a realidade física a que se refere Muniz de Rezende é o equivalente à *realidade sensível*, assim nomeada por Bion em *A Atenção e Interpretação*, ou seja, a realidade empírica. A respeito da *realidade última*, Bion insiste em dizer que "ela é um fato primordial, no qual ele crê com uma fé científica". Em outras palavras, a experiência da realidade última depende de se ter "espírito na mente". Para *realizar* a realidade última, não basta ter sensibilidade, é preciso ter espírito.

A realidade sensível, ou seja, aquela que pode ser captada pelos órgãos dos sentidos equivale à realidade externa em Bion. A realidade psíquica é o equivalente da realidade interna, apreensível, como esclarece Rezende, pela função α . Esta função criada por Bion, e da qual a *rêverie materna* é parte, é responsável pela transformação dos elementos β (elementos sensíveis não pensáveis) em elementos α . A realidade última - muito valorizada por Bion, nomeadamente na fase final de sua produção e fundamental para a sua proposta da finalidade e "fim" de uma análise-, Bion a vai buscar à coisa-em-si kantiana. Os elementos β mas também a realidade última são definidos, em Bion, como a coisa-em-si kantiana. Ela é o que está antes e o que está depois, o que está aquém e além da "realidade". "Creio na realidade última como num fato primordial".

No ítem *Verdade, falsidade e mentira- o lugar dos pensamentos míticos* tentamos perceber o estatuto do mito no contexto da obra bioniana- em paralelo com o que foi feito nos capítulos precedentes de Freud e de Lacan-, como via de pesquisa do "lugar" atribuído por Bion à fantasia. É comentada a categoria D *pensamentos míticos*, separada por Carlos Amaral Dias da categoria C *pensamentos oníricos, sonhos e mitos* da Tabela proposta por Bion.

Bion sustenta que todo pensamento, uma vez formulado, é falso se comparado com a "verdade" do fato que formula. O que varia é o grau de falsidade, e aqui será necessário discriminar entre verdade e mentira ou, melhor dito, entre falsidade e mentira.

Não sendo o objetivo da nossa pesquisa abordar a categoria da verdade, incontornável é que o façamos visto que esta é expressamente equiparada por Bion com a realidade última, como comentamos a seguir.

"A verdade é essencial para o crescimento mental", diz Grinberg¹⁷. "As interpretações psicanalíticas, ao esclarecer algum aspecto da realidade psíquica- o objeto analítico-, revelam verdades parciais que ajudam ao desenvolvimento e crescimento mental do paciente.

É possível denominar à verdade absoluta como um "pensamento sem pensador".

Bion considera que, para que haja mentira, é absolutamente necessário um pensador, enquanto que o pensamento verdadeiro não necessita para sê-lo um pensador que o pense.

¹⁶ Rezende, Antônio Muniz. *Uma psicanálise do pensamento*. Campinas, Papirus Editora, 1995

A capacidade do ser humano para tolerar verdades acerca de si mesmo é precária; a verdade é uma fonte permanente de dor e o elo de conhecimento nunca pode ser satisfeito ou completado, portanto a tendência a ações evitativas é grande, e a mente está sempre em condições de criar mentiras para opor-se à esta dor."

A categoria da verdade em Bion equivale à de realidade última, no sentido em que ambas designam a coisa-em-si kantiana. A verdade em Bion é a Verdade, absoluto inatingível. Todo pensamento é falso, no que ele não atinge a formulação da Verdade. Quanto à mentira, equivale a formulações das quais o sujeito tenta se convencer para não se defrontar com a Verdade .

Em sua tese intitulada *Ensaio para a Informatização da Tabela de Bion*¹⁸, Ana Almeida comenta assim a *linha C* da Tabela de Bion *Pensamentos oníricos, sonhos e mitos* : "O mito é uma construção pessoal que organiza uma série de elementos α num todo coerente e significativo para o próprio. (...) Os pensamentos oníricos, os sonhos e os mitos são construções formadas a partir de elementos α , distinguindo-se entre si pelo grau de sofisticação que apresentam e pelo fato de se encontrarem conscientes e/ou inconscientes. Os pensamentos oníricos e os sonhos podem ser pensamentos inconscientes, enquanto que os relatos dos sonhos e os mitos são pensamentos conscientes. *Os mitos organizam e demunciam uma constelação que o indivíduo (ou o Homem) identificou como uma conjunção constante (o grifo é nosso).*"

¹⁷ Grinberg, Leon, Sor, Dario, Bianchedi, Elizabeth Tabak. *Nueva Introduccion a Las ideas de Bion*. Madrid, Tecnipublicaciones, 1991.

¹⁸ Almeida, AnaC. *Ensaio para a informatização da Tabela de Bion*. Lisboa, tese de mestrado, ISPA, 1998.(inédita)

A noção de conjunção constante de Bion faz lembrar a noção da fantasia fundamental em Lacan. Porém, não devemos ceder à tentação fácil de “traduzir” as noções de um autor pelas de outro. A fantasia fundamental é de autoria *lacaniana*, não obstante tratar-se de uma releitura de Freud. Interessa nesta dissertação perceber a releitura que Bion faz da fantasia *freudiana*.

Na sequência da busca em Bion da noção que equivale à fantasia freudiana e da articulação que este faz com a realidade, um subtítulo utilizado por Gérard Bléandonu em seu livro *Wilfred Bion: his life and works 1897-1979*¹⁹ - *The Fantasy Trilogy*-tem o poder de enganar. Sob este título o autor comenta *A Memória do Futuro*, série de três livros escritos por Bion em 1975, 1977 e 1979. Os nomes de seus três volumes são: "O sonho", "O passado apresentado" e "A aurora do esquecimento".

A Memória do Futuro, conforme esclarece Bléandonu têm várias peculiaridades: seu estilo, sua forma de apresentação e seu conteúdo. Os livros estão escritos como um relato novelesco que sofre uma transformação em cenas teatrais (incluindo, às vezes, indicações acerca do "cenário", entradas e saídas de personagens, luzes, sombras, etc), diálogos com formulações estéticas ou em linguagem poética, utilizando os personagens, frases de textos de Shakespeare, Milton, Horácio e muitos outros literatos (mais ou menos conhecidos) ; em outras passagens, há parlamentos e alguns diálogos que constituem ensaios sobre conceitos psicanalíticos fundamentais, desde o vértice das idéias de Bion.

Outras vezes, os personagens teatralizam funcionamentos mentais nos quais se vislumbram aspectos de idéias psicanalíticas, expressando relações com a sociedade ou o

¹⁹ Bléandonu, Gérard. *Wilfred Bion : his life and works 1897-1979*. New York, The Guilford Press, 1996

grupo que os alberga. Há que agregar ainda diálogos com jogos de palavras, metáforas e analogias que formam, por ocasiões, um verdadeiro criptograma psicanalítico-literário, no dizer de Grinberg..

Com respeito à forma de apresentação nos encontramos com curiosas singularidades, por exemplo, nos três volumes, o número do capítulo é o da página a que o mesmo corresponde. É assim que, só a título de exemplo, existe o capítulo 137, que tem este número por coincidir com a página 137.

Estes trabalhos fazem parte daquilo a que Grinberg, Sor y Bianchedi chamaram, entre aspas, de "o último Bion". Neles, através do que Bion chamou de sua "ficção científica", esse autor se vale, como já foi dito, de um peculiar estilo, que "se assemelha à linguagem dos grandes poetas e escritores", para tentar transmitir o de que se trata no trabalho analítico.

Em nossa perspectiva, Gérard Bléandonu deveria valer-se do subtítulo *A trilogia fantástica* em lugar de *A trilogia da fantasia*, como faz na versão inglesa de seu livro, pois não parece ser aqui que vamos encontrar a conceitualização teórica bioniana que mais se aproxime da fantasia freudiana. A trilogia não é *da fantasia* mas sim trilogia fantástica - no sentido dos recursos estilístico-literários utilizados por Bion-, ainda que, nas palavras de Bléandonu: "*A Memória do Futuro* possa ser vista como a tentativa do autor de restabelecer contacto com a parte perdida de si, logo, com a realidade propriamente dita." Segundo este comentador: "Mais que repetir compulsivamente o passado, devemos encontrar um caminho para atravessar a cesura."

O "último Bion", para não falar toda a sua obra, dá quanto a isso, certamente, um testemunho.

II. FANTASIA E REALIDADE EM FREUD

"Não existe no inconsciente qualquer indício de realidade, de maneira que é impossível distinguir uma da outra, a verdade e a ficção investida de afeto."

Freud²⁰

II.1. A teoria da sedução e a descoberta da fantasia

O estatuto que Freud deu ao enunciado do paciente não foi unívoco. À época dos "Estudos sobre a Histeria"²¹ Freud trabalhava com um conceito estreito de realidade. Como se pode ler nas postulações sobre a etiologia da histeria da sua colaboração com Breuer, a realidade propriamente dita, a realidade material, era o que deveria ser alcançado como a verdade do sofrimento do sujeito. Freud queria situar no começo do sintoma algum trauma vivido pelo paciente. O que a ele aparecia revestido, encoberto, escondia por trás de si uma realidade material que o sujeito evitava por não poder suportar sua verdade.

A cena que insistia em aparecer no relato das histéricas tinha um conteúdo sexual, que apontava para uma suposta sedução sexual sofrida pela histérica. A verdade da qual Freud se aproximou era a de uma sedução sexual sofrida por suas pacientes em sua tenra infância. Quem, via de regra, impunha este sofrimento à histérica era seu próprio pai.

²⁰ Freud, Sigmund. "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess" (1897), carta 69, vol. I

²¹ Freud, Sigmund. "Estudos sobre a Histeria" (1893-1895), vol. II

A crença na realidade factual dessas cenas relatadas por suas pacientes levou Freud a postular que na origem de toda neurose histérica está uma sedução sexual sofrida pela histérica na infância. Naquele momento, Freud acreditava na necessidade de haver um acontecimento factual (como a sedução sexual propriamente dita) para precipitar (a sexualidade) na vida infantil. A sedução constituiria um fato traumático posto que a criança seria ainda imatura para elaborar tal cena e idéias ou sentimentos vinculados a ela. As idéias e sentimentos, por sua inadequação ao ego, tornavam-se muito aflitivos.²²

A teoria da sedução recebe sua forma acabada no artigo de 1896, "Novos Comentários sobre as Neuropsicoses de Defesa"²³. Segundo esta teoria, o ego procura reprimir uma idéia intolerável que lhe causa desprazer. A representação intolerável consistiria na recordação do trauma sexual.

Freud acreditava na realidade da cena de sedução. Mas pela teoria da sedução era impossível que a primeira experiência sexual da criança tivesse sido acompanhada de prazer, tanto porque a sedução pressupunha uma violência por parte do adulto pervertido que a realizava, quanto pelo pressuposto de que, inexistindo a sexualidade infantil, a criança não podia viver com prazer a irritação dos seus órgãos genitais ou outras partes do corpo. No entanto, o que começou a aparecer foram recordações sexuais acompanhadas de prazer.

Nas cartas a Fliess, Freud vai dando-se conta de que não dispõe de uma teoria correta e não consegue explicar a origem do desprazer que atua na repressão. Ele começou, então,

²² Ferreira, Isabela Fernandes Xavier. *Do que se trata na análise- um estudo sobre a finalidade da análise*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica- UFRJ, 1998. (inérita)

a rejeitar a noção de recordação e a substituí-la pela do impulso. Os impulsos ou forças provindas de dentro, diferente das recordações, não possuem história, são forças que pressionam constantemente no sentido da descarga e são de grande importância no funcionamento do aparato psíquico.

A partir da Carta 69 a Fliess (21/09/1897), o esquema da teoria da sedução que contava com a vivência traumática experienciada, vai sendo substituído. Freud passa das vivências prematuras traumáticas às fantasias. Seu equívoco porém é relativo, porque o trauma na verdade refere-se à sexualidade. Embora Freud continue a buscar a realidade das cenas sexuais infantis, a fantasia se afasta da realidade vivida, sua materialidade está na fala.

Nas palavras de Freud, na Carta 69 a Fliess²⁴: "...não acredito mais em minha neurótica (teoria das neuroses) ... Depois, veio a surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como pervertido. Depois, em terceiro lugar, a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicação da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a imaginação que está catexizada com afeto (...)"

Se a fantasia é a produtora das cenas de sedução, o trauma "real" (o experienciado) passa a ser relativizado. Partindo do questionamento sobre a realidade da sedução - seria esta última experienciada ou imaginária? - Freud se encontra com a realidade em jogo na fantasia de sedução, a realidade da castração.

²³ Freud, Sigmund. "Novos comentários sobre as Neuropsicoses de Defesa" (1896), vol. III

²⁴ Freud, Sigmund. "Extratos dos documentos dirigidos a Fliess" (1897), carta 69, vol. I

A conclusão geral que Freud tirou do abandono da teoria da sedução se encontra formulada em "A História do Movimento Psicanalítico" (1914)²⁵ : "Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas a traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas *na fantasia, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática*. Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos da infância, embeleza-la e eleva-la a um plano mais alto. E agora, detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz."

O inverosímil, ou o fictício, torna-se índice do real.

É da própria natureza da sexualidade ter efeito traumático. É efetivamente sobre a sexualidade que o recalçamento se exerce. Entra em cena a realidade em jogo na teoria da sedução. A realidade é sexual e depende de um assujeitamento a um outro, a um outro desejo.

Contardo Calligaris, em *Hipótese sobre o fantasma*²⁶ diz: "O trauma seria, antes da colagem do fantasma e antes da escolha mesma da alienação, a descoberta de que há desejo: decidir que ele me diz respeito já é fazer face ao trauma."

Freud não se resignou a assimilar as "cenas" como puras criações imaginárias e continuou em busca da realidade da cena, em busca da origem da organização neurótica. E é nesse momento que postula a noção de fantasias originárias... Nem pura criação imaginária, nem puro acontecimento, é a este paradoxo que a teoria da sedução nos introduz.

²⁵ Freud, Sigmund. "A História do Movimento Psicanalítico" (1914), vol. XIV

Deleuze, em "Diferença e Repetição"²⁷, nos diz que quando Freud descobre que a fantasia talvez seja a realidade última, não se deve concluir que a cena infantil seja irreal ou imaginária, mas que na fantasia coexistem duas séries, e que o originário dela não é uma série em relação a outra, mas a diferença das séries.

Sobre a questão da origem ou sobre a diferença na origem, Freud não chega a uma postulação clara. Ele encontra, sob a diversidade das fabulações individuais, algumas fantasias típicas. À semelhança dos mitos, as fantasias originárias pretendem proporcionar uma representação do que para a criança oferece-se como enigma.

De acordo com Lacan: "O mito é isto, tentativa de dar forma épica àquilo que da estrutura se opera." Diante de um irreduzível, ou diante do que Lacan chamará de real, o mito seria "um esboço que se articula para suportar as antinomias de certas relações psíquicas..."

Voltando a Freud, com a "queda" da teoria da sedução aparecem as fantasias originárias que, enquanto ficções, comportam algo de inapreensível.

O sujeito é compelido pela pulsão a tentar dar uma arrumação ao que se apresenta como enigma.²⁸

²⁶ Calligaris, Contardo. *Hipótese sobre o fantasma na cura psicanalítica*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1986

²⁷ Deleuze, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1988

²⁸ Ribeiro, Paula Mancini. *A fantasia como resíduo - um estudo sobre a realidade psíquica*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica-UFRJ, 1997 (inédita)

II.2. Os dois níveis da realidade freudiana - a realidade psíquica

Foi a propósito da biologia que o problema da realidade emergiu em Freud, em 1895, no décimo quinto parágrafo do texto deixado inédito por ele mesmo: o "Projeto para uma Psicologia Científica"²⁹. Tratava-se então de caracterizar simplesmente o sinal perceptivo pelo qual o organismo teria condições de se certificar de uma situação favorável à descarga: "A força do desejo e a produção de desprazer podem ambas ter efeitos biologicamente prejudiciais quando o investimento da lembrança se renova. É isso que se produz assim que a força do desejo ultrapassa certos limites, favorecendo desse modo uma descarga. É o que se passa sempre, também, numa produção de desprazer quando o investimento da imagem mnêmica hostil emana do próprio ψ (por associação) e não do exterior. Neste último caso, é também um sinal que deve permitir distinguir uma percepção de uma lembrança (ou de uma representação). Muito provavelmente, são os neurônios perceptivos que fornecem esse sinal: um "sinal de realidade". Toda percepção externa produz sempre em ω uma certa excitação qualitativa, que não tem por si mesma nenhuma ação sobre ψ . É preciso, portanto, acrescentar que a excitação perceptiva conduz a uma descarga perceptiva e que o anúncio desta (como de todos os outros tipos de descarga) atinge ψ . É esse anúncio de descarga proveniente de ω que constitui para ψ um sinal de qualidade ou de realidade. Quando o objeto desejado é plenamente investido, de maneira a assumir uma forma alucinatória, produz-se o mesmo sinal de descarga ou de realidade que no caso de uma percepção externa. Num caso como esse, o critério falha."

²⁹ Freud, Sigmund. "Projeto para uma psicologia científica" (1950[1895]), vol. I

Ao ir além desse comentário biológico, o ponto de vista propriamente psicanalítico se determinará em Freud.

Segundo o Freud de *Interpretação dos Sonhos*, a realidade psíquica é uma forma "de existência particular", que toca os desejos inconscientes e que não se confunde com a "realidade material". Mas com a formulação da teoria da fantasia e, conseqüentemente, no momento em que a realidade empírica traumática torna-se relativa, Freud reformula essa primeira distinção proposta em 1900, e postula que a realidade psíquica é a própria realidade da fantasia.

O termo realidade psíquica é então empregado em psicanálise para designar uma forma de existência do sujeito, distinta da realidade material, enquanto ela é dominada pelo reino da fantasia e do desejo. Historicamente, conforme tentamos dar conta no item anterior, a noção nasceu do abandono por Freud da teoria da sedução e da elaboração de uma concepção do aparelho psíquico fundada sobre o primado do inconsciente.

Na história da clínica psicanalítica, a noção de *realidade psíquica* foi objeto de várias reinterpretações que conduziram, na abordagem das psicoses e da relação de objeto, à acentuar a sua importância em detrimento da realidade material.

Ana Beatriz recorda³⁰, a partir da pontuação feita por Lacan, que há na obra de Freud dois termos em alemão para designar realidade: *wirklichkeit* e *realität*. Lacan observou que o uso diferenciado desses dois termos na obra freudiana implica uma distinção conceitual no que concerne à realidade. Segundo a sua tradução, o termo *wirklichkeit* designaria *operatividade e realidade*, *realidade psíquica*. Primeiramente, por "operatividade", Lacan

designa a operação do próprio significante, que funciona segundo a estrutura da linguagem. Ou, ainda em termos lacanianos, a realidade simbólica exige a morte da coisa.

Esse sentido do termo operatividade conduziu a compreensão da prática em psicanálise a uma operação de adaptação que derivou na dita psicologia do ego, sobre a qual incide a célebre crítica de Lacan. Segundo o texto "Da psicanálise em suas relações com a realidade"³¹, esse tipo de operatividade é aquele que "os psicanalistas de hoje em dia", reverenciam *pour la forme*, a saber, a adaptação a uma realidade dita mais adequada, segundo uma norma. Ana Beatriz Freire faz notar que a crítica de Lacan se referiu à má interpretação do termo *operatividade* ou da concepção de realidade em Freud, uma vez que tal concepção parece confundir operatividade do significante com normalização, ou melhor, o constrangimento, a alienação da operatividade significante com práticas de normalização social.

Concomitante a esse privilégio da operatividade da estrutura, a autora recorda ainda que em psicanálise há um outro sentido do termo "operatividade", que se relaciona não mais às fórmulas simbólicas, às cadeias significantes, mas ao que resta de inassimilável pelo simbólico. Trata-se da operatividade do real, definida por sua irreduzibilidade, impossibilidade e também ainda assim por sua efetividade. Esse conceito de *real* que difere do conceito de realidade significada, já simbolizada, é considerado pelo próprio

³⁰ Freire, Ana Beatriz, Fernandes, Francisco Leonel, Santos Souza, Neusa. *A Ciência e a Verdade- um comentário*. Rio de Janeiro, Revinter, 1996

³¹ Lacan, Jacques. "De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité", in *Scilicet n° 1*

Lacan como sua resposta sintomática, isto é, como aquilo que o distingue de Freud e que pode ser considerado a sua própria criação em relação ao mestre.

Lacan evidencia que por trás dos sentimentos, da realidade velada, enfeitada pela cadeia de significantes, existe uma outra realidade, *wirklichkeit*, realidade "agalmática", realidade aquém da representação. É esse véu que revela o real, velando-o e excluindo-o da linguagem como "fora-significado", que vai se definir como sendo a realidade da fantasia, a realidade dita realidade psíquica.

A realidade psíquica é a própria divisão entre, por um lado, aquilo que nos escapa e que acreditamos operar (*wirklichkeit*) e, por outro lado, a nomeada realidade psíquica propriamente dita, o que, como vimos, Freud designou em alemão por *realität*, por uma outra realidade.

Em toda a sua pesquisa da realidade, Freud oscila entre o subjetivo e o objetivo, entre o interior e o exterior, entre o prazer e a realidade, entre a ficção e a verdade histórica, entre a realidade psíquica e a realidade material. Em resumo, diante dos impasses da hipótese da sedução (ora por via do efeito retroativo, ora por via da predisposição hereditária), ele coloca a fantasia entre o subjetivo e o objetivo, ou então entre as duas realidades³².

Pensamos que isso mesmo fica expresso na forma como Lacan pretende equacionar esta questão, ou seja, no matema da fantasia ($\$ \diamond \alpha$). Por esta formulação, a fantasia é a organização simbólica que serve de "ponte" entre o real e o imaginário.

³² Freire, Ana Beatriz, Fernandes, Francisco Leonel, Santos Souza, Neusa. *A Ciência e a Verdade- um comentário*. Rio de Janeiro, Revinter, 1996

A fantasia fundamental de Lacan vem "solucionar" o impasse freudiano mantido até o final de sua obra- nem "imaginação" do paciente a ser corrigida pela "realidade externa", nem fato historicamente localizável. A fantasia fundamental é o axioma que se impõe, ao menos ao neurótico, "entre duas mortes".

É sem dúvida mais didático pensar a fantasia enquanto um mundo de ficção que deve ser corrigido pela realidade externa. Porém, o conflito entre fantasia e realidade, ou entre interno e externo, irreal e real, é subvertido desde a afirmação de Freud de que "as fantasias possuem realidade psíquica".

As fantasias são, então, realidade? O que comporta essa realidade psíquica? Qual é a realidade insuportável? Não estaria Freud, antes da postulação da pulsão de morte, tentando afastar a fantasia da sua própria origem enquanto o que vem ocupar o lugar do trauma e aproximando-a do sintoma enquanto formação de compromisso?

II.3. A fantasia mais além do Princípio do Prazer

No texto freudiano de 1911, "Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental"³³, a fantasia aparece enquanto uma atividade de pensamento liberada do teste de realidade e subordinada somente ao Princípio do Prazer: "Com a introdução do Princípio de Realidade, *uma espécie de atividade do pensamento* foi expelida, foi mantida livre do teste de realidade e permaneceu subordinada apenas ao Princípio do Prazer. Essa atividade é o fantasiar."

³³ Freud, Sigmund. "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" (1911), vol. XII

Paula Mancini Ribeiro, em sua tese *A fantasia como resíduo- um estudo sobre a realidade psíquica*³⁴ explicita como o pensamento pode ser lido em Freud como derivado da fantasia e esta, por seu turno, derivada da realidade da castração. Esta realidade do desejo e da castração é destacada por Freud nos seus textos “As Pulsões e seus Destinos” e “A Negativa”. Em 1911, enquanto o fantasiar aparece originalmente em termos do Princípio do Prazer, o pensar, por outro lado, foi desenvolvido a serviço do teste de realidade, como um meio de sustentar a tensão e de adiar a satisfação.

Seria a fantasia, então, uma atividade que não leva absolutamente em consideração o teste de realidade? Seria a fantasia da ordem da ilusão e do engodo enquanto o pensar se aproximaria da realidade? Veremos adiante como no contexto lacaniano e no contexto bioniano a mesma passagem no texto de Freud pode ser diferentemente interpretada.

Embora essa oposição fantasiar *versus* pensar se configure, Freud se refere também à fantasia enquanto “uma espécie de atividade do pensamento”, o que complexifica esta oposição.

Lacan, em seu *Seminário VII*³⁵, problematiza a oposição entre processos de ficção e processos de pensamento, e localiza aí o que ele chama de “paradoxo da relação com o real em Freud”.

Lacan continua dizendo que se, numa primeira abordagem, o pensamento deveria parecer-nos como estando no nível do Princípio de Realidade, ele também é, segundo o próprio

³⁴ Ribeiro, Paula Mancini. *A fantasia como resíduo- um estudo sobre a realidade psíquica*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica-UFRJ, 1997 (inédita)

Freud, por si mesmo e por sua natureza, inconsciente. Todo pensamento se exerce por vias inconscientes e só temos alguma apreensão desses processos na medida em que são produzidas palavras.

Voltando à Freud, numa nota de rodapé em "Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental"³⁶ (1911), ele nos diz o seguinte: "Corretamente objetar-se-á que uma organização que fosse escrava do Princípio do Prazer e negligenciasse a realidade do mundo externo não se poderia manter viva, nem mesmo poderia ter existido de modo algum. A utilização de uma ficção como esta, contudo, justifica-se quando se considera que o bebê - desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe - quase realiza um sistema psíquico deste tipo."

Pode-se pensar, de acordo com essa afirmação de Freud, que há uma "realidade" outra anterior, que se presentifica na atividade da fantasia. Trata-se de uma realidade que se refere ao cuidado materno, ao seu investimento de desejo, que é o que funda a orientação do sujeito, e não de alguma realidade (externa) enquanto possibilitadora de uma concepção das circunstâncias reais do mundo externo. No entanto, essa distinção não fica clara em 1911, e a realidade que aparece sendo levada em consideração pelo Princípio de Realidade é uma realidade que se refere mais ao mundo externo do que ao desejo e à castração.

³⁵ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro VII: a ética da psicanálise*. (1959-1960). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988

³⁶ Freud, Sigmund. "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" (1911), vol. XII

Freud dará destaque a esta última realidade primeiramente em seu texto "As Pulsões e seus Destinos"³⁷ (1915) e finalmente em "A Negativa"³⁸ (1925), onde o pensar é enfatizado como derivado da fantasia, que por sua vez derivaria da realidade da castração. O pensamento é da ordem do engodo e a fantasia inclui a realidade que mais importa, a realidade da castração - essa a proposta de Lacan ao reler Freud, leitura que valoriza a fantasia enquanto o que re (vela) o real.

Veremos então como a constituição da realidade psíquica e seu funcionamento segundo os Princípios do Prazer e de Realidade depende do encontro com uma realidade "externa" muda, uma outra realidade que se refere à alteridade.

Em 1925, Freud descreve os elementos estruturantes da constituição da realidade humana e coloca a perda, ou a não complementaridade radical entre sujeito e objeto, na origem.

O funcionamento do aparato psíquico se inicia com a tensão do desejo que é a busca da repetição da experiência de satisfação (ou, segundo uma releitura lacaniana de Freud, experiência da *falta* de satisfação), busca que se inaugura a partir da perda de *das Ding*. *Das Ding* seria aquele elemento isolado pelo sujeito nessa primeira experiência como sendo estranho, como sendo o primeiro exterior, em torno do qual se orienta o encaminhamento do sujeito.

Em 1925, Freud continua a enfatizar a importância da perda do objeto para a constituição da realidade psíquica: "é evidente que uma pré-condição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido

³⁷ Freud, Sigmund. "As Pulsões e seus Destinos" (1915), vol. XIV

³⁸ Freud, Sigmund. "A Negativa" (1925), vol. XIX

perdidos."Conforme damos conta em outros trechos desta dissertação, esta pré-condição para o teste de realidade foi entendida por alguns pós-freudianos como a perda de um objeto na realidade empírica, cujo seio seria o protótipo.

É o fracasso da correspondência entre uma imagem subjetiva e seu correlato na realidade externa que está na origem do pensamento. A realidade aparece ligada a perda de um objeto e consiste numa atividade que busca reencontrá-lo: "Assim, originalmente, a mera existência de uma representação constituía uma garantia da realidade daquilo que era representado. A antítese entre subjetivo e objetivo não existe desde o início. Surge apenas do fato de que o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente, mais uma vez, algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação sem que o objeto externo ainda tenha de estar lá. Portanto, o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se de que ele está lá." (Freud, "A Negativa")

A função intelectual tem origem a partir da ação recíproca dos impulsos pulsionais. A representação nunca alcança a presença buscada pois a impossibilidade é de estrutura, o objeto é perdido. O objeto é um furo que tem valor de condição para a pulsão, pois a sustenta num movimento circular ao redor desse vazio.

O que caracteriza a realidade humana é a busca de um objeto que possa substituir o objeto perdido. O pensamento, via representação, coloca objetos onde o que há é a perda. A realidade psíquica carrega então o irreduzível que a move, e deste modo, passamos a pensar a fantasia não só enquanto construção imaginária livre das exigências da realidade (que deveria ser corrigida pela "realidade externa"), mas enquanto marcada por uma determinação necessária, pela impossibilidade que ela própria contorna.

Desde o início a fantasia se refere à sexualidade e ao valor traumático desse encontro com o sexual. A novidade de 1920 é a relação do trauma com a pulsão de morte. Com a pulsão de morte, Freud volta a encontrar uma não complementaridade mas que é radical, que se refere a um vazio que está no núcleo do inconsciente... A falha que está no núcleo do inconsciente, esse vazio mais além da sobredeterminação, refere-se ao marco da fixação traumática da pulsão (a seguir explicitamos a noção freudiana de trauma). O sujeito encontra-se fixado a um trauma e essa fixação, que se relaciona a um ponto de gozo, encontra um lugar na fantasia.

A pulsão que não tem um laço íntimo com o objeto pode, num determinado momento, vir a fixar-se a um objeto que faz as vezes desse objeto perdido: a fantasia estará então construída. Mas se a esse lugar algo se fixa possibilitando um velar, é na própria fixação que se revela o vazio do trauma. O apoio que o sujeito consegue na fantasia, ao mesmo tempo que impede que ele se desvaneça, aponta para um ponto insuportável e evanescente onde esse desvanecimento se dá, ponto onde a pulsão de morte insiste e desperta.³⁹

II.4. A realidade traumática e a fantasia - a construção mítica da realidade

Foi em 1937 que a *démarche* da construção encontrou sua definição rigorosa, em contraposição a de interpretação, no artigo precisamente intitulado "Construções em análise".⁴⁰

³⁹ Ribeiro, Paula Mancini. *A fantasia como residuo- um estudo sobre a realidade psíquica*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica-UFRJ, 1997 (inédita)

⁴⁰ Freud, Sigmund. "Construções em análise"(1937), vol. XXIII

José Martinho, em seu texto "Construção e fim da análise" esclarece: "Freud hesita aí entre os termos construção e reconstrução. No plural, as construções (como indica o título do artigo), mesmo se mais distanciadas da experiência imediata, são como as interpretações: parcelares e incompletas. A este nível, tratam-se de operações que visam a significação que toma para o sujeito um fragmento mais ou menos importante da sua realidade psíquica: o sentido de um lapso, por exemplo, ou o esquecimento de um período da sua vida.

Freud propõe que na análise, a construção tem o mesmo valor terapêutico que a recordação... Se a construção basta, é porque combina com a reivindicação atual da pulsão, com o desejo que o analisando vai enunciando no *hic et nunc* da sessão analítica, não com os fatos em si. Dado que é a linguagem que estrutura o inconsciente, as antigas e novas significações que as ocorrências tomam na construção da verdade histórica do sujeito, são efeitos retroativos da cadeia significante. Resta o recalco primordial que Freud evoca no fim do seu artigo... O retorno do recalco vai processar-se através das formulações do inconsciente, nomeadamente do sonho *e da fantasia*.

As construções na análise apenas se podem distinguir das interpretações delirantes, se compararmos o trabalho do analista ao trabalho do lógico. Em lógica, suspende-se tudo o que é predeterminação, propõem--se axiomas e regras e, a partir daí, deduzem-se as consequências. Quando estas não produzem um real logicamente consistente, mudam-se os axiomas e as regras, sem desmoronamento do mundo, como é o caso na psicose."

A opção de reler em "Construções em Análise", de Freud, *a construção* de uma realidade, está de acordo com a releitura que Lacan faz da prova de realidade que, por sua vez, remete à sua categoria do real. Segundo esta leitura, o trauma deixa de ser o *fato em si*

(da sedução) passando a valer por ser confronto com o real inassimilável, e o que dele o sujeito pode dizer num *só-depois* (*nachträglichkeit*).

A fantasia freudiana agrega todos os modos conscientes de dizer o real, como nos devaneios, que Freud utiliza como paradigma da fantasia; ela é *a construção lógica* que o sujeito faz sobre o real e a partir dele, e que encontra sua escrita mínima no que Lacan denominou de *fantasia fundamental*.

Laplanche e Pontalis em seu *Vocabulário da Psicanálise*⁴¹ esclarecem a noção freudiana de trauma. A psicanálise retomou os termos trauma e traumatismo (em Freud apenas encontramos *trauma*), transpondo para o plano psíquico as três significações que neles estavam implicadas: a de um choque violento, a de uma efração e a de consequências sobre o conjunto da organização.

É clássico caracterizar assim o início da psicanálise (entre 1890 e 1897) : no plano teórico, a etiologia da neurose é referida a experiências traumáticas passadas, sendo a data destas experiências recuada, num ritmo cada vez mais regressivo, à medida que as investigações analíticas se aprofundam, da idade adulta para a infância; no plano técnico, a eficácia do tratamento é procurada numa ab-reacção e numa elaboração psíquica das experiências traumáticas. É também clássico indicar que esta concepção passou progressivamente para segundo plano.

Sob a diversidade das condições salientadas nos “Estudos sobre a Histeria” (1895), apercebemo-nos de que o denominador comum é o fator econômico, pois as

⁴¹ Laplanche, Jean, Pontalis, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

consequências do traumatismo são a incapacidade do aparelho psíquico para liquidar as excitações segundo o princípio de constância.

O traumatismo vê a sua ação decomposta em vários elementos e supõe sempre a existência de pelo menos dois acontecimentos: numa primeira cena, chamada de sedução, a criança sofre uma tentativa sexual por parte do adulto, sem que esta nela dê origem a qualquer excitação sexual. Uma segunda cena, muitas vezes aparentemente anódina, e passada depois da puberdade, vem evocar a primeira por qualquer traço associativo. É a recordação da primeira que desencadeia um afluxo de excitações sexuais que excede as defesas do ego. Embora Freud chame traumática a primeira cena, vemos que, do estrito ponto de vista econômico, só posteriormente esse valor lhe é conferido; ou ainda: só como recordação a primeira cena se torna posteriormente patogênica, na medida em que provoca um afluxo de excitação interna... A segunda cena não age pela sua própria energia mas apenas na medida em que desperta uma excitação de origem endógena. Neste sentido, a concepção de Freud abre já caminho à idéia segundo a qual os acontecimentos exteriores vão buscar a sua eficácia às fantasias que ativam e ao afluxo de excitação pulsional que desencadeiam, e não o contrário.

Nos anos que se seguem, o significado etiológico do traumatismo esfuma-se em benefício da vida fantasmática e das fixações nas diversas fases libidinais.

Evento inassimilável pelo sujeito, a natureza sexual do trauma foi sempre tocada por Freud que, ao tempo dos seus "Estudos sobre a Histeria", chegou a confundi-la com a sexualidade genital.

O que torna o trauma inassimilável? Qual a realidade traumática e qual o papel desempenhado pela fantasia no lidar com esta realidade?

A teoria da sexualidade infantil, à qual Freud se vê conduzido, torna caduca a idéia de uma criança introduzida, a partir do exterior, à sexualidade, vítima somente da perversidade dos adultos.

Se o trauma, enquanto incidente sexual precoce, perde rapidamente, seu papel explicativo na teoria freudiana, ele vai reencontrar sob outra forma, um lugar não negligenciável nos anos 20; através das neuroses traumáticas, que Freud aborda no seu artigo "Para além do Princípio do Prazer". A neurose traumática constitui um dos pontos de partida da teoria freudiana da pulsão de morte.

Parece difícil, no quadro da elaboração psicanalítica, dar um valor muito grande ao que é somente factual, reitera Chemama⁴². Os fatos, sexuais ou não, são sempre reelaborados pelo sujeito, integrados ao saber inconsciente. Se queremos guardar a idéia de um trauma, será mais correto dizer que o sujeito, enquanto tal, sofre com efeito um trauma: um trauma constitutivo, que é a existência mesma da linguagem, pois, desde que ele fala, não há acesso direto ao objeto de seu desejo, que ele deve engajar-se na demanda e está reduzido finalmente a fazer passar o seu gôzo pela linguagem.

O que não se pode significar, tem que ser *construído* em análise. Em análise, como recorda Consentino⁴³, há que passar das fantasias que se confessam à construção da fantasia fundamental. Essas fantasias, material que não faz parte do esquecido, "se conectam com o trauma e, ao mesmo tempo, permitem certa diferença entre o trauma e essas recordações inconscientes."

⁴² Chemama, Roland. (org.) *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris, Larousse, 1993

⁴³ Consentino, Juan Carlos. *Construccion de los conceptos freudianos*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1996

Freud elabora sua obra perguntando-se acerca da causa da etiologia das neuroses, qual a sua origem, se externa, se interna.

“O trauma ocupa, em relação com o inconsciente, o lugar da falta... resto que não retorna e, enquanto tal, não pode ser significado.”⁴⁴

É em "História de uma neurose infantil"⁴⁵, texto de Freud de 1918[1914] mais conhecido como o caso do "Homem dos Lobos" que o autor elabora a relação entre realidade traumática e fantasia.

É nítido neste relato de caso clínico a pesquisa que ocupa Freud, sobre a "realidade" do material comunicado em análise por seus pacientes. Em o "Homem dos Lobos", a propósito do sonho com estes animais, Freud investiga se o material trazido pelo paciente é uma *lembrança* dos tenros anos da infância ou uma *fantasia* : "Os incidentes de observação de relações sexuais entre os pais em idade muito precoce, diz Freud, (*quer sejam verdadeiras lembranças ou fantasias*) não são, de fato, nenhuma raridade em análises de neuróticos." Freud, entretanto, estranha o repetido relato de cenas como esta, sempre do mesmo modo (ou de modo aproximado), o que o fará afirmar, logo a seguir: "Certamente não há mais necessidade de duvidar que estamos lidando apenas com uma fantasia..." Freud encerra temporariamente a discussão como se segue: "Pretendo, nesta oportunidade, encerrar a discussão da realidade da cena primária com um *non-liquet* ("não está claro"- veredito dado quando as provas num julgamento são inconclusivas) ."

⁴⁴ idem

⁴⁵ Freud, Sigmund. "História de uma neurose infantil", (1918[1914]), vol. XVII

Depois de apresentar a fantasia como uma representação defensiva que se impunha entre o trauma e a representação consciente (como nos manuscritos L, K e M) ou em sua verdade fictícia (como na “Interpretação dos Sonhos”), é realmente no “Homem dos Lobos” que Freud elaborou a relação entre realidade traumática e fantasia. Segundo Freud, naquele texto, a realidade psíquica e a realidade material se confundem, ou então, basta que o paciente acredite nessas “cenas primitivas” para que a análise surtisse efeito. O caráter real de empiricidade dessas cenas pouco importava, assinala Freud, para aquele que as “vivenciam”: “É essa volta obstinada para os sonhos que explica, na minha opinião”, diz Freud, “que no próprio paciente se estabeleçam pouco a pouco essas cenas primitivas, convicção essa nada inferior a uma convicção baseada na lembrança.”

Se for realmente a partir desse período que Freud substitui a construção e a repetição, em sua busca do acontecimento “vivido” (Freud em “Construções em Análise”, 1937), entende-se por que Lacan valoriza tanto o exemplo do “Homem dos Lobos” quando ele quer localizar a verdade da causa primeira.

É justamente porque não se trata mais, no *Seminário XI*, de “historiar” o passado pela rememoração, mas de evidenciar o limite da rememoração pela “opacidade do traumatismo” (enquanto resistência ao significante), que Lacan toma o exemplo do “Homem dos Lobos”.

Segundo Lacan, o traumatismo como a resistência do significado é o próprio sentido do pensamento inaugural de Freud.

Para Lacan, ao nível do sexual, há um encontro faltoso, e o preço da sexualidade do homem é a perda de uma “realidade primeira assexuada e indeterminada.” Essa realidade assexuada, já descrita por Freud no mito do “Além do Princípio do Prazer” como o

“inorgânico”, um organismo puramente real, sem representação, sem símbolo, é retomada no *Seminário XI* como o mito da lâmina. Para Ana Beatriz Freire, essa lâmina “irá tornar-se o objeto *a*- enquanto representação do objecto perdido.”⁴⁶

Voltemos agora ao comentário de Lacan sobre o “Homem dos Lobos” e sua relação com a fantasia. Diz Lacan: “A importância excepcional dessa observação na obra de Freud é mostrar que é em relação ao real que o plano da fantasia funciona. O real suporta a fantasia, a fantasia protege o real.”

A fantasia vela o real. Real este que é definido por sua “realidade” “inassimilável”, uma origem accidental, um “fora- de- sentido”(hors-sens), ou melhor, por aquilo que “não se entrega facilmente ao significante”. Por sua vez, a fantasia, formulada segundo o matema $\$ \diamond a$ é justamente o que se define pela relação entre o sujeito e o objeto.

Podemos supor que a pesquisa de Freud quanto a realidade se coloca além e aquém da representação.

⁴⁶ Freire, Ana Beatriz. *Por que os planetas não falam?*. Rio de Janeiro, Revinter, 1997

III. FANTASIA E REALIDADE EM LACAN

"Toda verdade tem uma estrutura de ficção"
Lacan⁴⁷.

III.1. Mais além do Princípio de Realidade - a prova de realidade e o imaterial irreduzível

Ana Beatriz Freire, em seu livro *Por que os planetas não falam*⁴⁸ expõe a argumentação lacaniana do teste de realidade, argumentação que Lacan faz sobretudo em seu Seminário VII. A questão dos dois níveis de realidade presentes em Freud está estreitamente vinculada ao entendimento da controversa noção de *prova de realidade*. Aqui, Lacan subverte Freud pois para Lacan, "a defasagem entre a realidade psíquica e a chamada realidade não apresenta mais problema, à medida que o Princípio de Realidade não tem mais o sentido de um processo que vem corrigir o que ocorre na realidade psíquica. Mas, ao contrário, ele coincide com a própria realidade".

Para Lacan, o que interessa à psicanálise é questionar a suposta distinção entre realidade "exterior" e realidade psíquica. A dicotomia entre realidade psíquica e "uma outra correlata do sistema de percepção-consciência" só se sustentaria se considerássemos que o sujeito percebe apenas imagens a partir do mundo empírico.

⁴⁷ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro VII: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998

⁴⁸ Freire, Ana Beatriz. *Por que os planetas não falam?*. Rio de Janeiro, Revinter, 1997

As duas realidades só poderiam ser consideradas opostas se, em vez de o considerarmos a partir da fantasia, definíssemos o Princípio de Realidade como um processo que viria colocar "à prova" a realidade psíquica pela realidade material (empírica) - perspectiva a que, aliás, o próprio Freud, por vêzes, nos conduz.

Se constatarmos, entretanto, que a realidade psíquica é a resposta que o sujeito oferece ao se defrontar com a defasagem entre o que representa e o que pode vir da realidade crua sem simbolização, teremos que admitir que o Princípio de Realidade é a própria realidade psíquica. Concluiremos, portanto, que há uma só realidade, aquela definida como construção fantasmática da relação do sujeito com o objeto. Esta realidade, em termos freudianos, é a resposta do sujeito ao choque que sofre devido à defasagem entre, de um lado, a percepção, ligada ao real e, do outro, a memória, as representações - idéias.

A prova da realidade é uma noção que provoca controvérsia. A partir dessa expressão, Freud definiu duas funções diferentes. É no texto complexo, intitulado "A Negativa"[Die Verneinung, 1925]⁴⁹, que encontramos em Freud a referência mais completa à ambiguidade provocada pela prova de realidade. Nesse caso, a prova de realidade assinala duas funções diferentes: primeiramente, uma função que diferencia simplesmente os *stimuli* internos daqueles que vem do exterior; segundo, a função de modelar o que é interior a partir da realidade percebida do mundo exterior. No texto, encontram-se, por outro lado, trechos onde Freud questiona a função de fazer corresponder o objeto exterior com sua representação, e onde ele chama a atenção quanto ao outro sentido de "prova de realidade", a saber: prova simplesmente, no sentido de uma experiência de constituição da realidade para o sujeito ou, em suas próprias palavras, uma

"diferenciação entre aquilo que é subjetivo e aquilo que é objetivo." Assim, Freud distingue, no processo do pensamento, "um pensamento primordial", regido pelo Princípio do Prazer, e um pensamento em ato que "compara" o dentro e o fora, respectivamente o subjetivo e o objetivo: "Uma outra capacidade da faculdade de pensar traz uma nova contribuição para tornar o subjetivo e o objetivo estranhos entre si. A reprodução da percepção na representação não é sempre a repetição fiel; ela pode ser modificada por omissões, alterada por fusões entre diversos elementos. A prova de realidade tem de controlar até onde vão essas deformações. No entanto, aceita-se como condição, para a elaboração da prova, que certos objetos tenham sido perdidos, objetos esses que, no passado, trouxeram uma satisfação real." (Freud, "A Negativa"). A esse respeito, vale lembrar o comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung*. Nesse comentário, o autor considera que as duas formas de julgamento apresentadas por Freud no texto de 1925 correspondem ao momento de emergência da função simbólica e, conseqüentemente, como todo processo constitutivo, de gênese, ele o apreende como um mito. Mito, nesse caso, da constituição do limite entre o que pertence ao "sujeito", o que está dentro, e o que pertence ao exterior, o que está fora, o objeto.

Para Lacan, devemos levar em conta a segunda interpretação se queremos ser fiéis à enunciação de Freud, e evitar fazer da psicanálise uma prática de adaptação aos *patterns* do mundo exterior e social. Lacan afasta, conseqüentemente, a prova de realidade dessa função de julgamento (da realidade psíquica pela realidade material) da qual o próprio Freud não se desliga por completo, e ele só realça a função de "pôr à prova", no sentido de levar em consideração "a existência" daquilo que tinha sido "outrora" experiência de

⁴⁹ Freud, Sigmund. "A Negativa" (1925), vol. XIX

satisfação. Em última instância, a prova de realidade é a própria prova do inconsciente, já que ela é o mecanismo pelo qual o sujeito revela a ausência da experiência de satisfação e a necessidade da sua presença no campo da representação.

Esta é a tese de Lacan quanto à realidade, a qual pode ser resumida em termos do *Seminário III*⁵⁰ - a realidade é marcada de saída pela "negativização" simbólica, o que significa o seguinte: para fazer o mundo representado, precisa-se de uma operação de exclusão de uma coisa pressuposta (satisfação plena e mítica do objeto perdido em Freud) à qual se renuncia para sempre. "Toda apreensão humana da realidade está submetida a essa condição primordial- o sujeito está à procura do objeto do seu desejo, mas nada pode leva-lo até ele. A realidade, enquanto sustentada pelo desejo, é, de início, alucinada. A teoria freudiana do nascimento do mundo objetual (...) afirma que o sujeito deve permanecer em suspenso no lugar daquilo que representa seu objeto fundamental, o objeto da sua satisfação essencial (...) esse Princípio de Realidade (...) exprime o seguinte: o sujeito não deve encontrar o objeto do seu desejo, ele não é levado até ele pelos canais, pelos trilhos naturais de uma adaptação pulsional mais ou menos certa, tal como a vemos no reino animal. Ao contrário, ele deve encontrar o objeto, cujo surgimento é fundamentalmente alucinado. Obviamente, ele não o encontra nunca, e é justamente nisso que consiste o Princípio de Realidade. O sujeito apenas encontra um objeto, segundo Freud, que responderá, de modo mais ou menos satisfatório, às necessidades em questão. Encontrará apenas um objeto distinto (...)."

⁵⁰ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro III: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985

No *Seminário VII*⁵¹ Lacan comenta o "Projeto para uma Psicologia Científica" e mostra que o Princípio de Realidade e o Princípio do Prazer se cruzam formando um conjunto que não passa da própria realidade psíquica, ou do nível da representação. A partir dessa observação, ele assinala a necessidade de refazer a concepção que colocava o aparelho psíquico como tendo a função de homeostase. Nessa perspectiva, ele mostra que o sistema ω não tem como função primordial a síntese, mas ele funciona a partir da insatisfação, o que, em termos freudianos, traduz-se pela urgência de vida.

De fato, o sistema ω funciona a partir do choque entre o sujeito e a realidade "apalpada" pelo Princípio de Realidade. Trata-se de um funcionamento, observa Lacan, que não se desenvolve por meras facilidades, por homeostase, mas sob os obstáculos, pelos caminhos indicados por barragens, vias bloqueadas, indicadas pela obstrução proveniente desse choque.

A partir dessa interpretação de Lacan, a concepção freudiana da experiência de satisfação deixa de ser primordialmente caracterizada pela satisfação, e assume certa importância pelo fato de ser uma experiência perdida- o que explica o enfoque sobre seu aspecto mítico.

Como observa Lacan, "na perspectiva freudiana, o Princípio de Realidade não se apresenta como síntese mas exercitando-se de uma maneira que é essencialmente precária", já que a realidade é constituída dessa atividade alucinatória primordial. É por essa razão que o acesso à realidade não se realiza quando se renuncia ao ato de alucinar em nome de um objeto mais real, *mas sim quando se assume que esse caráter*

⁵¹ Lacan, J. *O Seminário, livro VII: a ética da psicanálise* (1959-1960). RJ, Jorge Zahar Ed. 1988.

alucinatório irredutível encontra-se na origem da nossa relação, necessariamente precária, com a realidade (o grifo é nosso).

Assim podemos concluir que a realidade psíquica e o Princípio de Realidade não se opõem mais, como se poderia pensar numa certa parte da obra de Freud. Eles são, na verdade, complementares. *Se o aparelho funciona através de associações que tentam reproduzir a suposta primeira experiência de satisfação, a diferença entre percepção e pensamento é uma diferença de grau. Isto é, à medida que a realidade que se refere ao ser humano é sempre a do nível da representação, o nível de coincidência com os estímulos exteriores pouco importa(o grifo é nosso).*

Se, segundo Freud, a alucinação é uma percepção cuja imagem não coincide com o que ocorre no mundo exterior, para Lacan, em última instância, a alucinação da experiência de satisfação é constitutiva do ser humano. Dessa forma, ela é paradigmática do próprio funcionamento da percepção ou do que se apresenta no Projeto como o aparelho ω .

Tanto o texto do Projeto, de Freud, quanto o comentário de Hyppolite sobre "A Negativa" concordam que a prova de realidade se define como o momento em que o sujeito "põe em prova a existência" do que era "outrora" ("era uma vez") a experiência de satisfação (que, por sua vez, *ex-siste* pela expulsão) . Em outras palavras, "a prova de realidade" é a operação pela qual o sujeito revela a *ausência real* da *experiência ideal* de satisfação, ou melhor, o momento de subtração de uma existência real de completude. Ela pode, nesse sentido, ser considerada como a prova pela qual o sujeito deve passar para "entrar" no registro do simbólico, nessa estrutura imanentemente incompleta. Em um sentido mais largo, a prova de realidade pode ser considerada como a própria prova do inconsciente, já que designa o momento inaugural do simbólico. Ou, na perspectiva do

real, ela é o momento em que o real, como aquilo que é o inominável, se exclui para ser nomeado.

Lacan afirma que este lugar da percepção já é pensamento (o do inconsciente) à medida que a percepção em si, enquanto efeito da impressão, à maneira da psicologia clássica, não existe(o grifo é nosso).

Nesse sentido, Lacan questiona a homologia freudiana entre o Princípio do Prazer e a identidade de percepção de um lado, e do outro, o Princípio de Realidade e o pensamento.

O Princípio de Realidade deixa de ser em Lacan, como em Freud, o "domínio" do pensamento consciente, e passa a governar o que ocorre ao nível do pensamento inconsciente. Este, por seu lado, assinala Lacan, é bastante diferente do pensamento da "experiência interhumana" articulada em palavra e que está ligada ao que se chama de "conhecimento do sujeito, no consciente".

Segundo Lacan, "para os fenômenos psíquicos, não se reconhece qualquer realidade própria: os que não pertencem à realidade verdadeira só têm uma realidade ilusória".

O procedimento de todas as funções do aparelho psíquico está necessariamente ligado a uma representação. No entanto, seu funcionamento não se limita em absoluto ao nível cognitivo.

A pesquisa de Freud quanto a realidade se coloca além e aquém da representação, como ficou anteriormente dito. Aquém da representação Lacan coloca *das Ding*, a Coisa.

Das Ding é uma função primordial que se coloca ao nível da instauração do campo da própria restauração, da "gravitação das *vorstellungen* inconscientes" à medida que ela é a meta dessa busca, embora não seja uma representação. A enunciação mais próxima do

que Lacan quer dizer em relação à Coisa, *das Ding*, no *Seminário VII* é o "objecto *a*", enquanto circunscrito pelo significante, embora não reduzido a ele, pois apresenta uma dimensão real -imaterial irreduzível - que lhe escapa.

Das Ding é uma "realidade", entre aspas, porque ela representa o que é irreduzível em toda a forma de representação. Trata-se do Real.

Ao distinguir o que ocorre no mundo empírico por um lado e, por outro, a percepção, derivada do sistema percepção-consciência, Lacan volta à enunciação de Freud e afirma o seguinte: o que ocorre nesse sistema não é menos constitutivo da realidade psíquica. Para Lacan, o exemplo mais surpreendente é o da percepção no psicótico, onde o sujeito percebe uma "realidade" [*das Ding*] distinta da realidade empírica. É nesse nível que Lacan fala de uma outra coisa que faz parte da realidade mas que se desprende dela à medida que não se reduz ao campo do que, para o sujeito, poderá ser representado pelo significante (para outro significante).

Se a prova de realidade se define como o momento em que o sujeito relaciona essas duas realidades (uma realidade definida pela estrutura na representação psíquica e outra que escapa da primeira), podemos afirmar que o sujeito barrado ($\$$) é, em última instância, a encarnação da prova de realidade.

Em outras palavras, a divisão do sujeito é a própria realidade do sujeito enquanto constituído por uma realidade psíquica e pelo real. Trata-se de um sujeito dividido entre a realidade constituída pela linguagem e o que vem como "resto" irreduzível dessa realidade (ou melhor, o real), ou ainda, um sujeito dividido entre *Realität* e *Wirklichkeit*.

Em outros termos, diz Ana Beatriz Freire, o que nos divide é o próprio Princípio de Realidade, se entendermos por este princípio o *colocar à prova*, o choque entre o real como aquilo que resiste à simbolização e a realidade fantasmática, ou aquilo que Lacan traduziu por realidade psíquica- isto é, o que equivale no vocabulário freudiano à *Realität*. É por esta razão que Lacan afirma, que após essa constatação, o Princípio de Realidade deixa de designar a discordância entre essas duas realidades ou, em termos de aparelho psíquico, entre a realidade dita psíquica e uma outra, ligada ao sistema percepção-consciência. É ainda nessa perspectiva, a partir da similitude entre a fantasia e a própria realidade psíquica (no sentido do real já significado, simbolizado pela linguagem), que o Princípio de Realidade deixa de ser uma prova segundo um juízo de valor pressuposto a partir de uma realidade *verdadeira* e se torna a própria experiência da divisão, um *colocar à prova*, uma resposta, uma construção fantasmática, a partir da defasagem entre a realidade dita psíquica e a realidade ligada ao sistema percepção-consciência.⁵²

III.2. A estrutura da fantasia - o véu da realidade

O retorno a Freud que Lacan operou com seu ensino, no que diz respeito ao conceito de fantasia, implicou, primeiramente, num retorno às distinções das estratégias clínicas. A partir da fórmula da fantasia, isto é, do fato de que a demanda do Outro tem função de objeto na fantasia do neurótico, as dissimetrias das estratégias- da histérica e do obsessivo - são acentuadas.

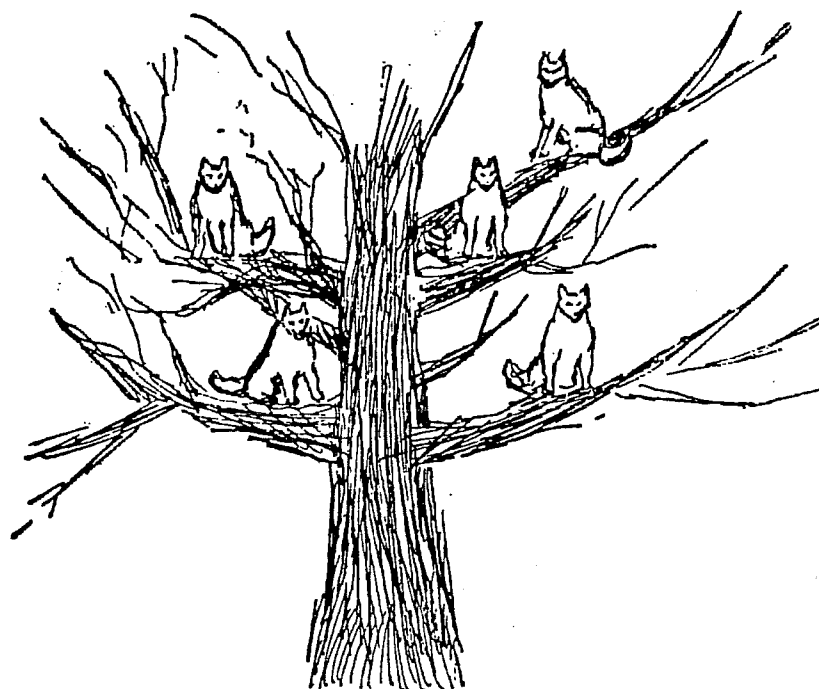
⁵² Freire, Ana Beatriz, Fernandes, Francisco Leonel, Santos Souza, Neusa. *A Ciência e a Verdade- um comentário*. Rio de Janeiro, Revinter, 1996

O passo seguinte é o de definir a estrutura da fantasia: $\$ \diamond a$. A fantasia coordena, numa temporalidade prevista, a relação de um sujeito subordinado ao significante com um objeto. Sua função é dupla: resposta e regulação do desejo do Outro.

Com a fórmula $\$ \diamond a$, Lacan pretende estabelecer a relação porventura existente entre a estrutura da fantasia e a estrutura do significante. Nessa fórmula, $\$$ representa, ocupa o lugar do recalcado, há um elo \diamond e um objeto a . Eles estão numa relação *lógica* e a definição do objeto como valor lógico é o que afasta a fantasia do domínio do imaginário.

A fantasia serve de suporte ao desejo e à realidade. Primitivamente não existe separação entre desejo e realidade. A fantasia é quem dá ordem à realidade, na medida em que a realidade é uma montagem do simbólico e do imaginário. No centro desse quadro que chamamos de realidade humana está o desejo, que é o que convém distinguir: "o desejo é a essência da realidade."

Operando pela fórmula de conjugar o sujeito com o objeto, a fantasia enquadra o mundo do sujeito oferecendo para ele uma cena, o que não quer dizer que seja uma bela cena, apresentada dentro das molduras de uma janela (Lacan considera, inclusive, que a cena do sonho recorrente do "Homem dos Lobos", vista através de uma janela, é "a fantasia pura desvelada em sua estrutura."). Logo, a estrutura da fantasia oferece ao neurótico um mundo (que esta aí em oposição à *outra cena*, que Freud apresenta como a da ordem do inconsciente) erigido nos enquadres de uma janela. No entanto, a janela em sua abertura está preenchida por uma tela que encobre a verdade do objeto enquanto perdido, ou seja, a verdade da castração.



Mas, diz Lacan, a angústia está também enquadrada "por uma janela que se abre". O *unheimlich*, o estranho, o assustador, que é desvelado pela angústia nesta imagem do objecto *a*, aparece na janela pelas frestas, ou seja, num enquadramento. Neste sentido, Lacan afirma que a *outra cena* aparece "num levantar de cortinas" pelas frestas do quadro posto diante da janela. Pois o quadro, a tela, está aí para não deixar ver o que se vê pela janela. Ou seja, no enquadramento da janela coloca-se uma tela cujas frestas dão a ver algo do estranho.

Como não há janela sem frestas, então pela *conjunção* e *disjunção* do sujeito barrado com o objecto *a*, na fantasia o objeto está velando e revelando a falta do sujeito. Vela ao encobrir o furo no campo do significante e revela justamente por buscar encobri-lo.

Na fantasia, o sujeito apresenta-se amarrado a um significante, oferecendo-se a ocupar um lugar na tópica da significação.

A fantasia, defesa contra a invasão da angústia no sujeito, apresenta o sujeito fixado numa objetificação apaziguadora apesar de também deixar entrever aquilo que ela esconde.

A fantasia funciona como anteparo ou tela entre o sujeito e a pulsão. Melhor seria dizer que a fantasia protege o sujeito do real da pulsão.

III.2.1 Poesia e verdade ou o mito individual do neurótico: mito e fantasia

Claude Lévi-Strauss, no cap. X de seu livro *Antropologia Estrutural*⁵³, utiliza o relato de uma cura xamanística - "o primeiro grande texto mágico-religioso conhecido, proveniente de cultura sul-americana", publicado por Wassen e Holmer-, para pensar acerca da eficácia desta cura e, no final do texto, traçar um paralelo entre a cura xamanística e a cura na psicanálise. Trata-se de seu famoso texto "A eficácia simbólica" (1949), utilizado por Lacan na construção de seu não menos importante texto "O mito individual do neurótico" (1953).

"Mu-Igala or The Way of Muu, a medicine song from the Cunes of Panamá" trata de um encantamento. O canto consiste na busca do purba perdido (duplo, alma). O xamã, assistido por seus espíritos protetores, empreende uma viagem ao mundo sobrenatural para arrancar o duplo do espírito maligno que o capturou e, restituindo-o ao seu proprietário, assegura a cura.

Em todos os casos de uma cura xamânica, segundo Lévi-Strauss, o método terapêutico (que se sabe ser frequentemente eficaz) é de interpretação difícil. É cômodo declarar que

se trata de curas psicológicas. Mas este termo permanecerá vazio de sentido, enquanto não se defina a maneira pela qual representações psicológicas determinadas são invocadas para combater perturbações fisiológicas, igualmente bem definidas. No exemplo do texto em causa, o canto constitui uma *manipulação psicológica* do órgão doente, e a cura é esperada desta manipulação.

Lévi-Strauss passa então a estudar esta manipulação, a verificar a sua finalidade e a razão da sua eficácia. A cura começa por um histórico dos acontecimentos que a precederam, e certos aspectos que poderiam parecer secundários, são tratados com grande luxo de detalhes. Tudo se passa como se o oficiante tratasse de conduzir uma doente, cuja atenção ao real está indubitavelmente diminuída- e a sensibilidade exacerbada- pelo sofrimento, a reviver de maneira muito precisa e intensa uma situação inicial, e a perceber dela mentalmente os menores detalhes. Vai-se, pois, passar da realidade mais banal ao mito, do universo físico ao universo fisiológico, do mundo exterior ao corpo interior. E o mito, desenvolvendo-se no corpo interior, deverá conservar a mesma vivacidade, o mesmo caráter de experiência vivida à qual, graças ao estado patológico e a uma técnica obsidente apropriada, o xamã terá imposto as condições.

A técnica da narrativa visa, pois, reconstituir uma experiência real, onde o mito se limita a substituir os protagonistas. O canto, parece ter por finalidade principal descrever as dores e nomea-las, de lhas apresentar sob uma forma que pudesse ser apreendida pelo pensamento consciente ou pelo inconsciente. A cura consistiria, pois, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis para o espírito as dores

⁵³ Lévi-Strauss, Claude. "A eficácia simbólica", in *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1967

que o corpo se recusa a tolerar. Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que também acredita. Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. A doente os aceita, ou, mais exatamente, ela não os põe jamais em dúvida. O que ela não aceita são dores incoerentes e arbitrarias, que constituem um elemento estranho a seu sistema, mas que, por apelo ao mito, o xamã vai reintegrar num conjunto onde todos os elementos se apoiam mutuamente.

A doente, tendo compreendido, não se resigna apenas: ela sara. A relação entre monstro e doença é uma relação de símbolo à coisa simbolizada, ou, de significante a significado. O xamã fornece à sua doente uma linguagem, na qual se podem exprimir imediatamente estados não-formulados, de outro modo informuláveis. E é a passagem a esta expressão verbal (que permite, ao mesmo tempo, viver sob uma forma ordenada e inteligível uma experiência real, mas, sem isto, anárquica e inefável) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência cujo desenvolvimento a doente sofreu.

Para Lévi-Strauss, a cura xamanística se situa a meio caminho entre nossa medicina e terapêuticas psicológicas como a psicanálise. Tanto no xamanismo quanto em psicanálise, propõe-se conduzir à consciência conflitos e resistências até então conservados inconscientes. Em ambos os casos, também os conflitos e as resistências se dissolvem, não por causa do conhecimento real ou suposto, que a doente adquire deles progressivamente, mas porque este conhecimento torna possível uma experiência específica, no curso da qual os conflitos se realizam numa ordem e num plano que permitem seu livre desenvolvimento e conduzem ao seu desenlace.

Todos esses caracteres se encontram na cura xamanística. Aí também, trata-se de suscitar uma experiência e, na medida em que esta experiência se organiza, mecanismos situados fora do controle do sujeito se ajustam espontaneamente, para chegar a um funcionamento ordenado.

O xamã se encarna, como o psicanalista, no objeto da transferência, para se tornar, graças às representações induzidas no espírito do doente, o protagonista real do conflito que este experimenta a meio caminho entre o mundo orgânico e o mundo psíquico.

O paralelismo não exclui, pois, diferenças. De fato, a cura xamanística parece ser um equivalente exato da cura psicanalítica reconstituindo um mito que o doente deve viver, ou reviver. Mas, num caso, é um *mito individual* que o doente constrói com a ajuda de elementos tirados de seu passado; no outro, é um mito social, que o doente recebe de exterior, e que não corresponde a um antigo estado pessoal.

A noção de manipulação, essencial ao entendimento da cura xamanística, está presente, segundo Lévi-Strauss, também na psicanálise, em uma definição ampliada da tradicional: ora uma manipulação de idéias, ora uma manipulação de órgãos, sendo condição comum que ela se faça com a ajuda de símbolos, isto é, de equivalentes significativos do significado, provenientes de uma ordem de realidade diversa da deste último. É a eficácia simbólica que garante a harmonia do paralelismo entre mito e operações. Na cura psicanalítica, o psicanalista executa as operações e o analisante produz o mito, diríamos, parafraseando Lévi-Strauss. Na cura xamanística, o médico (xamã) fornece o mito e o doente executa as operações.

Tratar-se-ia, quer na cura xamanística quer na cura psicanalítica, de induzir uma transformação orgânica, que se constituiria essencialmente numa reorganização estrutural,

que conduzisse o doente a viver intensamente um mito, ora recebido, ora produzido, e cuja estrutura seria, no nível do psiquismo inconsciente, análoga àquela da qual se quereria determinar a formação no nível do corpo. A eficácia simbólica consistiria precisamente nesta "propriedade indutora" que possuiriam, umas em relação às outras, estruturas formalmente homólogas, que se podem edificar, com materiais diferentes, nos diferentes níveis do vivente: processos orgânicos, psiquismo inconsciente, pensamento refletido. A metáfora poética fornece um exemplo familiar deste processo indutor.

Repetindo, a única diferença entre os dois métodos - cura psicanalítica e cura xamânica - que sobreviveria à descoberta de um substrato fisiológico das neuroses, segundo Lévi-Strauss-, diria respeito à origem do mito, encontrado, num caso, como um tesouro individual, e recebido, noutro, da tradição coletiva.

Para este autor é necessário indagar se o valor terapêutico da cura se deve ao caráter real das situações rememoradas, ou se o poder traumatizante destas situações não provém do fato de que, do momento em que se apresentam, o sujeito as experimenta imediatamente sob forma de mito vivido. Com isto entendemos que o poder traumatizante de uma situação qualquer não pode resultar de seus caracteres intrínsecos mas da aptidão de certos acontecimentos, que surgem num contexto psicológico, histórico e social apropriado, para induzir uma cristalização afetiva, que se faz no molde de uma estrutura preexistente. Em relação ao acontecimento ou à particularidade histórica, essas estruturas -ou, mais exatamente, essas leis de estruturação- são verdadeiramente intemporais. O conjunto dessas estruturas formaria o que denominamos de inconsciente. O inconsciente, nesta visão "levistraussiana", se reduz a uma função simbólica, especificamente humana sem dúvida mas que, em todos os homens, se exerce segundo as mesmas leis; que se reduz, de fato, ao conjunto destas leis. O inconsciente está sempre vazio. Órgão de uma

função específica, ele se limita a impor leis estruturais, que esgotam sua realidade, a elementos inarticulados que provém de outra parte : pulsões, emoções, representações, recordações. Poder-se-ia dizer que o inconsciente é o léxico individual onde cada um de nós acumula o vocabulário de sua história pessoal, mas que esse vocabulário só adquire significação, para nós próprios e para os outros, à medida em que o inconsciente o organiza segundo suas leis e faz dele, assim, um discurso. O vocabulário importa menos do que a estrutura. Quer seja o mito recriado pelo sujeito, quer seja tomado de empréstimo à tradição, ele só absorve de suas fontes, individual e coletiva (entre as quais se produzem constantemente interpenetrações e trocas), o material de imagens que ele emprega; mas a estrutura permanece a mesma, e é por ela que a função simbólica se realiza. O mundo do simbolismo é infinitamente diverso por seu conteúdo mas sempre limitado por suas leis. A *forma* mítica tem precedência sobre o *conteúdo* da narrativa.

A importância do "mito individual do neurótico" na obra de Lacan e no aparecimento do estruturalismo psicanalítico está patente desde uma nota do próprio nos *Escritos* onde explicitamente ele reenvia ao primeiro texto de Lévi-Strauss sobre o mito (1949, "A eficácia simbólica"). É precisamente aí, como vimos, que Lévi-Strauss forja a expressão "mito individual", ao fazer uma comparação entre a função terapêutica do mito e a psicanálise.

Tito Cardoso e Cunha, em seu prefácio à edição portuguesa de "O mito individual do neurótico"⁵⁴, comenta a importância do texto de Lévi-Strauss no trabalho de Lacan. No texto acima referido, para além do mito nada intervém na cura. Como diz Lévi-Strauss: "

⁵⁴ Lacan, Jacques. Prefácio à edição portuguesa, *O mito individual do neurótico* (1953). Lisboa, Assírio e Alvim, 1987

é a *eficácia simbólica* que garante a harmonia do *paralelismo* entre mito e operação." *Eficácia simbólica* que reside fundamentalmente na verbalização, operada pelo mito, de afetos anteriormente incompreensíveis porque desintegrados de um sistema e agora englobados num conjunto cultural estruturante de toda uma sociedade a que a paciente pertence.

No discurso mítico o que se passa é uma relação, interior ao espírito, "do símbolo (entes míticos) à coisa simbolizada (a doença), ou, para empregar o vocabulário dos linguistas, de significante a significado." Ora, precisamente, este tipo de passagem à expressão verbal, resolutive de um conflito de outro modo incontrolável, foi descrito por Freud com o nome de *ab-reacção*.

No texto "O feiticeiro e a sua magia"⁵⁵, o próprio Lévi-Strauss se refere ao conceito freudiano de *ab-reacção* nos seguintes termos: "É sabido que a psicanálise chama *ab-reacção* a esse momento decisivo da cura em que o doente revive intensamente a situação inicial que está na origem da sua perturbação antes de a superar definitivamente. Neste sentido, o xamã é um *ab-reactor* profissional." É assim que Lévi-Strauss aproxima a figura do xamã da do psicanalista forjando a expressão "mito individual" que Lacan depois utilizou. Diz ele: "O paciente atingido de neurose liquida um *mito individual* opondo-se a um psicanalista real; a parturiente indígena supera uma desordem orgânica verdadeira identificando-se a um xamã miticamente transposto." E leva mais longe ainda a comparação entre os dois personagens e o respectivo processo de cura, mostrando como, em ambos os casos, se trata de constituir um *mito* que o paciente deve viver, ou

⁵⁵ Lévi-Strauss, Claude. "O feiticeiro e sua magia", in *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1967

reviver. Num caso (psicanálise) trata-se de um mito que o indivíduo deve construir a partir de elementos fornecidos pela sua história pessoal (o grifo é nosso), enquanto que no outro, é um mito social que o paciente aceita do exterior. Outra diferença muito importante diz respeito ao fato de que, na psicanálise, o paciente fala e o psicanalista escuta- uma vez que é o paciente que constrói o seu próprio mito , enquanto na cura xamanística, o xamã fala (narrando o mito social), enquanto o paciente escuta.

Em ambos os casos, o mito tem um papel central na cura, em ambos os casos se trata- na expressão de Lévi-Strauss- de um "mito fundador da cura". Apenas difere a origem do mito: individual ou coletiva.

Para impor essa concepção Lévi-Strauss deverá argumentar contra os que pretendem ser os acontecimentos traumáticos originais realmente existentes e situáveis na história individual do sujeito, afirmando não estar aí a questão mas antes no fato de a sua rememoração ab-reactiva só ter uma virtude terapêutica precisamente por os re-viver sob a forma mítica. Por outras palavras, o acontecimento individual e histórico induz "uma cristalização afetiva que se faz no molde de uma estrutura préexistente."

Do acontecimento individual e histórico distingue-se assim a estrutura intemporal do inconsciente que se reduz a uma função, a função simbólica. A estrutura permanece e é através dela que a função simbólica se cumpre.

Os complexos são mitos individuais. Neles encontramos a estrutura formal vazia, isto é, um conjunto de elementos que mantém entre si um certo tipo de relações, independentemente da natureza desses elementos.

O mito de Édipo trata-o Freud nos termos daquilo a que ele chama "complexo".

No dizer de Lévi-Strauss: "Um mito refere-se sempre a acontecimentos passados... Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que esses acontecimentos, supostos realizarem-se num momento do tempo, formam também estrutura permanente."

A psicanálise, cujo processo de cura se pode dizer que assenta na "procura do tempo perdido", mostra como o mito (complexo) de Édipo é a-temporal na sua estrutura formal, mas irreversível no seu conteúdo pessoal histórico.

Lacan vai buscar muito do que depois nomeará a *fantasia fundamental* na análise estrutural dos mitos de Lévi-Strauss. É princípio metodológico fundamental da análise estrutural dos mitos o de considerar todas as variantes em igualdade de circunstâncias sem privilegiar qualquer uma delas em termos de maior ou menor autenticidade. Esse problema aliás é ultrapassado uma vez que se considera ser mais importante ter em conta as relações diferenciais entre as várias versões do que procurar uma hipotética origem "autêntica".

"A experiência analítica", diz Lacan para aprofundar a realidade fundamental da análise, "não é decisivamente objetivável. Ela implica sempre no âmbito de si mesma a emergência de uma verdade que não pode ser dita, já que o que a constitui é a palavra, e seria preciso de alguma maneira dizer a própria palavra, o que é, propriamente falando, o que não pode ser dito enquanto palavra... e é justamente por isso que existe no seio da experiência analítica algo que é, propriamente falando, um mito.

O mito é o que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição da verdade. A palavra não se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir- e isto, de um modo *mítico*.

Se nos vamos guiar pela definição do mito como *uma certa representação objetivada* de um epos ou de uma gesta, exprimindo de forma imaginária as relações fundamentais características de um certo modo de ser humano numa determinada época, se o vamos compreender como sendo a manifestação social latente ou patente, virtual ou realizada, plena ou esvaziada do seu sentido, deste modo do ser, poderemos então encontrar de certeza a sua função no próprio vivido de um neurótico."

Lacan exemplifica com o caso do "Homem dos Ratos" a manifestação do que ele chama o mito individual do neurótico, ou seja, o cenário fantasmático que se apresenta como um pequeno drama. O que dará o caráter mítico a este pequeno cenário fantasmático?

"A constelação originária que presidiu ao nascimento do sujeito, ao seu destino, e diria Lacan quase à sua pré-história, a saber as relações familiares fundamentais que estruturaram a união dos seus pais [do "Homem dos Ratos"], mostra ter uma relação muito precisa, e definível talvez por uma fórmula de transformação, com o que aparece como sendo o mais contingente, o mais fantasmático, o mais paradoxalmente mórbido do seu caso... o cenário imaginário ao qual chega como à solução da angústia ligada ao desencadear da crise."

Tudo se passa como se os impasses próprios da situação original se deslocassem para um outro ponto da organização mítica, como se o que num lugar não está resolvido se reproduzisse sempre noutro... e é justamente na impossibilidade de sobrepor estes dois planos que se joga todo o drama do neurótico. Ao tentar fazê-los coincidir, ele faz uma operação circular nunca satisfatória, que não chega a fechar o seu ciclo.

A propósito da realidade de que se trata na análise, Lacan chama a atenção para a *inexatidão* dos detalhes presentes na narrativa autobiográfica *Poesia e Verdade*⁵⁶, do poeta e pensador alemão Goethe. "Como o indica o título, diz Lacan, Goethe teve consciência de que tinha o direito de organizar e harmonizar as suas recordações com *ficções* que lhe preenchem as lacunas, que ele não tinha sem dúvida o poder de preencher de outro modo." A *inexatidão* é, segundo Lacan, reveladora do que se pode chamar as intenções reais de toda a cena. Essa *inexatidão* parece ilustrar a discordância sempre presente entre o que é apercebido pelo sujeito no plano do real e a função simbólica. "É nesta incoincidência, diz Lacan, que reside aquilo que faz com que o complexo de Édipo tenha o seu valor." Em outras palavras, é no que o real vivido e o simbolizado não coincidem *minca* que o mito ganha o seu valor "explicativo" daquilo que falta, e engendra a fórmula da fantasia.

A fantasia (fundamental) testemunha a fenda constitutiva de todo ser humano no que este é um ser atirado para a existência desde sempre dependente do outro (Outro). É na lenda familiar (na mitologia familiar) que o sujeito vai buscar a argamassa com que constrói a sua fantasia.

A arbitrariedade com que um analisando interpreta seus sonhos, por exemplo, mas também todos os eventos de sua vida- como Lacan indica ao valorizar a *inexatidão* goethiana em *Poesia e Verdade* -, é a arbitrariedade que interessa ao trabalho do analista. É nela que se transmitem as significações que são *verdadeiras para cada paciente em particular*.

⁵⁶ Goethe. *Poesie et Vérité- souvenirs de ma vie*. Paris, Aubier, 1941

Parece haver, já aqui, um apontamento lacaniano no sentido da importância da enunciação, como reveladora do *mito individual do neurótico*, isto é, da sua fantasia, índice de verdade que interessa ao analista escutar, enquanto revelador daquele funcionamento psíquico em particular.

Os mitos podem ser comparados e justapostos aos relatos oníricos que, como eles, representam a realização de um desejo sob uma forma mais ou menos censurada. Assim, baseado na utilização que Freud faz da Mitologia como estratégia de credibilidade científica de sua teoria, a partir da análise estrutural dos mitos feita por Lévi-Strauss, Lacan propõe o mito individual do neurótico como o que esclarece a categoria da fantasia freudiana enquanto expressão da realidade psíquica.

Segundo a definição de Lévi-Strauss, o mito é um processo cujo fim é fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição. É através do seu mito individual que o sujeito tenta dar conta da sua divisão (§), entretanto estrutural.

III.2.2 *A fantasia é a própria realidade psíquica*

A partir de *Seminário VII*, a realidade onde o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade se cruzam e onde eles são *suplementares*, é a realidade psíquica.

A constituição desta *realidade psíquica* implica perda- a perda que se paga para que o “organismo” (a lâmina) possa “tornar-se” humano, ou para que do ôvo possa se fazer “um homelete”. O processo secundário é, como vimos, com Lacan, o que ordena a

constituição do sujeito. “A função que lhe diz respeito não é de adaptação, é antes um *vel*, assim como uma fantasia que “veste” o processo primário”⁵⁷.

A realidade psíquica (...) é o que aparece quando o corpo enquanto homeostasia vai-se embora... Assim, a realidade mítica indiferenciada torna-se diferenciada, distinta e delimitada - pelos pares de oposições do simbólico (oposições significantes)- do choque dos “dois princípios do acontecimento psíquico”. Trata-se da realidade psíquica do sujeito enquanto ela se define pelo corte do simbólico ou da sua relação com o Outro.

Essa realidade psíquica se atualiza na fantasia (ou no que pode estruturalmente preencher essa função - por exemplo, o delírio) enquanto *vel (véu)* que comanda e que impõe ao sujeito uma perda, isto é, a perda do corpo de ser vivo. Consequentemente, é entre a escolha de ser representado no campo da linguagem e essa parte de si próprio, perdida para sempre, que se coloca a função da fantasia enquanto constitutivo de uma realidade que “o sujeito realiza em sua divisão imanente”.

Essa fantasia que substitui a realidade perdida é a suposta “garantia” do prazer [a fantasia traz, frequentemente, muito mais dor do que prazer], à medida que é o único acesso (para o neurótico) à realidade. É a resposta que o neurótico dá à prova entre uma realidade idealizada perdida, e outra, “real”⁵⁸. É constrangido neste estreito campo (o do quadrângulo do esquema R de Lacan nos *Escritos*) que o sujeito $\$$ encontra a sua liberdade. Esse campo da realidade, segundo Lacan, “só funciona tapando-se com a tela da fantasia”:

⁵⁷ Freire, Ana Beatriz. *Por que os planetas não falam?*. Rio de Janeiro, Revinter, 1997

⁵⁸ idem

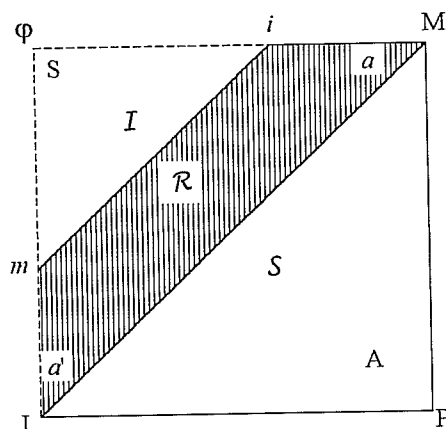


Figura 1 Esquema R de Lacan

“O neurótico, cuja referência ao Nome do Pai é estrutural, é aquele que, através da fantasia, consegue constituir essa realidade psíquica- constituição essa que se faz à custa da divisão do sujeito barrado entre o que essa realidade traz, em termos de representação tranquilizadora, e o que ela excluiu para se constituir.”

No esquema R, o campo MimI é o lugar-tenente da fantasia ao qual esse corte (ou seja, o corte mi, MI) fornece toda a estrutura. Para Lacan, “somente o corte revela a estrutura da superfície inteira, por poder destacar nela os dois elementos heterogêneos que são (marcados em nosso algoritmo $\$ \diamond \alpha$ da fantasia) o $\$$ da banda, a ser esperada aqui onde ela efetivamente surge, isto é, recobrimo o campo R da realidade, e o α , que corresponde aos campos I e S (...) É como representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originariamente recalcado, que o $\$ \diamond \alpha$ do desejo, suporta aqui o

campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do objeto *a*, que, no entanto, lhe fornece seu enquadre.”⁵⁹

A fantasia, enquanto *vel* (*véu*) dessa realidade, é a proibição encarnada ao seu acesso... O paradoxo da fantasia se traduz pelo fato de ser ao mesmo tempo o que oculta essa realidade perdida, e também o único meio de atingi-la, para o ser falante. Com esse duplo aspecto aparentemente paradoxal, ela é o próprio Princípio de Realidade, se entendermos esse princípio não como adaptação da representação do sujeito à realidade material, mas sim como o que o sujeito constrói para si próprio a partir dessa realidade (do real).

A realidade psíquica, a outra cena, é sempre um encontro de um evento indiferente em si... com um significante...que toma um sentido, uma realidade...só-depois do real traumático. Atrás do encontro, há um outro encontro, este faltoso, sem qualquer sentido imanente, a saber, encontro com o real, ou com o trauma freudiano.

A coincidência entre fantasia e realidade é de tal forma materializada que, para Lacan, não há separação entre fantasia e realidade. No *Seminário XX*, ele afirma formalmente: “...Tudo o que diz respeito ao ser falante, a realidade, é assim, isto é, fantasmático”⁶⁰.

⁵⁹ Lacan, Jacques. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1958), in *Escritos*.Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998

⁶⁰ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro XX. Mais, ainda*(1972-1973).Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985

III.3 O real, a realidade e a fantasia - a oposição interno / externo e a banda de Moebius

Através de sua fantasia, o neurótico dá nome à falta. Uma vez tendo nomeado seu objeto, ele acredita poder alcançá-lo. Isto o faz avançar nos mais tortuosos caminhos, na tentativa de realizar esse reencontro.

A fantasia tem dois aspectos, o do real e o da realidade. Como já foi dito, a realidade para a psicanálise é a realidade psíquica. Essa realidade é constituída pela fantasia. Mas a fantasia constitui essa realidade sobre o real. A fantasia, ao velar o vazio, revela e desvela que o sujeito se completa com sua própria falta, mascarada imaginariamente e articulada simbolicamente.

O real é o que apresenta a não existência da relação sexual e a pulsão determinante do indizível. O objeto da pulsão é também real, o objeto *a*. O real é o que há de não simbolizável, é o que opera apenas como causa. O simbólico, causado pelo real, é o que nos *empurra* a uma *certa* possibilidade de realizar *uma interpretação* para essa pulsação muda mas...contraditoriamente, um tanto eloquente.

No *Seminário VII*⁶¹, Lacan interpreta a escolha feita por Freud do termo alemão *Wirklichkeit* (encontrado na correspondência de Freud a Fliess, na carta 73) como uma intenção de designar uma realidade que está fora do campo da representação – ou seja, uma realidade não capturável pelas redes do significante, isto é, o real. Para a realidade

⁶¹ Lacan, Jacques. *O Seminário, livro VII: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988

representada, aquela constituída na própria linguagem, Freud usaria o termo *Realität* (a nossa realidade psíquica), conforme ficou anteriormente dito.

O véu (vel) da fantasia cobre o real. Real que poderíamos nomear ainda em Freud como realidade traumática. Ou seja, a fantasia está no lugar do trauma.

A realidade traumática é aquela que desperta o sujeito para além dos limites do Princípio do Prazer - o acordar do sonho, onde este deixa de estar comprometido com o sono, isto é, com o “adormecimento” da pulsão. Enquanto *excesso* pulsional, a realidade traumática transborda sem ser “domada” por qualquer tentativa de captura.

Sendo irredutível a qualquer dos destinos pulsionais, a pulsão de morte será aquela que retornará sempre no mesmo lugar nas vias da compulsão à repetição⁶². Reconhecemos aqui o real lacaniano como o que retorna no mesmo lugar sem se deslocar, ou, em uma das formulações de Lacan sobre a *sua* categoria do real –o que não cessa de não se inscrever.

É a pulsão... que, ao ser sem representação, nos lança em uma “repetição que demanda o novo”. A pulsão nos encaminha na experiência do real deixando a realidade suspensa enquanto porto de significações ou... enquanto realização fantasmática.

O real para Lacan é eminentemente a realidade do inconsciente não recalçado mas o real só se define em relação ao simbólico e ao imaginário...O imaginário está no plano deste

⁶² Ferreira, Isabela Fernandes Xavier. *Do que se trata na análise- um estudo sobre a finalidade da análise*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica-UFRJ, 1998 (inédita)

véu (vel) da fantasia sobre o real... dando uma “consistência ilusória” a nossa realidade psíquica.⁶³

Para precisar a estreita relação que Lacan estabelece entre a noção de realidade e a noção de fantasia e que remete para o que o próprio cunhou como *extimidade*, ou seja, o que há de mais íntimo e, ao mesmo tempo, mais estranho ao sujeito- outra forma de nomear a *inquietante estranheza* freudiana-, vamos problematizar a possibilidade de uma distinção clara entre interno e externo. Lacan inova bastante nesta matéria, a partir de sua releitura da prova de realidade freudiana.

O modo como Lacan aborda a relação interno/externo é bastante diverso da abordagem kleiniana. Melanie Klein fala de um gradual desenvolvimento do ego para o qual contribui um “crescente sentimento de realidade”, tentando dar conta da passagem gradual de um mundo fantasmático a um mundo “mais realista”.

Segundo Diana Rabinovich⁶⁴, se o teste de realidade em Freud tem um fundamento que passa por um mecanismo complexo, em Klein “o teste de realidade se limita a comprovar ou não se o objeto resistiu aos ataques agressivos do sujeito”. O caminho tomado por Melanie Klein, ampara-se nessa interação ou reciprocidade, que marca uma indiferenciação inicial que aos poucos se modifica. Com o desenvolvimento, acabaria por se formar, segundo ela, um ego mais integrado, capaz de distinguir o mundo externo do mundo interno.

⁶³ idem

⁶⁴ Rabinovich, Diana. *El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica- sus incidencias en la dirección de la cura*. Buenos Aires, Manantial, 1993

A preocupação kleiniana oscila entre a constituição da subjetividade, e o acesso do sujeito a um mundo objetivo, cujas realidades seriam compartilhadas com outros sujeitos. Este acesso a um mundo objetivo seria resultado de um longo processo evolutivo, de uma renúncia às figuras fantasmáticas iniciais, de uma penosa e progressiva discriminação entre o interior e o exterior.

Para Hanna Segal⁶⁵, a fantasia, além de ser pensada como uma defesa contra a realidade externa, “é também uma defesa contra a realidade interna. O indivíduo, produzindo uma fantasia de satisfação de desejo, não está apenas evitando a frustração e o reconhecimento de uma realidade externa desagradável; está também- *o que inclusive é mais importante*- defendendo a si mesmo contra a realidade de sua própria fome e raiva- sua realidade interna.”

Klein e Lacan partem do texto de Freud mas tiram conclusões distintas sobre a questão ou o impasse da oposição dentro-fora, interno-externo e a sua relação com a problemática da fantasia.

Se Melanie Klein se aproxima da fantasia ou realidade psíquica, enquanto uma realidade paradoxal que inclui um externo/interno, trata-se aqui de um externo simétrico a um interno, estando ambos na mesma dimensão de algo que pode ser amado ou odiado.

Guiados pela técnica kleiniana, observamos que a fantasia está em todas as partes, o que se busca atrás de cada sintoma, de cada defesa é uma fantasia inconsciente. No entanto, algumas definições da fantasia colocam em questão se ela é ativa na própria constituição do ego ou se é produto da atividade do ego. Este questionamento não deixa de dizer

⁶⁵ Segal, Hanna. *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975

respeito à seguinte questão: a fantasia é uma propriedade subjetiva, é a “expressão mental da pulsão”, ou é mais abrangente que isso, é uma realidade que abarca também o que não é representação?

Freud, em seu texto de 1925 “A Negativa”, nos fala sobre a constituição da subjetividade, e considera não só a importância da oposição de atributos, como também a fundamental importância da prova de realidade, que aponta para uma perda irremediável e não dialtizável, que torna incerta qualquer avaliação objetiva.

Se em algumas situações Melanie Klein diz que não podemos separar percepção de fantasia, em outras ela diz que “o desapontamento da satisfação alucinatória é o primeiro estímulo para a aceitação adaptativa da realidade”...um ajustamento à realidade, ao desenvolvimento de aptidões apropriadas e à percepção do mundo exterior.

É por considerar na mesma borda o estranho e o íntimo, que Eduardo Vidal afirma o seguinte em “Comentários sobre *Die Verneimung*”⁶⁶: “Freud nos apresenta o inconsciente como superfície de discurso de estrutura moebiana, *sem dentro e fora*, nem superficial nem profundo; uma única borda em que o significante precipita o laço social: como articulação, como materialidade e como barra”.

A realidade psíquica, essa realidade sustentada pela fantasia, tem em seu cerne a perda que a move.

A noção de estrutura nos permite avançar e sair de um dualismo interno-externo, parcial-total, no sentido de pensar com a ajuda da banda de Moebius, “o direito e o avesso em continuidade”. A banda de Moebius é uma superfície da topologia que subverte o espaço

comum de representação, apresentando muitos fenômenos paradoxais. Enquanto “suporte estrutural da constituição do sujeito como divisível”, esta superfície permite situar o sujeito com um rigor que se diferencia da tendência da linguagem comum de substantificá-lo... O sujeito se constitui em uma relação ao Outro, relação esta que passa pela fantasia.

De acordo com Erik Porge, “é em termos de lugar, que as relações do sujeito com o Outro devem ser tratadas e isso pede uma topologia”.

Importa-nos pensar a relação na fantasia do sujeito com o objeto, relação que longe de remeter a uma maturação, deve ser pensada enquanto topológica.

Em seu texto “Le programme de la psychanalyse”⁶⁷, onde sublinha seu interesse em pensar nos fundamentos freudianos do conceito de gozo- conceito que não pode ser entendido somente com o Princípio do Prazer-, Jacques-Alain Miller nos fala do que há de irreduzível na fantasia fundamental e, também aí, faz uma crítica à Melanie Klein pelo fato dela não ultrapassar uma suposta oposição entre o Princípio de Prazer e o Princípio de Realidade... Este ponto que não se apaga, que não é, então, aliviável, revela-se com a fantasia fundamental.

O paradoxo da experiência analítica impele-nos justamente a considerar numa relação moebiana interno e externo, castração e desejo, determinação e aleatório, *isso e supereu*, libido e pulsão de morte, sujeito e objeto.

⁶⁶ Vidal, Eduardo. “Die Verneinung- a negação”, in *Letra Freudiana*, ano VIII, nº5. Rio de Janeiro

⁶⁷ Miller, Jacques-Alain. “Le programme de la psychanalyse”, in *Revue Quarto* nº 37/38, 1989

Diferentemente de uma formação do inconsciente, a fantasia é pensada, então, como um axioma, isto é, aquilo que num sistema lógico não muda, ou aquilo que funda um sistema ao mesmo tempo que está à parte dele... Para Lacan, o axioma está ligado ao resto dedutivo de um sistema lógico, é ponto de partida e ponto limite. A fantasia fundamental é pensada, então, como uma estrutura mínima que relaciona dois elementos diferentes, $\$ \diamond a$, onde encontramos a aproximação- disjunção do $\$$ (Spaltung do sujeito) com o objeto do desejo a .⁶⁸

O direito e o avesso- é o que demonstra a figura topológica da Banda de Moebius-, estão contidos um no outro. Não há pois duas medidas para a superfície (“cara e coroa”) mas somente uma borda (margem) e o tempo é que faz a diferença entre as duas faces.

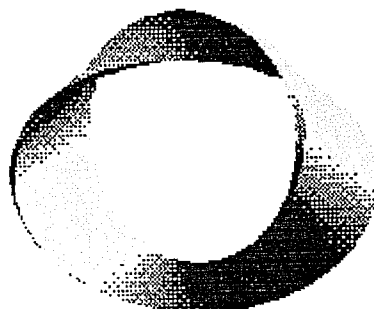


Figura 2 Banda de Moebius

Trabalhando-se com essa noção da topologia, a oposição externo/interno fica totalmente subvertida.

⁶⁸ Ribeiro, Paula Mancini. A fantasia como resíduo- um estudo sobre a realidade psíquica. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica-UFRJ, 1997 (inédita)

A fantasia, ao recortar, por meio dos significantes o objeto a do real, organiza o mundo do sujeito.

A banda de Moebius, com efeito, subverteu a oposição significante-significado, uma vez que nela direito e avesso estão em continuidade um no outro... Localmente, a cada instante do percurso sobre a banda... o significante e o significado se opõem, mas, de fato, a diferença se apóia apenas sobre um fator temporal.

Não somente não há colagem entre significante e significado como acontece numa relação de equivalência matemática ou lógica: " $A=B$ ", mas também a relação se constrói em torno de um vazio, que é aquele da sua referência.

Interno e externo remetem um para o outro como duas faces de uma mesma banda, "a significação estando sempre marcada pelo vazio que ela encerra." Do mesmo modo, sujeito e objeto são as duas faces de uma mesma margem- a margem da fantasia, em sua escrita mínima- a fantasia fundamental.

Pela janela da fantasia, ao sujeito é dado ver algo de realidade, nisso que ela é sempre uma versão ficcionada.

Em Lacan, ao contrário da leitura que de Freud faz M.Klein, mundo externo e mundo interno estão em continuidade e não são categorias opostas, como ilustra a banda de Moebius. Um não existe sem remeter ao outro, ao modo de dois significantes. Fica insustentável, por esta teorização, a idéia de um sujeito que se constituiria a partir da fantasia por adaptação à realidade externa normativa.

A fantasia, com Lacan, é o que separa e une um sujeito e um objeto.

IV. FANTASIA E REALIDADE EM BION

"Creio na Realidade Última como num
fato primordial"

Bion

(a propósito do que denomina "fé
científica")

IV.1. Bion ou os limites do kleinismo

Clínico erudito e flamejante, reformador da psiquiatria militar, grande praticante das psicoses e estados-limite, Wilfred Ruprecht Bion (1897-1979) foi o discípulo mais turbulento de Melanie Klein, da qual ele rejeitou o dogmatismo para construir uma teoria sofisticada do self e da personalidade, fundada sobre um modelo matemático e atravessada de noções originais- pequenos grupos, função α , continente-contido, objetos bizarros, pressupostos básicos, grade, etc.- que, em alguns aspectos, assemelham-se àquelas de Jacques Lacan, seu contemporâneo. Como este, Bion tentou dar um conteúdo formal à transmissão do saber psicanalítico apoiando-se sobre fórmulas e álgebras e, como Lacan também, ele apaixonou-se pela linguagem, a filosofia e a lógica, mas em uma perspectiva, segundo Roudinesco⁶⁹, claramente cognitivista.

Bion fez escola não somente na Grã-Bretanha mas no Brasil, nomeadamente em São Paulo, onde marcou profundamente seus alunos. Teve em sua juventude o privilégio de ser o terapeuta do escritor Samuel Beckett (1906-1989), a quem ele identificou-se fortemente.

⁶⁹ Roudinesco, Elisabeth et Plon, Michel. *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris, Fayard, 1997

Em França, contou com alguns adeptos, dentre os quais Didier Anzieu e André Green.

Nascido em Muttra, Bendjab, de uma mãe indiana e de um pai inglês engenheiro de irrigação, Bion foi educado por uma ama e passou sua infância na Índia, no fim da era vitoriana e apogeu do período colonial.

Como todas as crianças da alta administração colonial, Bion foi enviado desde a idade de 8 anos para a Inglaterra, para ser interno num colégio.

Conheceu o campo de batalha de Cambrai onde esteve entre 1916-1918. Formou-se primeiramente em filosofia e literatura, na Universidade de Oxford, sendo professor em seu antigo colégio, a seguir. Fez posteriormente os estudos de medicina.

Foi a partir de uma psicoterapia pessoal que entrou em contacto com a psiquiatria e com a psicanálise. Em 1932, como médico assistente da Tavistock Clinic de Londres, conduziu curas com adolescentes delinquentes ou portadores de distúrbios da personalidade, e ocupou-se durante cerca de 2 anos do tratamento de Samuel Beckett.

Em 1937, Bion integrou-se à história do freudismo inglês ao encontrar John Rickman que se tornou seu analista e o iniciou nas teses kleinianas.

Mobilizado quando da entrada da Inglaterra na Segunda Grande Guerra, participou com Rickman e outros médicos da reforma da psiquiatria inglesa (que será saudada por Lacan, em 1946, em seu texto pouco conhecido “La psychiatrie anglaise et la guerre”) e que fará nascer sua famosa teoria dos pequenos grupos, inspirada pela experiência de Maxwell Jones (1907- 1990) sobre as comunidades terapêuticas.

Em 1945, Bion fez sua terceira análise com aquela que marcaria definitivamente sua orientação: Melanie Klein. A cura durou 8 anos e, desde o início, Bion anunciou à sua

analista sua recusa de toda idolatria e seu desejo de trabalhar em total independência. Foi um discípulo fiel mas jamais submisso.

A partir de 1960, ele começou a publicar uma série de obras que surpreenderam a comunidade psicanalítica por sua complexidade, e cujo objetivo era revisar filosoficamente a obra freudiana (e sua leitura kleiniana) concebendo um inconsciente fundado sobre a linguagem.

A experiência de pequenos grupos permitiu a Bion abordar o domínio das psicoses com o auxílio de diferentes conceitos kleinianos, aos quais ele juntou, nomeadamente, aqueles de *objetos bizarros* (partículas destacadas do eu e que tem vida autônoma) ou os de *idiograma* (inscrição preverbal de um pensamento primitivo). Além disso, tomando emprestado à Paul Schilder a noção de imagens do corpo, ele desenvolveu a idéia segundo a qual os grupos e os indivíduos seriam compostos de um continente e de um contido. Se, para um sujeito dado, o grupo funciona como um continente, cada sujeito tem também em si mesmo um contido, ou pressuposto básico, que determina suas emoções.

Quanto à personalidade psicótica, ela é uma componente normal do eu. Ora ela destrói o eu impedindo toda forma de acesso à simbolização, ora ao contrário, ela coexiste com outros aspectos do eu, sem advir um agente de destruição. Bion construiu igualmente um modelo de cura ao qual ele deu o nome de *Grade* (*Grelha* ou *Tabela*) . Composta de um eixo vertical de 8 letras (de A à H), conotando o grau de complexidade do enunciado, e de um eixo horizontal de 6 algarismos (de 1 à 6), representando a relação transferencial, a *grelha* deveria auxiliar o praticante em sua escuta e dar uma base dita “científica” à prática da psicanálise.

Recusando, após a morte de Klein, transgredir sua doutrina de “grupo sem líder” e se fazer o *chefe de escola* da escola kleiniana, Bion preferiu instalar-se na Califórnia, EUA. A partir de 1968, viveu em Los Angeles e, desde aí, fez numerosas viagens ao Brasil e à Argentina onde o impacto de seu ensinamento, de sua doutrina e de sua técnica psicanalíticas tiveram uma grande importância para a difusão do neokleinismo (ou pós-kleinismo). A obra bioniana foi traduzida em numerosas línguas.

Ao fim da vida, tornado célebre, retornou à Inglaterra onde morreu .

IV.1.1 O legado kleiniano e a constituição da realidade

Para contextualizar o pensamento de Bion recorreremos, uma vez mais, ao essencial do pensamento kleiniano.

Melanie Klein pensa a partir dos textos freudianos mais tardios. Seus desenvolvimentos se apoiam fundamentalmente na obra freudiana que se inicia com o grande corte de 1920 e que a leva a conclusões muito diferentes daquelas da escola da Psicologia do Ego norte-americana.

Entretanto, segundo Diana Rabinovich⁷⁰, em Klein a originalidade do processo primário, a inadequação fundamental do aparelho psíquico que Freud já enfatiza desde “O Projeto” são deixados de lado e a psicanálise envereda pelo caminho trilhado pela psicologia evolutiva, de uma teoria do conhecimento banalizada que culmina em uma concepção do inconsciente como fonte de uma ilusão “irreal” que fecha ao sujeito seu acesso à realidade

objetiva do mundo, realidade cuja prova já não é o re-encontro do objeto senão que sua construção cognitiva... O inconsciente, o desejo, as pulsões advém tão somente “formas primitivas” que convém o adulto superar.

Um marco genético-evolutivo conflitua constantemente com um marco estrutural na obra de Klein, o primeiro levando vantagem sobre o segundo. São disso testemunho as posições esquizoparanóide e depressiva.

De todos os seus discípulos Bion foi quem viu com maior precisão a dimensão estrutural das posições e quem tentou desenvolve-las.

Partamos pois do que define uma posição desde a ótica kleiniana. O conceito de posição aparece primeiro como um conceito destinado a diferenciar-se do conceito tradicional de fase ou etapa e a cronologia que habitualmente se associa a ele. As posições atuam ao longo de toda a vida de um sujeito e desde esta perspectiva não podem qualificar-se nem como infantis nem como adultas. As posições se apresentam então como o grande organizador da vida psíquica, como sua bússula fundamental. Fica claro que, para Klein, o fundado é a articulação destes elementos e não a existência única de cada um deles em separado.

A partir da sua conceitualização da posição esquizoparanóide, pode-se observar que a dialética primeira é entretanto uma dialética do interno e do externo, do inato e do ambiental: o objeto faz sua entrada como representante do mundo exterior, através da possibilidade mesma de privar o sujeito, quer dizer, de frustra-lo ou de gratifica-lo. Ainda

⁷⁰ Rabinovich, Diana. *El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica- sus incidencias en la dirección de la cura*. Buenos Aires, Manatíal, 1993

que Klein fale com frequência da “interação” entre estes dois componentes- o interno e o externo-, quando deve decidir para qual deles inclinar o fiel da balança na determinação da “eleição da neurose”, sua eleição recai sobre o fator instintivo interno, sobre o predomínio do quantum *inato* de Eros ou Tanatos em cada sujeito. Em todo caso, a verdadeira “ interação”se produz entre Eros e Tanatos, mais que entre mundo externo e interno.

Klein enfatiza a dimensão das funções fantasmáticas, *ilusórias*, em que o eu se vê apanhado pela ação do par pulsional fundamental mas o faz em detrimento das funções “realistas” desse mesmo eu. A realidade em Klein deve ser conquistada, não está ganha de antemão e a desadaptação é o traço distintivo deste eu prisioneiro.

A posição esquizoparanóide implica como básica a dissociação na medida em que a mesma supre na teoria kleiniana a divisão do sujeito pelo significante, a operação que no *Seminário XI* Lacan denominará alienação.

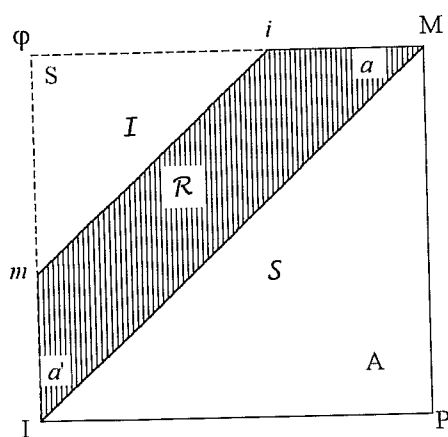
A posição depressiva indica a dimensão de reconciliação frente a negatividade- a pulsão de morte para Klein- que só a assunção da culpa e a *reparação* posterior poderão lograr. Os “progressos” da posição depressiva giram em torno da passagem do objeto parcial ao objeto total, que traz acompanhado uma concomitante diminuição da dissociação e um aumento da integração.

O sujeito experimenta a ambivalência em relação aos objetos totais, aproximando amor e ódio, seio bom e mau, mãe boa e má. Este objeto total, ao unir os sentimentos de amor e ódio face o objeto unificado, é percebido como um objeto danificado pela ação das pulsões agressivas e que, portanto, pode ser perdido.

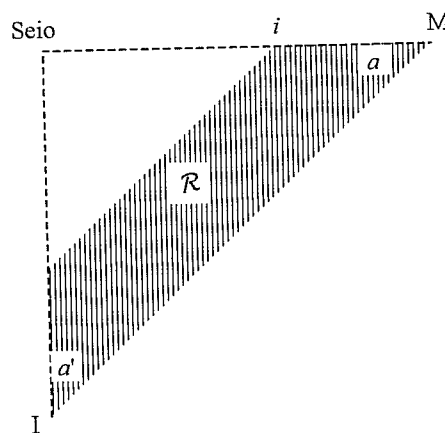
O luto é em Klein a forma de teorizar a perda do objeto, o objeto perdido freudiano. Mas, onde Freud se refere à perda de naturalidade do objeto, à insuficiência de ação específica, Klein situa a perda empírica na experiência, do objeto enquanto tal.

Em sua obra, o final do complexo de Édipo não supõe um luto, o dos objetos edípicos, senão que, pelo contrário, o luto da posição depressiva tem como consequências a aparição do Édipo, a fim de dissimular a angústia e de permitir superar a posição depressiva mesma.

Abaixo reproduzimos o esquema R de Lacan- esquema da constituição da realidade a partir dos três eixos RSI-, e o esquema equivalente proposto por Diana Rabinovich que, segundo essa autora, podemos depreender do texto de Klein:



Esquema R de Lacan



Esquema R em Klein

Figura 3 Esquema R em Klein ou a constituição da realidade a partir da posição depressiva

Se compararmos os dois esquemas reproduzidos podemos observar, em primeira instância, que o triângulo simbólico desaparece, conservando-se tão somente um de seus

lados, o que é definido pelos vértices I e M. Com base neste eixo simbólico se estrutura pois a realidade para Melanie Klein. O sujeito S está conservado mas seu significado variou ao desaparecer a função central da castração freudiana e ser esta substituída pela função da posição depressiva, e do luto. No lugar onde Freud e Lacan situam a significação fálica, se instala a significação do seio como aquele que significa o sujeito em sua relação com o Outro, aqui materno. A significação fálica aparece aqui como substituto progressivo da significação do seio. O pênis, objeto parcial, não determina retroativamente o seio, como em “Inibição, Sintoma e Angústia”, senão que é determinado por antecipação pelo seio enquanto tal. A significação aqui aparece sempre em *avant-coup*, em lugar de em *après-coup*, o que leva necessariamente a uma posição inatista.⁷¹

O significante M remete no esquema de Lacan à função da mãe como Outro primordial, como Outro da demanda e o I remete à função do Ideal de eu, a primeira grande marca, como dirá Lacan, que o sujeito recebe do Outro. Este Outro está claramente em jôgo na teoria de Klein, e se sua versão do seio idealizado marcando o eu se situa do lado do I, do lado do M encontramos a mãe, em sua função de pessoa total. Para Lacan, a diferença parcial-total se inscreve em uma dinâmica totalmente diferente: fragmentação-unificação no marco da especularidade por um lado e, por outro, objeto da pulsão e objeto do amor, vinculados, respectivamente, o primeiro ao Outro barrado do desejo (\bar{A}), e o segundo, ao Outro sem barra da demanda de amor (A).

A inclusão de a-a' no campo da realidade se produz, não por causa da elaboração do luto pelo seio, senão porque, tal como Freud o descreveu, o objeto perdido do desejo é perda

⁷¹ idem

de entrada, mas não na experiência, é perda do objeto da necessidade, não perda do objeto empírico, por ação do campo simbólico que se estrutura entre o desamparo, o Outro pré-histórico e a função do grito que advém chamado.

O evolucionismo e o inatismo presentes também em Klein são o contraponto, segundo Rabinovich, o outro polo de uma tensão, que choca com este conceito de estrutura que implicam as posições e que o esquema R permite definir.

A estrutura, tal como a concebe Lacan, se coloca mais além da oposição biologismo-culturalismo e resgata isso que Freud chamou a “realidade psíquica”.

Para Freud, o acontecimento e sua significação não coincidem necessariamente no tempo, e esta defasagem é elaborada mediante o conceito de *nachtraglich*, de retroação ou *après-coup*. Se consideramos as etapas desde a perspectiva cronológica do acontecimento, nos perdemos no emaranhado de uma psicologia evolutiva psicanalítica que responde bastante bem às aspirações de Karl Abraham. Para ele, há precisamente que inverter a função de *après-coup* e transforma-la num *avant-coup*. Isto é o que Klein leva a cabo.

Em Klein, a posição depressiva cumpre a função de ponto-de-estofa (*point de capiton*) e a significação produzida é o seio materno, que resignificará por antecipação as demais etapas pulsionais, incluída a fálica. O seio cunha assim todos os objetos possíveis.

Desde esta perspectiva, qual é a substituição significativa em jôgo? Várias possibilidades se nos oferecem. Uma primeira, a mais comum, remete este ponto-de-estofa para a perda empírica do objeto como objeto parcial, determinada pela “maturação” perceptiva que leva a descobrir o objeto total. Esta é uma teoria do luto solidária de uma teoria da maturação perceptiva por um lado e, por outro, do pressuposto de que esta maturação permite ao eu avaliar o dano produzido ao objeto pelos impulsos tanáticos. A solução de

culpa e depressão concomitantes passa então pela *reparação* do objeto, que não só se coloca sob o signo de Eros, senão que é remetida especificamente à capacidade sublimatória e à função de Ideal de eu. A reparação assume a posição de uma lei destinada, não a regular o desejo da Mãe como Outro primordial, senão a assegurar a indenidade, a completude da Mãe como Outro da demanda.

Mas também pode focar-se a substituição em função da relação Eros-Tanatos, onde Eros como S2 vem a substituir a supremacia “natural” de Tánatos, S1. Neste contexto, as emoções, como tradução direta dos instintos, são uma realidade primeira que a posição depressiva domestica, advindo por esta razão ponto de partida do “processo de simbolização”. Assim, o ponto-de-estofa marcaria o momento mesmo da gênese do símbolo, de sua aprendizagem, confundindo-se a realidade psíquica freudiana com a realidade da teoria do conhecimento.

Este marco teórico contém como tal que o reencontro do objeto freudiano é transformado em uma reminiscência platônica- é Bion quem realiza esta comparação-, na medida em que se supõe que as representações fundamentais para o sujeito são inatas. Deste modo, pênis, vagina, sexualidade, morte, etc., são significações biológicas herdadas e preformadas. Esta posição traz junto a exclusão da castração.

Pode deduzir-se então que esta forma de conceitualizar o objeto perdido culmina em uma teoria da psicogênese do símbolo. Esta teoria implica quatro premissas, cujas consequências, por exemplo, se desdobram de modo coerente nas teorias de Bion:

- 1) existe um desenvolvimento maturativo teleológico;
- 2) este exige a antecipação da significação, que necessariamente culmina em um inatismo;

- 3) o símbolo dá conta de uma vivência originária, substância primeira perdida- a emoção- nas redes do significante, substância que é a essência do processo psicanalítico, o qual pode portanto ser definido como “uma experiência emocional”;
- 4) o símbolo é pois inseparável da emoção e especialmente dessa emoção fundamental que é a angústia. Deste modo, a teoria da angústia e da psicogênese do símbolo resultam solidárias entre si. No contexto da obra kleiniana, a angústia é a percepção interna da ação da pulsão de morte.

O exame da realidade em Klein se limita a comprovar ou não se o objeto resistiu aos ataques agressivos do sujeito. A primeira realidade é considerada como uma “realidade irreal”, *dominada pelas fantasias*, cujo centro é o interior do corpo materno. A passagem a uma realidade “mais real” dependerá da capacidade do eu para tolerar a angústia. Se a angústia é demasiado intensa devido ao montante exagerado de sadismo, a defesa do eu é excessiva e prematura gerando assim um impedimento na relação com a realidade e o desenvolvimento das fantasias. Em Freud, o exame da realidade, a percepção com que este se acompanha, não deixa de demarcar no contexto da busca do objeto perdido, esse “Outro inesquecível” que nunca será substituído.

A simbolização primordial condiciona a realidade e a existência da prova de realidade que para Freud mesmo era uma condição de elaboração do luto. Entretanto, o exame da realidade tem em Freud um fundamento que não passa pelas coordenadas real-irreal, senão por um mecanismo mais complexo a que se refere em “A Negativa” e que já largamente abordamos nos capítulos anteriores.

Para Freud não se trata de conhecer um objeto, senão de um re-conhecimento, de um tornar a encontrar o objeto dessa representação, de ver se este se re-presenta. Portanto, o

eu realidade definitivo não é um eu cuja função seja conhecer, senão voltar a encontrar, re-conhecer o objeto da representação, e este é para Freud o objetivo fundamental do exame ou prova de realidade.

Num certo sentido, a posição kleiniana poderia aparentemente justificar-se na precedência do juízo de atribuição sobre o juízo de existência. Sendo as atribuições fundamentais bom-mau as que justificam esse mundo “irreal”, distorcido pela fantasia que Freud situa como inicial e sendo o juízo de existência secundário, juízo que é solidário do exame da realidade, em uma leitura superficial quase se poderia considerar que a obra de Klein continua em linha reta o desenvolvimento freudiano.

Klein não precisa a diferença entre a expulsão e a criação do símbolo da negação, precisamente na medida em que crê que o símbolo da negação se infere da comprovação empírica da ausência de objeto. Freud, em contrapartida, sublinha que a criação do símbolo da negação é já uma organização humana dessa realidade, uma busca deslocada do objeto originariamente perdido na estrutura. Deste modo, o exame da realidade, esse exame que joga um papel tão importante na elaboração do luto, não tem como condição de produção o luto. Pelo contrário, o luto normal é possível pois não afeta o objeto perdido na estrutura senão um objeto que existe na realidade, objeto que é já por si mesmo um substituto desse “outro inesquecível”.

Na psicogênese do símbolo que aqui se propõe, o deslocamento permanente do objeto, suas vicissitudes imaginárias, tão só encobrem que as relações de objeto, no plural, existem porque não há objeto próprio da satisfação humana, que elas [as relações] são já substitutos dessa ausência. Esta ausência, produto da função negadora do simbólico não é uma ausência empírica, senão uma ausência simbólica, uma falta, uma falha, que afeta tanto o sujeito como o outro materno. Aceita-lo seria aceitar que a mãe não é toda e que

nada no Outro garante sua indenidade como “pessoa”, inclusive e sobretudo como “pessoa total”.

Lacan, em “A direção da cura”⁷² define nitidamente a dificuldade central da posição kleiniana. Após discutir a fantasia como colocação na cura simbólica do imaginário, diz: “Por isso, toda tentativa de reduzi-la [a fantasia] a imaginário...é um contra-senso permanente, contra-senso do qual a escola kleiniana que levou as coisas muito longe neste terreno, não pode sair por não entrever sequer a categoria do significante.”

Por volta dos fins dos anos 40, Klein começa a enfrentar os *impasses* de sua própria teorização. Entre eles, nos interessa especialmente o que poderia formular-se assim: como diferenciar a psicose “psicótica” da psicose “normal” do desenvolvimento? A confusão entre ambas é constante, acompanhando-se de um marcado desinteresse pelo diagnóstico estrutural e pelo abandono da diferenciação nítida entre psicose, neurose e perversão, que é substituída pela ambígua e fluida coexistência dos “núcleos” psicóticos, perversos ou neuróticos. Finalmente, o critério fundamental de diferença é quantitativo: o montante constitucional de Tánatos.

No centro da concepção psicogenética do kleinismo a satisfação alucinatória é definida como “psicótica” e deve ser corrigida progressivamente pelo desenvolvimento da prova de realidade.

⁷² Lacan, Jacques. “A direção do tratamento- limites de seu poder”(1961), in *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998

IV.1.2 *A realidade em Bion - a morte da coisa e o pensar*

A teorização de Wilfred Bion tenta resolver o contra-senso kleiniano mas sua adesão aos postulados teóricos de Klein o leva a desenvolver uma teoria do símbolo, da simbolização, e do pensar que, segundo Rabinovich, o alheia da categoria do significante.

A ausência do objeto é a chave do desenvolvimento, a ausência contém um luto, e é definida como frustração. O pensar é, em Bion, uma atividade de resolução de problemas, sendo definido o problema central a resolver como o da ausência de objeto, ausência a que Bion denominará não-coisa.

Diante da frustração que acarreta a não-coisa há duas respostas possíveis: elaborar a ausência mediante o desenvolvimento da simbolização e o pensamento ou escapar dela recorrendo à alucinação. A primeira é a resposta neurótica, a segunda a própria da psicose. Efetivamente, para Bion, a não instalação da falta, sua não elaboração marca o limite estrutural entre estas duas formas de organização da "personalidade". Esta posição é coerente com o espaço teórico kleiniano.

Frustração e gratificação são as duas experiências emocionais fundamentais, a uma associada o ódio, à outra o amor. A experiência emocional é a substância mesma do processo analítico e do psiquismo.

A relação entre continente e contido introjetada pelo lactente se converte em um aparelho que permite a ele elaborar a ausência do objeto, primeira versão do pensamento - pré-verbal - cujo fundamento é a identificação projetiva. A este nível Bion introduz uma nova função, a capacidade de *rêverie* da mãe. Sua função é a de permitir que a tolerância à frustração se desenvolva, digerindo esse osso que é a não-coisa, a ausência de objeto.

A capacidade de *rêverie* depende da função α , quer dizer, da capacidade simbólica da mãe mesma. Esta capacidade faz o papel de modular essa função do Outro simbólico. Esta é a única forma em que Bion introduz a função do Outro, como um lugar continente.

Como consequência do enfoque genético do símbolo, o objeto do desejo tende a ser equiparado ao objeto do conhecimento. A partir destas premissas a frustração se transforma em uma matriz da aprendizagem cujo dado inicial é a experiência emocional. Bion desenvolverá uma teoria detalhada do processo de simbolização e pensamento, coerente com estes postulados.

O pensar é uma forma de elaborar o excesso de estímulo emocional e exige como tal o desenvolvimento do que Bion chama elementos α , que equivalem a fatos “digeridos”. Os fatos a digerir são as impressões sensoriais e emocionais. Estes fatos ou “realizações” se agrupam em duas séries, a da frustração e a da gratificação. Estas realizações saturam um novo elemento teórico, a preconcepção da representação herdada. O encontro entre a preconcepção e uma realização da série da frustração, ao introduzir a não-coisa, gera a concepção.

O seio na série da gratificação é objeto de gozo, sua perda, caso seja elaborada, determina o surgimento do desejo, da nostalgia do objeto, possibilitada pelo símbolo. Para Bion, o símbolo é a morte da coisa, morte que se funda na “experiência emocional da ausência”. O desejo pelo objeto perdido surge como limite do Princípio do Prazer graças à elaboração da frustração.

Os elementos α se agrupam para formar uma barreira, a barreira de contacto, cuja função é estabelecer o limite entre consciente e inconsciente. Segundo Diana Rabinovich⁷³, esta barreira de contacto ocupa o lugar do recalque primário em Freud e sua instalação indica o triunfo do Princípio de Realidade.

Os elementos α se organizam graças ao que Bion chama a função α , cujo estabelecimento permite a atividade de pensar surgir. O pensar consiste primordialmente em resolver o problema que a ausência de objeto coloca, e os elementos α são os instrumentos que permitem que o problema chegue a colocar-se. Estes elementos são prévios a qualquer aparelho destinado a pensá-los, são pensamentos sem pensador, como diz Bion. Este pensamento sem pensador é, para Rabinovich, o inconsciente freudiano.

A função α , indica Bion, tem uma estreita relação com a verdade, a qual é indispensável para um desenvolvimento emocional adequado. A verdade, diz, é independente de um pensador, mais ainda é o pensador o que introduz a possibilidade mesma da mentira. A incursão de Bion na temática da verdade surge em seu esforço por precisar os limites estruturais entre neurose e psicose e entra em contradição com o inatismo kleiniano.

Para Bion, o sujeito psicótico não tem contacto nem consigo mesmo nem com a realidade, se conecta como se fosse um robot. O aparelho destinado a captar a realidade é o objeto privilegiado dos ataques da identificação projetiva e o *splitting*, os que operam fragmentações que não se levam a cabo de acordo com as linhas “naturais” do objeto.

⁷³ Rabinovich, Diana. *El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica- sus incidencias en la dirección de la cura*. Buenos Aires, Manatíal, 1993

Como consequência de suas noções teóricas, a direcção da cura na esquizofrenia é empreendida no sentido de um dar-se conta da experiência emocional, o que conduz, segundo Bion, a um aumento da capacidade de pensar, capacidade que se opõe à dissociação, que é sinónimo de uma integração não tanática de dois objetos, o que equivale a uma função sintética. A psicanálise é aprendizagem da experiência emocional cujo desenlace exitoso culmina com o incremento da capacidade de pensar e compreender.

O objetivo da mudança é levar progressivamente o paciente à posição depressiva, a partir da qual seria capaz de elaborar a frustração e desenvolver o uso do símbolo.

A “parte psicótica da mente” é inversamente proporcional à capacidade de tolerar a dor mental produzida pelo contacto com a verdade/realidade.

A realidade constitui-se a partir de um incremento na capacidade de tolerar a frustração da não-coisa e se expressa pela crescente capacidade de pensar os pensamentos, ou seja, por uma complexificação do pensar. Isto mesmo fica visível no eixo vertical da Tabela de Bion, que reproduzimos a seguir a título de ilustração.

Pela Teoria do Pensamento Bion não resolve o impasse kleiniano, o que o conduz à sua categoria de *realidade última*.

Tabela Original de Bion

	Hipótese Definitória	Ψ	Notação	Atenção	Indagação	Ação	... n.
	1	2	3	4	5	6	
A Elementos β	A1	A2				A6	
B Elementos α	B1	B2	B3	B4	B5	B6	... Bn
C Pensamentos Oníricos, Sonhos e Mítos	C1	C2	C3	C4	C5	C6	... Cn
D Pré-Concepções	D1	D2	D3	D4	D5	D6	... Dn
E Concepções	E1	E2	E3	E4	E5	E6	... En
F Conceitos	F1	F2	F3	F4	F5	F6	... Fn
G Sistema Científico Dedutivo		G2					
H Cálculo Algébrico							

IV.2. A noção de "barreira de contacto", a realidade e a fantasia

Ao longo de nossas leituras fomos constatando que se Bion cria todo um corpo teórico novo, ainda que no essencial mantenha a fidelidade à obra de Klein - como tem vindo a ser comentado-, ele abandona a ênfase kleiniana na fantasia.

Freud partiu da sedução relatada pelas histéricas para chegar à noção de fantasia, que não hesitou em qualificar como uma forma de pensar. A fantasia freudiana mantém-se comprometida com a lógica inconsciente ao longo de toda a obra de Freud, desfazendo a hipótese segundo a qual esta "parte primitiva" do funcionamento humano desenvolver-se-ia. Entretanto, Freud deixa na dúvida os seus leitores, é fato, quanto a posicionar a fantasia - por assim dizer, do "lado" do consciente (cujos devaneios são o protótipo) ou do "lado" do inconsciente-, permitindo até o fim de sua teorização que a pergunta se coloque: em que margem do rio se encontra a fantasia?

Melanie Klein adota a fantasia freudiana como sinônimo de realidade interna, e faz da fantasia inconsciente (a *phantasia* de Susan Isaacs) o material príncipes do trabalho do analista, disposta a confrontá-la com a realidade externa, tomada como parâmetro universal. Esta forma de ler o texto de Freud marcou profundamente a psicanálise pós-freudiana - não só o trabalho com crianças, de que Klein é fundadora mas a abordagem psicanalítica clássica das psicoses.

Lacan, criticando a abordagem kleiniana da fantasia - a qual acredita privilegiar apenas o que chamou de registro do imaginário -, cria a sua própria versão, à qual atribui um caráter mais *real*. A sua releitura do Princípio do Prazer-Desprazer freudiano o conduz a reinterpretar o sentido da prova de realidade e a propor a estrutura da *fantasia fundamental* onde o registro simbólico, que funda o sujeito do inconsciente em sua

divisão (e que resulta da prova de realidade) articula-se ao registro do real, cuja função enfatiza cada vez mais em sua obra. O material da fantasia fundamental dá conta desta “localização” da fantasia, consciente e inconsciente. Por isso mesmo, não se trata de uma formação do inconsciente mas da própria realidade psíquica.

Porque Bion não localizou nominalmente, em sua Tabela, a fantasia? E se tivesse que fazê-lo, onde ele a localizaria?

Na parte que se segue analisamos a noção bioniana de “barreira de contacto”. A “barreira de contacto” é aqui analisada não por acreditarmos que aí se possa localizar a fantasia freudiana (Diana Rabinovich a equipara ao recalque primário de Freud, como vimos) mas pelo esclarecimento que a sua abordagem traz à questão da realidade em Bion.

Em seu livro *Pensar a Emoção*⁷⁴, Fátima Cabral refaz o percurso freudiano sobre a questão. É propositadamente que aqui retomamos alguns trechos do texto de Freud já anteriormente comentados pois a ênfase que a autora põe nos recortes que faz esclarecem a noção de realidade em Bion e ajudam a pensar acerca da “localização” da fantasia no contexto teórico deste autor.

No processo de distinguir entre a fantasia e a realidade, Fátima Cabral aponta o ego do Projeto (Freud, [1895] 1950) e, o Pcs, da chamada 1ª tópica- primeiro exposta por Freud em “Interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/1), como os locais de eleição para este trabalho: “Enquanto no Projeto o ego era o que induzia o processo secundário em função da sua organização própria e com o papel preponderante das “barreiras de contacto”, [em

⁷⁴ Cabral, Maria de Fátima Sarsfield. *Pensar a emoção: o processo psicanalítico como reconstrução da “barreira de contacto” (Bion)*. Lisboa, Fim de Século Edições Lda., 1998.

“Interpretação dos Sonhos”] o sistema Pcs é o próprio lugar do funcionamento do processo secundário, sendo as funções da inibição e da demora ou *capacidade de esperar*, *fatores essenciais no processo de julgar se as coisas são ou não reais* (o grifo é nosso). A autora menciona o “trabalho do sonho” para acentuar, como importante, a elaboração secundária: “Este [o conteúdo do sonho] difere completamente do pensamento de vigília devido ao “trabalho do sonho”: a transformação dos pensamentos de sonho no seu conteúdo manifesto através da condensação, deslocamento, consideração à figurabilidade e elaboração secundária.

Seria esta última característica do “trabalho do sonho” que estaria mais próxima do pensamento de vigília.” E, citando Freud: “É da natureza do nosso pensamento de vigília *estabelecer ordem no material dessa espécie, nela estruturar relações e fazê-lo conformar-se às nossas expectativas de um todo inteligível*”. A autora sublinha em Freud, como foi dito, o que lhe parece importante, isto é, a elaboração secundária. Segue citando Freud: “O processo secundário abandonou a intenção de estabelecer uma “identidade perceptiva”- a repetição de algo perceptivamente idêntico à experiência de satisfação- e tomou outra em seu lugar- o estabelecimento de uma “identidade de pensamento” com aquela experiência.” É curioso notar que a autora utiliza esta passagem para aproximar Lacan e Bion pois a ênfase lacaniana nesta passagem de Freud está justamente no fato de o processo secundário, resultante da prova de realidade e conforme o Princípio de Realidade *não* buscar legitimação na percepção da realidade material, externa. Poderíamos dizer que, ao texto psíquico, como num texto literário, importa mais sua verossimilhança que propriamente a verdade.

Devemos reconhecer, entretanto, que o texto freudiano em causa, o qual a autora escolhe para comentar a função do pré-consciente (que mais adiante aproximará da noção de

barreira de contacto em Bion)- seja, “ Interpretação dos Sonhos”-, “induz” à valoração do processo secundário de funcionamento do aparelho psíquico, em detrimento do funcionamento primário.

Porém, é a própria autora quem relembra: “Na “Psicopatologia da Vida Cotidiana” (Freud, 1901), escrita ao mesmo tempo que “ Interpretação dos Sonhos”, Freud dá aos fenômenos psíquicos de vigília o mesmo tratamento que na “Interpretação dos Sonhos” dá aos fenômenos oníricos, pretendendo demonstrar que a tese da sua obra fundamental- a existência de dois modos distintos de funcionamento mental (processo primário e processo secundário) – também é verificável na vida de vigília e não só nos sonhos.”

Diz a autora: “Em 1911 Freud escreve um importante artigo- “Formulação sobre os dois princípios do funcionamento mental”- no qual retoma as hipóteses teóricas do “Projeto” e de “ Interpretação dos Sonhos”, preparando-as para servir de base aos artigos metapsicológicos. O tema principal é o da distinção entre os princípios reguladores- o Princípio do Prazer e o Princípio de Realidade- que dominam, respectivamente, os processos mentais primário e secundário. É neste artigo que Freud emprega, pela primeira vez, a expressão “teste da realidade”.

Freud pretende investigar o desenvolvimento da relação do ser humano com a realidade, tentando “trazer a significação psicológica do mundo externo e real para a estrutura das nossas teorias.”

Com a introdução do Princípio de Realidade, uma das espécies da atividade do pensamento foi separada: “ela foi libertada do teste da realidade e permaneceu subordinada somente ao Princípio do Prazer; esta atividade é o fantasiar, que começa já

nas brincadeiras infantis e, posteriormente, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais.”

Freud dirá seguidamente que, a substituição do Princípio do Prazer pelo da Realidade, é um processo lento e que “enquanto esse desenvolvimento tem lugar nos instintos do ego, os instintos sexuais desligam-se dele e permanecem sob o domínio do Princípio do Prazer.

“A característica mais estranha dos processos inconscientes reprimidos, [diz Freud no texto de 1911], deve-se ao seu inteiro desprezo pelo teste da realidade; eles equiparam a realidade do pensamento com a realidade externa e os desejos com a sua realização- com o fato- tal como acontece automaticamente sob o domínio do prazer. Daí a dificuldade em distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornaram inconscientes.”

Segundo Fátima Cabral :“Apesar de, neste artigo, [Freud] não falar do sistema Pcs e, pelo contrário, dar uma grande importância ao Cs e ao ego, parece-nos extremamente importante a referência ao pensar e ao trabalho psíquico de ligação, de vinculação, de transformação e de tolerância ao desprazer, entre a fantasia e a realidade que, até à segunda tópica, [Freud]deu ao Pcs.” . A fantasia é tomada pela autora, a nosso ver, na aceção kleiniana e a realidade aqui reportada parece ser a empírica:

“A atividade no Cs. e no Pcs. tem em conta a ordem do tempo e a da realidade, estabelecendo uma ou várias censuras a partir do “teste da realidade”.” A autora parece propor, com Bion, o “teste da realidade” como um precursor importante da constituição da “barreira de contacto” enquanto o que ajudaria o sujeito na discriminação entre o dentro e o fora, o “irreal” e o real.

“Foi o desenvolvimento trazido por Freud sobre as diferenças e semelhanças existentes entre o sonho e a alucinação que levou à diferenciação entre o Pcs e o Cs; o Cs ficou assim, imediatamente ligado à percepção e o Pcs transformou-se no lugar por excelência do trabalho psíquico, fazendo as trocas entre interior e exterior, o sujeito e o mundo, as fantasias e a realidade, os processos primários e os secundários, as representações de coisa e as de palavras.

É através das representações verbais que os processos internos do pensamento são transformados em percepções: “quando uma hipercatexia do processo do pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos como se proviessem de fora e, conseqüentemente, são considerados verdadeiros.”

Em 1937, Freud escreve o artigo “Construções em Análise” em que se preocupa novamente com o problema da realidade e, nomeadamente, com a diferença entre realidade material (dos fatos) e histórica. Já no “Projeto” (1895) falara da “realidade externa” e da “realidade do pensamento” como sendo diferentes e mantendo-se separadas. Em “Totem e Tabu” (1912/1913) distingue “realidade psíquica” e “realidade dos fatos”; em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914), depois de relacionar a compulsão à repetição com a transferência e com a resistência, afirma que a “transferência cria uma região intermediária entre a doença e a vida real” e que é a elaboração da neurose de transferência que convence o paciente da existência dos impulsos reprimidos que não podem ser recordados; em “Moisés e o Monoteísmo” (1939[1934-38]) vai falar de “realidade externa” e “psíquica” ou (“interna”), para dizer que há “verdades históricas”(como os mitos), experiências acompanhadas de forte convicção, que não correspondem, aos factos materiais.”

Para Bion existe a realidade externa e sensorial (elementos β), a realidade psíquica, não acessível aos sentidos, podendo apenas ser intuita, e a realidade última, apenas acessível a um “ato de fé” (científico), isto é, com a renúncia voluntária ao desejo, à memória e à compreensão para se conseguir o *at-one-ment*. (Esse assunto é abordado no item *Os três níveis de realidade em Bion*.)

Para Fátima Cabral⁷⁵, “tendo em conta o processo dialético entre fantasia/realidade (realidade entendida como tudo o que se experimenta como exterior ao campo de onipotência do sujeito) : umas vezes a realidade é subordinada à fantasia e as pessoas (adulto ou criança) parecem perdidas na fantasia, quando a transformam em algo de tão palpável, poderoso e/ou gratificante como a realidade externa, deixando assim de haver diferenças entre uma e outra.

Outras vezes, o equilíbrio dialético entre a realidade e a fantasia rompe-se em favor da realidade, sendo esta utilizada como uma defesa contra a fantasia. As pessoas parecem estar presas ou coladas à realidade e evitar desesperadamente qualquer vislumbre de fantasia, ou desprezar todo e qualquer jogo criativo que saia do âmbito e do controle restrito da realidade.”

A relação que a autora propõe entre a fantasia e a realidade repete, também aqui, uma abordagem kleiniana em que é vislumbrado um “equilíbrio dialético” entre fantasia e realidade. A importante noção bioniana de realidade última não é articulada com as demais.

⁷⁵ idem

“Para Bion, diz Fátima Cabral, o que possibilita este processo [o equilíbrio dialético entre fantasia e realidade] é a progressiva e permanente formação dentro de nós do que ele chama a “barreira de contacto”, ou seja, a condição *sine qua non* para a saúde mental e para o desenvolvimento psíquico depende da constituição e da manutenção, no interior da vida psíquica, duma função continente maturativa e transformadora- relação continente/conteúdo (♀ ↔ ♂) - que vá favorecendo a sucessiva integração das experiências emocionais, num processo permanente de oscilação entre momentos de clivagem e projeção e momentos depressivos e integrativos (PS ↔ D), numa cada vez maior tolerância à dor mental.

Esta “ barreira de contacto”[é uma] espécie de tecedura ou pele psíquica estruturada por elementos α ligados entre si...Seria pois, a partir desta “membrana”, que permite o contacto e a troca entre consciente e inconsciente e através duma relação positiva continente/contido [+ (♀ ↔ ♂)], que se delimitariam e diferenciariam consciente e inconsciente tanto de dia, acordados e atentos, como de noite, quando dormimos e sonhamos. Esta “barreira de contacto” impediria que as fantasias e estímulos internos sofram a interferência do mundo externo (o sonho mantém o sono), mas, por outro lado, evitaria que a apreciação das realidades fosse distorcida pela emoção. *Assim se iriam formando, por um lado, as fantasias inconscientes, por outro, a consciência, segundo Freud, "o órgão encarregado da percepção das qualidades psíquicas" ou, segundo Bion, a "função psicanalítica da personalidade".* (o grifo é nosso)

É pois, extremamente difícil e, sobretudo arriscado, aplicar à realidade psíquica as regras destinadas à realidade material. Só por analogias nos podemos aproximar da realidade psíquica, em última análise incognoscível porque infinita.”

Nas formulações que nos levam através de Freud até Bion, o grande ausente é a articulação dos três níveis de realidade propostos. Quanto à fantasia, parece manter as “características kleinianas”.

IV.3. Os três níveis de realidade em Bion - realidade sensível, realidade psíquica e realidade última

Segundo Gérard Bléandou⁷⁶, Bion já tinha se interessado pelo Princípio de Realidade ao oferecer uma versão psicanalítica dos grupos. Sempre colocou como pedra angular de seu edifício teórico o artigo de 1911 no qual Freud formulou os dois princípios do funcionamento psíquico. A fim de se submeter ao Princípio de Realidade, o ego deve desenvolver as funções que lhe asseguram a consciência (atenção, juízo crítico, memória), substituir a descarga motora e dar à luz o pensamento. Segundo Bion, o pensamento verbal representa o elemento essencial das funções desenvolvidas pelo ego para entrar em contacto com a realidade.

Bion sempre se apoiou na concepção freudiana de um aparelho mental que funciona segundo o Princípio de Realidade. Entretanto, introduziu duas modificações nesta concepção, para deixá-las mais de acordo com os fatos encontrados na análise dos esquizofrênicos. Antes de mais nada, o ego nunca se afasta inteiramente da realidade... *O contacto com a realidade é mascarado pela predominância, na mente e na conduta do paciente de uma fantasia onipotente...* (o grifo é nosso). Como o contacto com a realidade nunca é totalmente perdido, os fenômenos associados às neuroses jamais estão

ausentes; manifestam-se misturados ao material psicótico quando a análise progride o suficiente. O fato de o ego manter sempre um contacto com a realidade implica a existência, paralela, de uma personalidade não-psicótica no esquizofrênico.

Pela segunda modificação, Bion estabelecia que *o afastamento da realidade é uma ilusão* e não um fato... (o grifo é nosso). “A predominância desta fantasia é de tal ordem que evidentemente, para o paciente, não se trata de uma fantasia mas de um fato.”

A fantasia aparece aqui em seu caráter imaginário, ilusão a ser “corrigida” pela “experiência emocional” da análise.

Vimos anteriormente como Bion aproxima a função alfa da verdade, que considera imprescindível ao desenvolvimento mental.

Para Bion, *não* há delimitação entre a categoria da *verdade* e a da *realidade*.

Três níveis de realidade ficam patentes na obra bioniana. Começamos por definir aquele que o caracteriza, sobretudo em sua fase final de produção, e que, parafraseando Lacan, diríamos ser a sua resposta sintomática à Melanie Klein, a sua invenção por relação ao mestre – a *realidade última*.

Diz Bion, em *A atenção e interpretação*⁷⁷: “Recorro ao signo Ó para denotar *realidade última* que se representa por expressões como verdade absoluta, deidade, infinito, a coisa-em-si. Não está Ó na esfera do saber ou do aprender, salvo de maneira eventual; é-se “tornado Ó”, dele entanto não se “sabe”. Insondável e informe, embora penetre a área do

⁷⁶ Bléandou, Gérard. *Wilfred R. Bion: a vida e a obra 1897-1979*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993

vínculo K ao evolver para o ponto em que se sabe a seu respeito, por conhecimento advindo da experiência, e enunciado em termos que se derivam de experiência sensível; seu existir é por conjectura fenomenológica. O analista põe atenção em Ó, desconhecido e incognoscível. O objeto conhecido ou cognoscível pelo homem, inclusive ele, é o evolver das imanências de Ó. O psicanalista e o analisando dependem ambos dos sentidos, mas os atributos psíquicos, de que a análise cuida, não são acessíveis aos sentidos embora, como diz Freud, ao equivalente mental dos órgãos sensoriais.”

Ao definir a realidade última, Bion indica que este é o lugar a ocupar pelo analista durante a análise e que os “fatos” a serem levados em conta, para o objetivo da análise, não são os “fatos concretos, históricos, a experiência sensível” mas outra ordem de fatos:

“Por Ó se representa a verdade absoluta imanente de qualquer objeto; admite-se que o ser humano não o conhece; dele se sabe a respeito, sente-se-lhe e reconhece a presença, embora incognoscível”. Para Bion, “possível é ser tornado Ó”. E ainda: “[Ó] é postulado básico de ciência, embora não alcançável de maneira científica. [ver a coincidente formulação sobre o real da ciência em *A realidade da psicanálise*] Não há descoberta psicanalítica imaginável sem lhe reconhecer a existência, sem ser tornado Ó em seu evolver.”

A descrição da realidade última poderia ser reportada à categoria de real em Lacan, inclusive quando este se refere ao lugar a ocupar pelo psicanalista. Porém, diferente de Lacan, Bion aproxima-se de uma solução místico-religiosa, que o trabalho analítico para este autor visaria: “Os místicos religiosos provavelmente mais perto se aproximam de

⁷⁷ Bion, Wilfred Ruprecht. *A Atenção e interpretação: o acesso científico à intuição em psicanálise e*

prefigurar tal experiência.” Bion fala então de “fé”: “O termo que de perto equivale ao que pretendo expressar é “fé”- fé de que existe a realidade e verdade últimas- o desconhecido, o incognoscível, o “infinito informe”...para mim, “fé” é estado mental científico...” E ainda: “Há em todo objeto, material ou imaterial, a realidade última incognoscível, a “coisa-em-si”. Dos objetos promanam ou emergem qualidades, evoluem características imanentes que advém como fenômenos à personalidade humana. De tais características, a personalidade está ciente ou inconsciente; elas diferem da realidade última. A totalidade do que em geral se considera a experiência mental ou espiritual se constitui de manifestações supra-sensíveis”.

Com a categoria de realidade última Bion nomeia o “além” da representação; os elementos beta são sua forma de nomear o “aquém” da representação.

Podemos dizer que em Freud, em Lacan e em Bion encontramos o aquém e o além da representação, em suas pesquisas sobre a realidade. Porém, as “soluções” buscadas pelos três autores não são coincidentes.

Antônio Muniz de Rezende, em *A metapsicanálise de Bion- além dos modelos*⁷⁸, esclarece a categoria de realidade última: “Convida-nos Bion a passar da experiência sensorial para um outro nível, no qual ocorre a *realização* propriamente dita. Na linguagem de Kant, seria a passagem do fenômeno para o noumenon. Os fenômenos são as coisas percebidas pelos sentidos. Um outro domínio, que Kant chama de noumenal, Bion designa como sendo o da realidade última.

grupos. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991.

⁷⁸ Rezende, Antônio Muniz. *A metapsicanálise de Bion- além dos modelos*. Campinas, Papirus Editora, 1994

É a coisa-em-si que sustenta os fenômenos, mas, como tal, não pode ser dita. O dito, qualquer dito, continua sendo da ordem fenomenal.”

Em sentido científico, os físicos reconhecem que há um fim da física e da teoria física que deixa em aberto o espaço para um outro tipo de conhecimento, que Bion chama de fé científica. “Creio na Realidade Última como num fato primordial”. Tudo o que dizemos sobre ela não é ela; a realidade última não é segunda, não é próxima, não é fenomenal. Temos assim uma psicanálise do negativo, enfatizando o “trabalho do negativo”, a começar pelo reconhecimento de um “infinito, informe, inominável”.

A experiência da realidade última depende de se ter “espírito na mente”. Para *realizar* a realidade última, não basta ter sensibilidade, é preciso ter espírito.

Ao fazer, com Bion, esta afirmação António Muniz de Rezende faz alusão à diferença estabelecida por Kant entre o estético e o artístico. O estético é relativo à sensibilidade sensorial; o artístico é relativo à sensibilidade espiritual. Com preendendo a diferença entre estético e artístico, podemos compreender também o que é necessário para haver “percepção” da realidade última. Não basta ser sensível. É preciso ter espírito na mente, para entrar em contacto com a realidade última. Essa condição é que Bion chama de *At-one-ment* : *de acordo com Ó, em direção a Ó*.

A função α é o correspondente dos nossos sentidos para a apreensão da realidade psíquica. (E, para a apreensão da realidade última, será necessária uma função superior que Bion chama de fé).

Assim como o olho vê as cores, o ouvido ouve os ruídos, o tato percebe o calor, assim a função α percebe, no nível propriamente psíquico, uma outra realidade. E para perceber a realidade última, só mesmo com fé. A fé é o correspondente da função α para a

percepção da realidade última, assim como, a função α é o correspondente dos sentidos para a percepção dos objetos psíquicos.

A realidade sensível é a que pode ser captada pelos órgãos dos sentidos e equivale em Bion à noção de realidade externa. Como ficou dito anteriormente, Bion deixa claro que não é sobre essa que se dá o trabalho de análise.

A realidade psíquica é em Bion a realidade interna, apreensível segundo ele pelo que cunhou de função α . Por meio desta função, os elementos β (sensíveis) são transformados em elementos α (as representações de palavra freudianas ou os significantes em Lacan).

A realidade última é cunhada por Bion para designar o aquém e o além da representação, aproximando-se da coisa-em-si kantiana, como ficou dito.

Bion “resolve” a questão da “percepção” da realidade discriminando três “níveis” de percepção: a percepção da realidade externa seria apreendida pelos órgãos dos sentidos. Separada desta, a percepção de uma realidade interna é facultada pela função α .

A realidade última é noção que Bion estabelece indo buscar a Kant. Entretanto, ela não parece se vir juntar às duas anteriores (como no enodamento, ou nodulação borromeana, RSI, proposta por Lacan). Trata-se, segundo Rezende, de uma percepção de outra ordem, visada na análise, ainda que não necessariamente conseguida: de acordo com Ó, em direção a Ó, em um constante “dinamismo simbólico”. Segundo Rezende: “O simbólico é o pensamento desenvolvido, em contínua expansão, como o próprio universo em que se situa. A realidade nos frustra, fazendo pensar. Pensar é ir além do conhecido. Simbolizar é pensar e pensar é entrar em expansão, como o próprio universo”.

Joan e Neville Symington, em *O pensamento clínico de Wilfred Bion*⁷⁹ abordam assim a questão da realidade neste autor: “Os kleinianos, tal como Bion, estão preocupados com a realidade psíquica, com os objetos internos, com a mudança psíquica. Em que é que reside a diferença entre a abordagem de Bion e a abordagem dos que permanecem fiéis a Melanie Klein e a Freud?” E os próprios respondem: “Bion começou a partir de uma realidade não conhecida porque incognoscível, que denominou Ó”. Quanto à realidade psíquica, dizem: “A realidade ou a qualidade psíquica com que estamos a lidar, pode ser intuída através da interação ativa entre as duas pessoas na situação analítica. As matérias com as quais a análise lida não são apreensíveis pelos sentidos comuns. As palavras derivam de um background sensorial e, por esse motivo, não são adequadas ao trabalho analítico, mas apesar disso, têm de ser utilizadas. No [mundo] do ser humano, a fonte da sua atividade construtiva é o pensamento, cuja raiz reside, na concepção de Bion, na função α . Assim, o pensamento desenvolve-se para se interpor entre o impulso e a ação.”

IV.4. Verdade, falsidade e mentira - o lugar dos pensamentos míticos

No capítulo que se segue, tendo em conta que já tratamos da questão da construção mítica da realidade em Freud e do mito e sua relação com a fantasia em Lacan, procuramos examinar o lugar dos mitos na teoria de Bion. Poderia a fantasia freudiana ocupar o lugar dos pensamentos míticos? Que lugar ocupa a narrativa pessoal do analisante no contexto da obra de Bion?

⁷⁹ Symington, Joan e Neville. *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa, Climepsi Editores, 1999

Segundo Grinberg, Sor e Bianchedi⁸⁰: “Bion propõe aproximar-se o mito de Édipo e os outros mitos, buscando elementos relacionados com o vínculo K (knowledge), quer dizer, com o problema do conhecimento, tão básico ao ser humano como são os vínculos L (love) e H (hate) . Enfocados sob este ponto de vista, encontra-se em três mitos narrativamente muito diferentes (o de Éden, o de Édipo e o de Babel) uma estrutura subjacente comum em relação com o vínculo K.

Os elementos comuns que se podem encontrar nos três mitos são: um Deus onisciente e onipotente, um modelo para o crescimento mental, uma atitude de curiosidade e desafio, e um castigo relacionado com a curiosidade pelas proibições existentes e com a busca do saber (...) A curiosidade nos três mitos tem a qualidade de ser um pecado. Os modelos para o crescimento mental estão representados pela árvore do conhecimento, o enigma da Esfinge e a torre de Babel.

A configuração subjacente a estes mitos em relação ao “saber” encontra sua expressão no indivíduo em cada etapa do crescimento e aquisição de conhecimentos. A curiosidade estimulada busca o conhecimento; a intolerância ao surgimento da dor e o temor ao desconhecido estimulam ações tendentes a evadir, anular ou se opor à busca e à curiosidade. Os mitos dão uma versão narrativa do problema, donde os diferentes personagens em sua interrelação desenvolvem o drama do homem e do grupo em sua busca da verdade, sobretudo quando a curiosidade e essa busca se referem ao conhecimento de si mesmo.”

⁸⁰ Grinberg, León, Sor, Darío, Bianchedi, Elizabeth Tabak. *Nueva introducción a las ideas de Bion*. Madrid, Tecnipublicaciones S.A., 1991

A propósito dos pensamentos míticos, Ana Almeida⁸¹ nos diz: “O mito é uma construção pessoal que organiza uma série de elementos α num todo coerente e significativo para o próprio.

Os pensamentos oníricos, os sonhos e os mitos são construções formadas a partir de elementos α , distinguindo-se entre si pelo grau de sofisticação que apresentam e pelo fato de se encontrarem conscientes e/ou inconscientes...os mitos são pensamentos conscientes. *São constelações de fantasias inconscientes pessoais organizadas numa narrativa* (o grifo é nosso). Os mitos organizam e denunciam uma constelação que o indivíduo (ou o Homem) identificou como uma conjunção constante.” Ficamos tentados a fazer equivaler a conjunção constante (ou esta organização pessoal narrativa) à fantasia fundamental de Lacan. Entretanto, pela própria Tabela depreendemos que *os mitos*, no plural, são tomados como etapa evolutiva no desenvolvimento da capacidade para pensar os pensamentos e não como estruturantes do aparelho psíquico, enquanto revestimento do real.

Segundo Amaral Dias: “Os elementos míticos são todos aqueles elementos de que o indivíduo se serve para construir as suas próprias estruturas narrativas, as suas narrativas pessoais e as suas interpretações pessoais sobre os acontecimentos que se passam na sua própria vida e a maneira como ele interliga estes acontecimentos aos acontecimentos que se passam à sua própria volta. É na categoria D que se organizam as estruturas narrativas dos sujeitos.: “O meu pai era desta maneira, a minha mãe era daquela”, as explicações que a pessoa vai dando sobre a sua própria vida.”

⁸¹ Almeida, Ana C. *Ensaio para a informatização da Tabela de Bion*. Lisboa, tese de mestrado, ISPA, 1998 (inédita)

Em seu livro *Tabela para uma nebulosa*⁸², Carlos Amaral Dias propõe várias modificações fundamentais à tabela de Bion, das quais três refletem-se imediatamente sobre o desenho da grade (vide a seguir Tabela revista e modificada por Amaral Dias). Propõe a subdivisão da linha C em duas. A subdivisão tem como objetivo estabelecer uma separação entre os sonhos e os pensamentos oníricos, por um lado, e os mitos por outro. A subdivisão da categoria C em pensamentos oníricos e sonhos por um lado e mitos por outro permite a separação entre aquilo que são pensamentos que se apresentam de uma forma sensorial e pensamentos que não se apresentam desta forma. A categoria C definida por Carlos Amaral Dias- *Pensamentos oníricos e sonhos* está muito mais ligada ao sensorial do que a categoria D, que o mesmo autor fez equivaler aos *Mitos*. Para além do sensorial ter uma importância capital nesta distinção, é ainda possível referir que a categoria C se processa em áreas da mente muito mais próximas do inconsciente e do pré-consciente do que a categoria D. Tendo em consideração que com a teoria desenvolvida por Bion não faz mais sentido falar de área inconsciente, pré-consciente e consciente, segundo Ana Almeida⁸³ poderíamos dizer que a categoria C é reflexo imediato da barreira de contacto, enquanto que a categoria D se organiza a partir de uma certa cristalização de elementos oriundos da barreira de contacto.”

Amaral Dias propõe, diferentemente de Bion, dois pontos distintos de evolução máxima na leitura da Tabela. “Um desses pontos é a categoria H ou I (respectivamente *Sistema científico-dedutivo* ou *Cálculo algébrico*) e o outro é a categoria D (*Mito*). A evolução e

⁸² Dias, Carlos Amaral. *Tabela para uma nebulosa- desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Lisboa, Fim de Século Edições Lda, 1997

⁸³ Almeida, Ana C. *Ensaio para a informatização da Tabela de Bion*. Lisboa, tese de mestrado, ISPA, 1998 (inédita)

a maturação não visam apenas atingir um crescendo de complexidade mas visam também atingir uma capacidade de auto-observação e de introspecção que se revela num saber “prático” *sobre e na* realidade. A esta capacidade de leitura do sujeito da sua própria realidade Bion chamou *função psicanalítica da personalidade*.

Os mitos são o produto resultante do efeito da função psicanalítica da personalidade mas também funcionam, num segundo tempo, como combustível para essa mesma função. “Se pretendessemos elaborar uma perspectiva evolutiva, diz Amaral Dias, os mitos e as concepções teriam que estar a um mesmo nível. São ambos resultantes do contacto de uma pré-concepção com uma realização [interna (consciente/inconsciente) ou externa].”

Tabela Revista e Modificada por Amaral Dias

		+K					-K	
		-K	K → O			-K		
	Hipótese Definitória	Ψ	Notação	Atenção	Indagação	Decisão	Ação	... n.
	1	2	3	4	5	6	7	
A	A1	A2					A7	
Elementos β								
B	B1	B2	B3	B4	B5	B6	B7	... Bn
Elementos α								
C	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	... Cn
Pensamentos Oníricos								
D	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	... Dn
Pensamentos Míticos								
E	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	... En
Pré-Concepções $\psi(\xi)$								
F	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	... Fn
Concepções								
G	G1	G2	G3	G4	G5	G6	G7	... Gn
Conceitos								
H		H2						
Sistema Científico Dedutivo								
I								
Cálculo Algébrico								

O gráfico a seguir ilustra a relação que pode ser estabelecida entre a realidade e as várias categorias da Tabela, nomeadamente, a categoria dos Mitos.

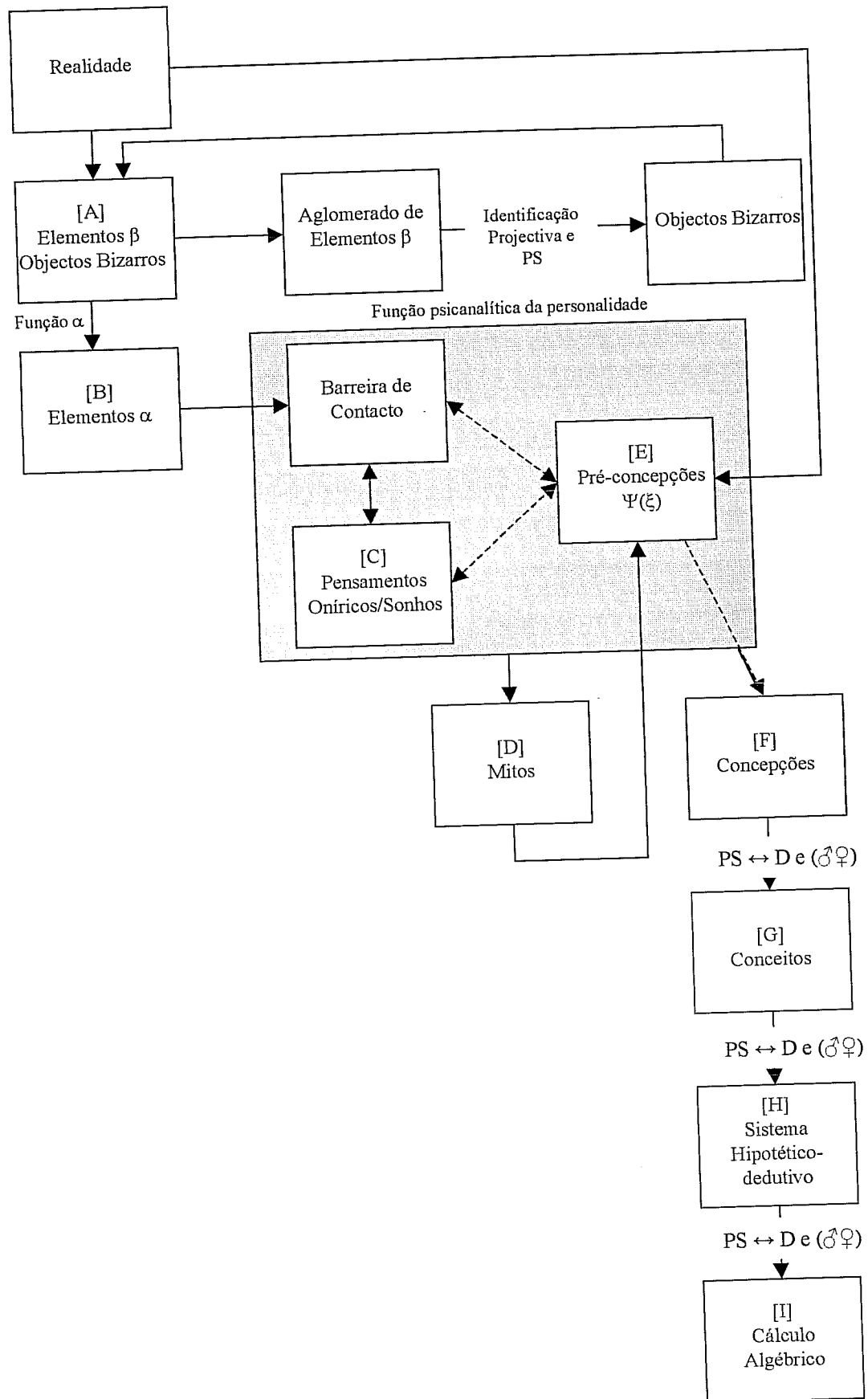


Figura 4 (Almeida, 1998)

Para Carlos Amaral Dias, "...podemos dizer que entramos na Tabela pela realidade externa e, entramos na Tabela pela realidade "interna". Ambas estas realidades, a partir da pré-concepção ou dos elementos β , vão ser susceptíveis de transformação até criarem uma narrativa pessoal e conceitos sobre o mundo.

(...)

Não esqueçamos o seguinte: o pensamento humano destina-se a duas coisas: à capacidade de criar conceitos e, mais tarde, sistemas hipotético-dedutivos e cálculos algébricos a um nível muitíssimo superior de abstração e também à construção de uma capacidade de leitura do sujeito da sua própria realidade, ou seja, da construção de uma função psicanalítica da personalidade, de uma capacidade de auto-observação, da introspecção, de todas estas coisas que se encontram na categoria D...⁸⁴

Do cruzamento da sua linha D (pensamentos míticos) com a coluna 2, resulta D2, a que Amaral Dias chama Mitos e versões mentirosas do mito. Carlos Amaral Dias propõe que há mitos que não servem ao conhecimento (D2 e D7) e outros há que lhe são úteis (nomeadamente D5 e D6), aqueles sobre os quais o sujeito se indaga e que conduzem a um conhecimento de si, não servindo apenas para o encobrimento do confronto com a verdade.

As versões mentirosas do mito seriam o modo de nomear, no contexto da obra de Bion, a nosso ver, a faceta de defesa da fantasia freudiana, defesa contra a realidade "externa" e contra a "realidade interna".

⁸⁴ Dias, Carlos Amaral. *Tabela para uma Nebulosa- desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Lisboa, Fim de Século Edições Lda, 1997

Vimos como, em Klein, o sujeito procura defender-se sobretudo da “realidade interna” e vimos como, em Lacan, a fantasia fundamental articula o que é da ordem narrativa com o real.

Ao comentar as alterações introduzidas por Amaral Dias na Tabela de Bion e, a propósito de uma delas, isto é, da coluna da Decisão, Ana Almeida diz: “...percebemos que “a faculdade que liga a sensibilidade ao entendimento é a imaginação”. A imaginação é, por sua vez, definida (de acordo com Kant) como a “faculdade de representar na intuição um objeto mesmo na sua ausência.” Desta maneira, a imaginação aparece como uma capacidade intermédia que inclui a capacidade de síntese, e que organiza a produção de esquemas ou sínteses figuradas que precedem as sínteses intelectuais de onde resultam os conceitos.”

Este comentário nos remete para a noção de fantasia freudiana, quer porque imaginação é uma das traduções possíveis do termo alemão *Phantasie* quer porque, como ficou visto, Freud deu um lugar privilegiado à fantasia enquanto *espécie peculiar* (intermédia?) *de pensamento* (vide parte II desta dissertação).

Ainda segundo Ana Almeida⁸⁵, “Bion fala muitas vezes sobre a imaginação especulativa como sendo um exercício que favorece e estimula a capacidade de pensar.

A imaginação encontra-se intimamente ligada à noção desenvolvida por Bion de função α . E esta está intimamente associada à noção de fato selecionado. O fato selecionado,

⁸⁵ Almeida, Ana C. *Ensaio para a informatização da Tabela de Bion*. Lisboa, tese de mestrado, ISPA, 1998 (inédita)

conforme o próprio nome indica, implica a seleção de um fato de entre um determinado conjunto de fatos disponíveis.”

A nosso ver e, com Lacan, esta escolha que o *fato selecionado* invoca é uma “escolha” ditada pela fantasia, ou seja, pelo mito individual do neurótico, escolha forçada “nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei” .

Voltando a D2, Amaral Dias esclarece⁸⁶: “É a categoria onde encontramos maior número de enunciados falsos. Esta categoria é o dia a dia de um analista, sob imensas formas: as racionalizações, as intelectualizações, as virtudes obsessivas, os falsos amores histéricos, etc.

O material provindo dos pacientes apresenta-se sob forma de um enunciado falso, pelo menos no princípio de uma análise e durante longo tempo.”

Na cura, os mitos que não servem ao conhecimento (D2 e D7) se transformariam em outros úteis (D5 e D6), como vimos.

A própria narrativa pessoal progrediria de uma formulação “falsa” para uma mais verdadeira [ou menos falsa], implicando um trabalho analítico *sobre* o mito.

“A história de um humano é sempre mítica, ainda quando parece banal”, diz Amaral Dias. “É por isso que a fala do analista é sempre uma fala de interpretação, porque nós trabalhamos apenas com duas coisas: mitos e sonhos. Não trabalhamos com fatos reais. Fatos reais não existem. Existem fatos mentais e os fatos mentais são-nos ditos. Sabemos lá como é que as coisas foram! Temos lá alguma idéia de como é que elas eram?”

Temos o mito do paciente, o seu mito pessoal. Esse mito pessoal é que é susceptível de análise e de transformação.

Há mitos convenientes e mitos inconvenientes. São convenientes os mitos que acedem à transformação e permitem o crescimento.”⁸⁷

Grinberg⁸⁸ recorda: “Bion sustenta que todo pensamento, uma vez formulado, é falso se comparado com a verdade do fato que formula. O que varia é o grau de falsidade e aqui será necessário discriminar (...) entre falsidade e mentira. A verdade é essencial para o crescimento mental. É possível denominar a verdade absoluta como um “pensamento sem pensador”. Diz-se de um pensamento que ele é falso por expressar uma restrição comparada com a verdade “original”.

Bion considera que, para que haja mentira, é absolutamente necessário um pensador enquanto que o pensamento verdadeiro não necessita para sê-lo de um pensador que o pense.”

O enunciado mentiroso parece ser uma gradação do enunciado falso, não suscetível de questionamento.

“A capacidade do ser humano para tentar tolerar verdades acerca de si mesmo, é precária; a verdade é uma fonte permanente de dor e o desejo de conhecimento nunca pode ser

⁸⁶ Dias, Carlos Amaral. *Tabela para uma Nebulosa- desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Lisboa, Fim de Século Edições Lda, 1997

⁸⁷ idem

⁸⁸ Grinberg, Léon, Sor, Darío, Bianchedi, Elizabeth Tabak. *Nueva Introducción a las ideas de Bion*. Madrid, Tecnipublicaciones S.A., 1991

satisfeito ou completado; portanto, a tendência para ações evitativas é grande, e a mente está sempre em condições de criar mentiras para se opor a esta dor.”, diz Grinberg⁸⁹.

Para Bléandonu⁹⁰: “[Os enunciados falsos] remetem à incapacidade do ser humano de perceber a verdade ao passo que os [enunciados mentirosos]provêm do embuste feito por alguém que percebeu a verdade.” Retomando o que diz sobre o assunto Carlos Amaral Dias em *Tabela para uma nebulosa*, estaríamos diante de uma gradação dos pensamentos míticos, ou seja, uma gradação que vai desde sua utilização fora da própria história intocada, contada pelo próprio de modo a nada mudar, inclusive o seu sofrimento.

Para Amaral Dias, os enunciados falsos, quando trabalhados em análise, “evoluem” para uma mitologia pessoal mais conveniente, ou seja, que permite *transformar*, de certo modo, a própria história.

Do ponto de vista laciano, a verdade, disjunta da realidade, tem estrutura de ficção. Ela é sempre uma verdade semi-dita, naquilo que, do real, pelas palavras, se pode apreender.

Em que pese a disjunção existente entre sujeito ($\$$) e objeto (a), para a qual a cura analítica, na proposta laciana, aponta, a fantasia fundamental, se é defesa contra o embate inevitável com o real, é também a única via de acesso do sujeito à realidade.

⁸⁹ idem

⁹⁰ Bléandonu, Gérard. *Wilfred R. Bion: a vida e a obra 1897-1979*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"...a vida é um sonho do qual jamais acordamos, um sonho onde irrompem aparições prodigiosas como o lírio, a águia e o inesquecível rosto amado com paixão, mas onde tudo se transforma em esquecimento, distância, impossibilidade e detrito...onde reconhecemos que a nossa condição é não saber. É não poder jamais encontrar a unidade. E encontrar a unidade seria acordar."

Sophia de Mello Breyner Andresen⁹¹

Por sua obstinação em empregar o mesmo termo *Phantasie* até ao final da sua obra, apesar de ter ocorrido, desde muito cedo, a descoberta de que essas *Phantasien* tanto podem ser inconscientes quanto conscientes, Freud quis atestar um parentesco profundo. "As fantasias claramente conscientes dos perversos - as quais, em circunstâncias favoráveis podem transformar-se em comportamentos organizados-, os temores delirantes dos paranóicos- que são projetados em outros com um sentido hostil-, as fantasias inconscientes das histéricas- que se descobrem pela psicanálise por trás de seus sintomas-, todas essas formações imaginárias e em estruturas psicopatológicas tão diversas quanto as que Freud assinala, um mesmo conteúdo, uma mesma organização pode ser encontrada, quer seja consciente ou inconsciente, resultado do agir ou representada, tenha ou não havido mudança de sinais e permuta de personagens"... Freud acha mesmo na fantasia o ponto privilegiado onde poderia ser apreendido, com extrema fidelidade, o processo de passagem de um sistema para outro, recalçamento ou retorno do recalçado. É o mesmo

ser misto, o mesmo "sangue misturado" que, próximo do limite do inconsciente, pode passar para um lado ou para o outro, em função principalmente, de uma variação de investimento... Freud não faz coincidir a principal linha de diferenciação com a barreira tópica (censura) que separa os sistemas préconsciente-consciente de um lado, e inconsciente, do outro.⁹²

Como dizia Freud em seu aqui tão comentado texto de 1911 "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental"- texto que, como ficou dito, Bion valoriza bastante em sua obra-, a fantasia é "uma espécie de atividade do pensamento que foi expelida, foi mantida livre do teste de realidade..."

A fantasia freudiana não coincide com uma barreira tópica sendo antes, conforme a releitura lacaniana parece indicar, uma construção lógica, um axioma.

No confronto com a castração - que poderíamos grafar com Lacan $[S(\overline{A})]$, o Outro nada garante -, a fantasia é a forma possível para o sujeito neurótico de (su) portar o real. Ela é também o que alimenta o gozo fálico, mais sofrimento que prazer, como foi referido. Onde a cura formulada por Lacan como a travessia da fantasia, isto é, como a necessária e difícil constatação da disjunção entre sujeito barrado e objeto. A verdade toda não há. O objeto da pulsão é precário. Ao sujeito, "nos estreitos limites entre a gramática e a lei"⁹³, a liberdade de espreitar a realidade, nos enquadres de uma (sua) janela .

⁹¹ Andresen, Sophia de Mello Breyner. "Vila D'Arcos", in *Histórias da Terra e do Mar*. Lisboa, Texto Editora Lda, 1989.

⁹² Laplanche, Jean, Pontalis, J.-B. *Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

⁹³ Ramos, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro, Record, 1996

Em termos bionianos, a fantasia é resultado da ação da função α sobre os elementos β . Mas dizer assim é tomar um partido que Bion não tomou. Passível de ser conhecida apenas em sua forma narrativa, ela se “distribuiria”, em termos da Tabela, entre os sonhos, os mitos e as pré-concepções. Base de todo conceito mas também de toda ação, ela se “presentificaria” no cruzamento dos dois eixos da Grade mais que em seu eixo vertical, e uma Teoria do Pensamento sozinha não pode dela tratar.

Talvez Bion tenha desejado delimitar-se de Melanie Klein não nomeando a fantasia no contexto de sua obra, hipótese que nunca poderemos confirmar. De todo modo, em sua Teoria do Pensamento ele parece desvalorizar a noção de fantasia enquanto “uma espécie de atividade do pensamento” bastante particular. Se desconhecêssemos a sua noção de realidade última, teríamos que concordar com Elisabeth Roudinesco e com Diana Rabinovich e afirmá-lo um cognitivista. Ele parece crer na transformação da realidade por um saber esclarecido .

Bion sabia muito bem que as relações dominadas pelo amor ou o ódio, encontravam-se no próprio centro da análise kleiniana. Decidiu dedicar-se ao estudo da ligação K, que se presta à aprendizagem pela experiência. A atividade K representa uma relação psicanalítica. Para Bléandonu, “a ligação K constitui a contribuição pessoal e realmente inovadora de Bion.”

Ao *período epistemológico*, ou seja, aquele que é presidido pelo ideal de uma psicanálise científica e no qual Bion elabora a sua Grade ou Tabela, segue-se o que será conhecido como período místico. “Os místicos”, diz Bléandonu, “são os únicos a acreditar que a

realidade absoluta não é inacessível. É com eles que Bion por fim simpatizou... “O analista deve concentrar a sua atenção em Ó, o desconhecido e o incognoscível”, diz Bion.

Segundo Bléandonu, “só existe psicanálise se este ponto de vista for mantido. Bion denotava este vértice psicanalítico pelo signo Ó, que [como vimos], representa a realidade última, a verdade absoluta, a divindade e a coisa-em-si. Este limite, Ó, pode ser um “vir-a-ser” mas não pode ser conhecido. O psicanalista não pode se identificar com o vértice representado por Ó; deve ser o próprio Ó. Na medida em que se torne o próprio Ó, ele é capaz de conhecer os acontecimentos que forem evoluções de Ó. Este absoluto não atinge, salvo acidentalmente, a esfera do conhecimento. Isto ocorre quando ele evolui até o ponto em que pode ser conhecido a partir da experiência e formulado em linguagem sensorial. Por outras palavras, *tudo que pertence à consciência nos chega através da elaboração de Ó*”.

Em *Bion Hoje*, Muniz de Rezende, em várias oportunidades, aproxima Lacan e Bion, utilizando como elo de ligação a importância que ambos dão, segundo ele, à simbolização. Essa aproximação não leva em conta as diferenças de concepção desta noção nos dois autores. Mesmo sem entrar no mérito desta questão, vale recordar que, partindo da idéia de que a experiência profunda da humanização é uma experiência de acesso ao simbólico, Bion propõe que este acesso seja feito através do conhecimento, ou seja, sua proposta, ao que parece, é a de um acesso cognitivo ao conhecimento de si, não fosse também verdade que sua conceitualização da realidade última e sua solução mística amplia esta proposta. De todo modo e, a nosso ver, importa referir que Lacan e Bion não parecem convergir quanto à “solução” que propõem para as mesmas questões

fundamentais da psicanálise. Isso mesmo fica expresso nas categorias que esta dissertação aborda, seja, a realidade e a fantasia e sua conexão.

No que diz respeito ao simbólico, Lacan anela os três registros RSI que concebe para o funcionamento mental, indicando que não há hierarquia de valor entre eles e que, ao contrário, os três registros só funcionam em conjunto. A verdade, não-toda, é disjunta da realidade (enquanto real); essa realidade apenas é representável na construção mítica da realidade psíquica, isto é, da fantasia.

No contexto do pensamento bioniano, realidade e fantasia são duas noções quase contraditórias, ao menos no que diz respeito ao Princípio de Realidade freudiano, lido aqui como uma evolução do Princípio do Prazer, a ser alcançada pelo desenvolvimento do pensamento consciente. À fantasia não é dada qualquer ênfase. Tratadas muitas vezes no plural, as fantasias parecem constituir formas primitivas de pensamento. A conexão da fantasia com o conceito bioniano de realidade última, por outro lado, não é explicitada.

A realidade externa aparece como princípio corretor do mundo fantasístico, conclusão a que se pode chegar, por exemplo, quando lemos em Bléandonu⁹⁴: “Bion insistia na divergência, que cresce sem parar, aumentando o fosso durante o desenvolvimento, entre as personalidades psicótica e não-psicótica. Colocava como diferença essencial a substituição do recalque pela identificação projetiva...A esquizofrenia resulta essencialmente de um excesso de identificação projetiva utilizado contra a personalidade e, em especial, contra os aspectos postos em funcionamento pela supremacia do Princípio de Realidade. O que inclui o juízo crítico. O paciente não pode mais diferenciar o real do

⁹⁴ Bléandonu, Gérard. *Wilfred R. Bion: a vida e a obra 1897-1979*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993

irreal, uma vez que expulsou de sua psique sua capacidade de discernir.” Segundo Bléandonu, “Bion organizava sempre sua reflexão a partir das transformações que se impõem à psique quando o Princípio de Realidade preside o seu funcionamento.”

Vimos como na consideração dos dois princípios do funcionamento mental Bion se atem ao Freud do artigo de 1911 e, nessa matéria, não soluciona o impasse kleiniano.

Em Bion, “o pensamento é um substituto da descarga motora. A capacidade de pensar permite protelar e suportar a espera entre o momento em que se sente o desejo e o momento em que uma ação apropriada o satisfaz... À medida que ganha em realismo, a psique substitui pelo pensamento a descarga motora utilizando-a para modificar o meio ambiente.” Para Bion, o “pensamento” resulta da união de uma preconcepção com uma frustração. “O pensamento resulta do encontro com uma “realização” negativa.”

Para Lacan, é também a partir do Princípio de Realidade que o aparelho psíquico se organiza; porém, este é entendido como o defrontamento obrigatório não com a realidade empírica mas com o real. O “princípio de realidade lacaniano”, por assim dizer, não se encontra em ruptura com o Princípio do Prazer mas trabalhando antes em função deste, o que permite a formulação lacaniana anteriormente referida- a fantasia é a própria realidade psíquica.

Se quiséssemos insistir em uma “tradução” diríamos que, para Lacan, os significantes (elementos α) vem nomear o inominável (elementos β) constituindo o arcabouço estrutural do sujeito a partir do recalque (barreira de contacto), o arcabouço estrutural do sujeito sendo o enredo, necessariamente ficcionado, que o sustenta.

Em nossa opinião, a “novidade” no contexto da obra de Bion não é o K do conhecimento, como propõe Bléandonu mas a noção de realidade última -, nitidamente aproximável do

real lacaniano, não fosse uma diferença fundamental, qual seja, o modo de abordar a questão da verdade.

Disjunta da realidade (do real) em Lacan, a Verdade é entendida em Bion como sinônimo de realidade última - horizonte longínquo, inominável, não alcançável por meio das palavras mas que o trabalho do psicanalista, por meio de “fé científica”, deve visar alcançar.

Por fidelidade à Melanie Klein e, paradoxalmente, por dela “querer” se delimitar(?) Bion distancia-se da fantasia embora esta não o deixe repousar. Sua trilogia fantástica *A Memória do Futuro* é a sua autodenominada *ficção* .

POSFÁCIO (PÓS-FÁCIL)

Quando dava por “terminada” a tarefa de escrever esta dissertação, li um texto de Pedro Almodóvar⁹⁵ publicado a propósito de seu mais recente filme *Tudo sobre a minha mãe* (*Todo sobre Mi Madre*), então por estrear.

Curiosamente, Almodóvar tratava da relação entre ficção e realidade, o que me fez recordar a inexatidão ficcionada da autobiografia de Goethe *Poesia e Verdade*, comentada por Lacan e citada nesta dissertação.

Diz assim o cineasta espanhol: “Eu aprendi muito com a minha mãe, sem que ela nem eu tenhamos dado por isso. Aprendi uma coisa essencial para o meu trabalho: a diferença entre ficção e realidade e como a realidade necessita de ser completada pela ficção para tornar a vida mais *fácil* (...). Como complemento do salário do meu pai, a minha mãe começou com o negócio de ler e escrever cartas. Como em “Estação Central do Brasil”. Eu tinha oito anos; normalmente era eu quem escrevia as cartas e ela quem lia as que os vizinhos recebiam. Em mais de uma ocasião, *fixei-me no texto que a minha mãe lia e descobri com espanto que não correspondia exatamente ao que estava escrito no papel: a minha mãe inventava parte*. As vizinhas não sabiam, porque a parte inventada sempre vinha na sequência das suas vidas e ficavam encantadas após a leitura.

Depois de comprovar que a minha mãe nunca se atinha ao texto original, um dia, a caminho de casa, fiz-lhe esse reparo: “Porque é que leste que ela se lembra muito da avó de quando a penteava à porta de casa com a bacia cheia de água? A carta nem sequer fala da avó?”, disse-lhe eu. “Mas viste como ficou contente”, disse-me ela.

Tinha razão. *A minha mãe preenchia os vazios das cartas que lia às vizinhas,[com] o que elas queriam ouvir.* Às vezes, coisas que provavelmente o autor se teria esquecido e que gostaria de ter escrito.

Estas improvisações constituíram para mim uma grande lição. Estabeleciam a diferença entre ficção e realidade e como a realidade precisa de ficção para ser completa e mais agradável, mais *fácil* de viver.”

Vários comentários me ocorreram ao ler o texto de Pedro Almodóvar. Certamente o importante que foi ele ter uma mãe que inventava, e ainda, poder “comprovar” que a mãe nunca se atinha ao texto original. A mãe preenchia os vazios das cartas que lia com a sua invenção.

Talvez por isso ele tenha também escrito que as mães “não precisam de fazer nada de especial para serem especiais, importantes, inesquecíveis, didáticas.” Diz o cineasta: “As mães pisam sempre solo firme.”

O mesmo não podemos dizer do trabalho do psicanalista. Ele não inventa nada. Não endossa (nem adoça) a ficção do analisante e não a pode dizer em seu lugar. Cabe a ele escutar as palavras com que o analisante preenche o vazio do texto que enuncia. Sua preocupação, se uma houvesse, não é com a exatidão do enunciado.

“A realidade precisa da ficção para ser completa”, diz Almodóvar. É fato. O que não quer dizer que esta “completude” a torne “mais agradável, mais *fácil* de viver”. A fantasia, no que ela contem de gozo, é frequentemente mais dor que prazer.

⁹⁵ Almodóvar, Pedro. “O último sonho”, in *Público*. Lisboa, 10 de outubro de 1999

Em todo caso, no *só-depois* do “dever” cumprido e a espera do que há *dever*, bem se pode dizer, não sem alguma ironia - até que foi *fácil*...

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Ana C.** *Ensaio para a informatização da Tabela de Bion*. Lisboa, tese de mestrado, ISPA, 1998.(inérita)
- Bion, Wilfred Ruprecht** *A Atenção e interpretação: o acesso científico à intuição em psicanálise e grupos*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1991
- Bion, Wilfred Ruprecht.** *Taming Wild Thoughts*. London, Karnac Books, 1997
- Bléandonu, Gérard.** *Wilfred Bion: his life and works 1897-1979*. New York, The Guilford Press, 1996.
- Bléandonu, Gérard.** *Wilfred R. Bion: a vida e a obra 1897-1979*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1993.
- Burgoyne, Bernard & Sullivan, Mary.** *The Klein-Lacan Dialogues*. New York, Other Press, 1999
- Cabral, Maria de Fátima Sarsfield.** *Pensar a emoção: o processo psicanalítico como reconstrução da "Barreira de Contacto"(Bion)*. Lisboa, Fim de Século Edições Lda, 1998.
- Calligaris, Contardo.** *Hipótese sobre o fastasma na cura psicanalítica*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1986.
- Chemama, Roland (org.)** *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris, Larousse, 1993.
- Chiland, Colette.** "Le statut du fantasme chez Freud", in *Revue Française de Psychanalyse*, 2-3, tome XXXV, mars-juin, 1971.

- Chuster**, Arnaldo. *Diálogos Psicanalíticos sobre W.R.Bion*. Rio de Janeiro, Tipo e Grafia, 1996.
- Consentino**, Juan Carlos. *Construcción de los conceptos freudianos*. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1996.
- Corrêa**, Ivan . *A escrita do sintoma*. Recife, publicação do Centro de Estudos Freudianos, 1997.
- Cottet**, Serge. *Freud e o Desejo do Psicanalista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- Deleuze**, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988
- Dias**, Carlos Amaral. *Tabela para uma nebulosa-desenvolvimentos a partir de Wilfred R. Bion*. Lisboa, Fim de Século Edições Lda, 1997.
- Dias**, Carlos Amaral e **Fleming**, Manuela. *A Psicanálise em Tempo de Mudança- contribuições teóricas a partir de Bion*. Lisboa, Edições Afrontamento, 1998.
- Dias**, Carlos Amaral., **Rezende**, Antonio Muniz., **Zimmerman**, David. *Bion Hoje*. Lisboa, Fim de Século Edições Lda, 1998.
- Dias**, Carlos Amaral. *O Negativo ou o retorno a Freud*. Fim de Século Edições Lda, 1999
- Ferreira**, Isabela Fernandes Xavier. *Do que se trata na análise- um estudo sobre a finalidade da análise*. Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UFRJ, Programa de Pósgraduação em Teoria Psicanalítica- UFRJ, 1998. (inédita)

França, Maria Olympia (org). *Bion em São Paulo- ressonâncias.* São Paulo, Acervo Psicanalítico Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 1997

Freire, Ana Beatriz, Fernandes, Francisco Leonel, Santos Souza, Neusa *A Ciência e a Verdade - um comentário.* Rio de Janeiro, Revinter, 1996.

Freire, Ana Beatriz. *Por que os planetas não falam?.* Rio de Janeiro, Revinter, 1997.

Freud, Sigmund . *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.* Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977.

_ “Projeto para uma Psicologia Científica”, 1950[1895], vol. I

_ “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”, 1897, vol.I

_ “Estudos sobre a Histeria”, 1893-1895, vol.II

_ “Novos Comentários sobre as Neuropsicoses de Defesa”, 1896, vol. III

_ “Escritores Criativos e Devaneio”, 1908[1907], vol. IX

_ “Fantasias Históricas e sua relação com a bissexualidade”, 1908, vol.IX

_ “Romances Familiares”, 1909[1908], vol.IX

_ “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, 1911, vol. XII

_ “A História do Movimento Psicanalítico”, 1914, vol. XIV

_ “As Pulsões e seus Destinos”, 1915, vol. XIV

_ “História de uma neurose infantil”, 1918[1914], vol. XVII

_ “Uma criança é espancada- uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais, 1919, vol. XVII.

_ “Além do Princípio do Prazer”, 1920, vol. XVIII

_ “A Negativa”, 1925, vol. XIX

_ “Construções em análise”, 1937, vol. XXIII

Gerbase, Jairo. "Fantasia ou Fantasma", in *Falo n° 1*, Salvador, 1987

Goethe. *Poesie et Verité- souvenirs de ma vie.* Paris, Aubier, 1941

Granon-Lafont, Jeanne. *A topologia de Jacques Lacan.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

Grinberg, Léon, Sor, Darío, Bianchedi, Elizabeth Tabak. *Nueva Introducción a las ideas de Bion.* Madrid, Tecnipublicaciones S.A., 1991..

Isaacs, Susan. “Nature et fonction du phantasme”, in *Développments de la psychanalyse.* Paris, PUF, 1976.

Jorge, Marco Antônio Coutinho. *Sexo e Discurso em Freud e Lacan.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

Kaufmann, Pierre (org.). *L'apport freudien-éléments pour une encyclopédie de la Psychanalyse.* Paris, Larousse-Bordas, 1998.

Kaufmann, Pierre (org.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise - o legado de Freud e Lacan.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.

Lacan, Jacques. *O Seminário, livro III: As psicoses.* (1955-1956). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985

Lacan, Jacques. *O Seminário, livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

Lacan, Jacques. *O mito individual do neurótico* (1953). Lisboa, Assirio e Alvim, 1987

Lacan Jacques. *O Seminário, livro VII: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, Jacques. “Para-além do “Princípio de Realidade” (1936) in *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998

Lacan, Jacques. “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”(1958), in *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998

Lacan, Jacques. “A direção do tratamento- limites de seu poder” (1961), in *Escritos*.Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998

Lacan, Jacques. “De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité”(1968), in *Scilicet n° 1*.

Laplanche, Jean, Pontalis, J.-B. *Fantasia originária, fantasias das origens,origens da fantasia.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.

Laplanche, Jean, Pontalis, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise.* Rio de Janeiro, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

Leclair, Serge. *On tue un enfant.* Paris, Éditions du Seuil, 1975.

- Lévi-Strauss, Claude.** “A eficácia simbólica”, in *Antropologia Estrutural*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1967
- Lévi-Strauss, Claude.** “O feiticeiro e sua magia”, in *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1967
- Magritte, René.** “La clé des champs”., in *Catálogo da Exposição Fundació Joan Miró*. Barcelona, 1998
- Marini, Marcelle.** *Lacan - a trajetória do seu ensino*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- Martinho, José.** et alii. *Esquecimento e Fantasma*. Lisboa, Assirio & Alvim, 1991.
- Martinho, José.** “Construção e fim da análise”, in *Carta da Antena do Campo Freudiano*. Lisboa, 1999.
- Miller, Jacques-Alain.** “Duas Dimensões Clínicas: sintoma e fantasia”, in *Percurso de Lacan - uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
- Miller, Jacques.-Alain.** “Le programme de la psychanalyse”, in *Revue Quarto*, n^o37/38, 1989
- Nasio, Juan David.** “O objecto da fantasia”, in *A criança magnífica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- Souza, Octávio.** “Considerações sobre a fantasia no percurso analítico”, in *Revirão* 1. Rio de Janeiro, Aoutra Editora.

Rabinovich, Diana. *El concepto de objeto en la teoria psicoanalitica-sus incidencias en la dirección de la cura.* Buenos Aires, Manantial, 1993.

Ramos, Graciliano. *Memórias do Cárcere.* Rio de Janeiro, Record, 1996

Rezende, Antonio Muniz. *Bion e o futuro da psicanalise.* Campinas, Papirus Editora, 1993.

Rezende, Antonio Muniz. *A metapsicanálise de Bion - além dos modelos.* Campinas, Papirus Editora, 1994.

Rezende, Antonio Muniz. *Wilfred R. Bion: Uma psicanálise do pensamento.* Campinas, Papirus Editora, 1995.

Ribeiro, Paula Mancini. *A fantasia como residuo - um estudo sobre a realidade psíquica.* Rio de Janeiro, tese de mestrado do Instituto de Psicologia da UF'RJ, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalitica - UFRJ, 1997.(inédita)

Ribettes, Jean-Michel. "A terceira dimensão da fantasia", *Revirão* 1. Rio de Janeiro, Aoutra Editora.

Rosa, João Guimarães. "A terceira margem do rio", in *Primeiras Estórias.* Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1974

Roudinesco, Elisabeth. et **Plon, Michel.** *Dictionnaire de La Psychanalyse,* Paris, Fayard, 1997.

Segal, Hanna. *Introdução à Obra de Melanie Klein.* Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975

Symington, Joan e Neville. *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Lisboa, Climepsi Editores, 1999

Vidal, Eduardo. “Die Verneinung - a negação”, in *Letra Freudiana*, ano VIII, nº5. Rio de Janeiro.

Vidal, Eduardo. “Sobre o fantasma”, in *HanS* nº1. Rio de Janeiro, Letra Freudiana, ano X, Nº9.

Wine, Noga. “Da ação da pulsão ao verbo da fantasia - a fantasia: nossa realidade psíquica”, in *Pulsão e Inconsciente- a sublimação e o advento do sujeito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

Zimmerman, David. *Bion - da teoria à prática*. Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1995.